

História de uma Caminhada

MIEAC



1972 - 2022

**Missionários
Leigos
Evangelizando**

Coordenação:
Wagner Pedro Menezes
Domênico Rossi (Bruno)
Antoninho Tatto

Missionários do MEAC
(Missionários para Evangelização
e Animação de Comunidades) – (1972-2022)

HISTÓRIA DE UMA CAMINHADA MEAC 50 ANOS

“Ai de mim,
se eu não evangelizar”

(2Cor 9,16)

O Recado Editora Ltda
R. Antônio das Chagas, 93
04714-000 - São Paulo - SP
Fone: (11) 5181-4242
Whatsapp: (11) 9.6362-0121
e-mail: orecado@orecado.com.br
site: www.orecado.com.br
facebook/instagram: [orecadoeditora](https://www.facebook.com/orecadoeditora)

Copyright © 2022
O Recado Editora Ltda

ISBN - 978-65-88275-02-3

MEAC

e-mail: meac@meac.com.br

site: www.meac.com.br

Fone: (11) 2802-7205

Whatsapp: (11) 9.9454-7181

Capa:

Contamos a história do MEAC neste livro, com a ajuda de Osmar Koxne que, juntando todos estes símbolos criou a capa deste livro.

ORAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS LEIGOS

Rezada no dia 25 de cada mês,
por todos os missionários do MEAC

PAI AMADO

Neste momento nos reunimos em nome do Pai,
do Filho e do Espírito Santo.

Em lugares diferentes, em situações distintas,
desejamos estar juntos para Te louvar.

Todos nós, missionários leigos do MEAC.

Também os que um dia caminharam conosco.

Que em Ti possamos nos sentir unidos
para este momento de oração.

Para Te louvarmos e agradecermos
por nos escolheres como missionários leigos.

Queremos responder fielmente a este chamado,
Te amando e Te anunciando.

Envia-nos Teu Espírito Santo
para que possamos discernir Tua santa vontade.

Dá-nos humildade para buscarmos
o aperfeiçoamento missionário.

Dá-nos entusiasmo para anunciar
com ardor a Boa Nova.

Perdoa nossos momentos de fraquezas e negligências.

Concede-nos a graça de realizarmos
plenamente a missão de evangelizar.

Aceita, Pai, este nosso momento como
ato de louvor e adoração.

Pedimos, em nome de Jesus
que amamos e queremos amar cada vez mais,
para continuarmos a amar eternamente no céu.

Virgem Maria, Mãe de Jesus e Mãe nossa,
estrela da evangelização, rogai por nós.

Amém!

É HORA DE REFLETIR, AVALIAR, PLANEJAR

Comemorando 50 anos do Meac, muitas coisas passam pela cabeça da gente, coisas que nos levam à reflexão.

Sabemos que poderíamos ter feito mais. Não fizemos mais por limitações de conhecimento, exigências de trabalho, uma vez que somos leigos, com as exigências e responsabilidades diante das necessidades da família. Desde o início nos deparamos com as dificuldades de sustentação da missão, de modo especial da manutenção dos missionários e famílias, sem nunca conseguirmos um equilíbrio, o mínimo indispensável para uma vida digna. Os mais pobres, que não tinham suporte financeiro com um trabalho profissional, seja por uma carência de formação ou por opção evangélica, sempre foram os que mais nos trouxeram preocupações. Buscamos sempre equilíbrio econômico com o fruto do nosso trabalho, divulgando a Palavra de Deus, vendendo livros de formação cristã. Alguns precisaram abandonar a vocação missionária leiga para cuidar da família! Estes nos deixaram um legado, sua luta enquanto caminhavam conosco, seu testemunho quando levaram em frente sua obrigação primeira, a da família.

Esta é a nossa realidade, a de leigos missionários, que nos leva a admirar e louvar a Deus pela vida consagrada de tantos padres, religiosos e religiosas que optaram por servir a Deus na totalidade de suas vidas. A todos os que encontramos e com quem convivemos em cinquenta anos em milhares de viagens, nossa gratidão. Impossível nominá-los sem cometer injustiças. Deus sabe do nosso carinho por todos e da importância que tiveram nas nossas vidas e na nossa opção missionária. No entanto, sentimos obrigação em citar o Pe. Zezinho, amigo desde a primeira hora, presente em muitos momentos nos nossos cursos de comunicação e nos apoiando até com doação de livros para nosso sustento. Encontrar Pe. Zezinho sempre foi uma alegria. Quantas vezes nos encontramos nos aeroportos. Sempre que nos via, vinha ao encontro sorrindo e nos abraçava. Como era bom receber sua saudação e seu abraço, saber de onde vinha ou para onde ia. Queria sempre saber onde seria nossa missão. Sempre foi

carinhoso, e inspiradoras suas palavras de despedida “Boa missão”, era para nós reconhecimento e incentivo. Pe. Gerônimo Finkler com seu carinho, apoio e orientação espiritual foi fundamental em momento muito especial da nossa caminhada, assim como a amizade profunda com o Pe. Sílvio naqueles momentos memoráveis na Paróquia São Sebastião de Ponta Grossa. Foram milhares de padres e centenas de bispos com os quais convivemos intensamente, pelos quais fomos abençoados; trazemos nos nossos corações profundos sentimentos de agradecimento. Como não lembrar e agradecer o incentivo, orientação e formação do saudoso Pe. Gaetano Maiello, diretor das Pontíficas Obras Missionárias, e dos demais diretores que seguiram suas inspirações.

Olhando para o Meac, desde a primeira hora até este momento, vemos a figura, importantíssima, de Manuel Rouxinol, dirigindo O Recado Editora. Sem a Editora e a revista O Recado não teríamos seguido em frente, ainda lá atrás, pois foi sempre a Editora, com seus livros e sua revista, que nos aconselhou, nos fez ver as possibilidades e necessidade de evangelizar na nossa condição de leigos, ajudando-nos na formação da forma mais preciosa, com literatura, histórias, diálogos sinceros e orientações precisas. Foi seu diretor, com Cristina e Talita, que sempre garantiram a edição dos nossos livros, com qualidade, sem erros doutrinários, nem conceitos e pensamentos desnecessários. Que missão esta sua, amigo, Diretor. Obrigado, e Deus te abençoe. Jamais esqueceríamos o Benício, homem simples, sempre solícito nos ajudando com os pacotes e mais pacotes de materiais trazendo lembranças do seu antecessor Jácomo Tatto para nossas viagens.

Agora nos vemos celebrando, mas diante de grandes desafios. A insignificância do nosso grupo, no contexto da Igreja do Brasil, que sempre foi muito generosa como mãe acolhedora, leva-nos a pensar e refletir como continuar esta missão. Temos às vezes a impressão de que estamos oferecendo às pessoas o que menos precisam. É sim preciso ir, mas para quê? É doação de dons, de experiências vivas, de coração ou, pura vaidade? Que Deus nos livre disso! O que temos a oferecer ainda é válido? Há tantos grupos e

peessoas que fazem maravilhas, muito melhor do que podemos fazer. Então? Qual direção seguir agora? Certamente haverá espaço para seguir com criatividade e olhares novos, com “expressões novas e novo ardor” com mentes renovadas. Houve perseverança até aqui. Até mesmo durante esta Pandemia da COVID-19 temos sinais claros do que seja missionariedade. Em cada membro podemos sentir o sofrimento por não poder seguir na rotina de 50 anos. Há um sentimento geral de ausência de algo super necessário para respirar quando não se pode fazer missão como estamos acostumados. Com algumas palavras, outras vezes com pequenas frases e, na maioria das vezes, no silêncio... quanta dor há, quanta frustração, necessidade de presenças amigas e irmãs para sonhar junto, olhar em frente, sentir que ainda há caminho a ser percorrido e que, juntos, podemos percorrer. Estamos privados de tudo isso por circunstâncias que não esperávamos que nos atingissem. Mas as expressões de dor, reveladas ou apenas interiorizadas, são sinais da vitalidade que há ainda em cada um de nós. Conhecendo cada irmão do Meac, quero dizer a cada missionário e a cada missionária: “creia, você é melhor do que pensa ser”. Por isso temos esperança. É isso mesmo, uma gota de água consegue desgastar uma pedra por sua perseverança ao longo do tempo. Para nós, um passo de cada vez. A perseverança não é fácil, é complicada, mas só ao perseverar ultrapassamos barreiras. Muitas vezes ficamos satisfeitos com o que estamos fazendo, deixando de pensar naquilo que seria necessário fazer. É bom lembrar que o que fazemos para nós mesmos, acaba com a nossa morte. O que fazemos para os outros, se eterniza. O que guardamos para sempre será o que doamos. Pensar nisso, nos reserva a surpresa da necessidade de continuar, de entender que evangelizar é preciso e “Ai de mim, se eu não evangelizar” (2^oCor 10-16), mesmo que eu seja missionário de mim mesmo.

Antoninho Tatto (Presidente do Meac)

MEAC, ARDOR E ÍMPETO APOSTÓLICO

Na Igreja, pela luz e força do Espírito Santo, todos são especificamente investidos de um mandato e de uma missão. Ninguém é dispensado. Todos são convocados a assumir a responsabilidade de evangelizar e ser presença viva de Cristo, que se colocou, na sociedade judaica de seu tempo, acima de toda categorização ou desigualdade entre os homens.

Positivamente, como lemos nos *Atos dos Apóstolos*, é essencial a comunhão entre todos os seus membros: “A multidão dos fiéis tinha um só coração e uma só alma. Ninguém dizia seu o que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum” (At 4,32). A vocação comum a todos era a santidade, que não excluía a diversidade de dons e de funções, desde o início, hierarquizadas. Não como uma hierarquia de poder, mas de serviço.

Na Carta de São Clemente de Roma lemos: “Irmãos, cada um de nós, no seu próprio lugar, agradeça a Deus, agindo com boa consciência, com dignidade, sem violar as regras que foram determinadas para a sua função” (41,1).

Ao tomar posse na Diocese de Santo Amaro, grande foi a minha alegria por ver um grupo significativo de leigos missionários, que, num testemunho ardoroso do Evangelho, buscava uma participação mais ativa na vida da Igreja, com funções específicas e complementares. Era o MEAC, “Missionários para a Evangelização e Animação da Comunidades”.

Seus membros, conscientes de que a Missão se estende a todo o Povo de Deus, estavam profundamente imbuídos do desejo de “proclamar os grandes feitos d’Aquele que nos chamou das trevas à sua luz admirável” (1Pd 2,9). Qualificados para empenhar-se na ação evangelizadora, ofereceram verdadeiro suporte humano e espiritual para a consolidação da Diocese recém-criada. Os encontros com Antoninho Tatto e demais membros do MEAC nos animavam no projeto de ser uma presença viva da unidade eclesial, em meio à megalópole de São Paulo, tão diversificada e complexa em suas atividades e interesses.

Esse grupo de missionários leigos não só se fez presente na Diocese de Santo Amaro: tornou-se uma força evangelizadora também em outras Dioceses. Na variedade das perspectivas apostólicas, sem jamais perder a identidade de instrumentos da ação de Deus para a salvação de todas as pessoas, eles não deixaram de estar atentos aos aspectos concretos da realidade eclesial das Igrejas locais. Fato que os levou a criar um método próprio e eficiente do Dízimo. Porém, jamais foi ofuscada a preocupação primordial: conduzir todos à fé e, portanto, ao conhecimento de Jesus Cristo e do Evangelho.

Augurando que o MEAC continue a ser sempre um anúncio missionário da Boa Nova, única, extraordinária e insuperável, do Evangelho do Senhor, rogo as bênçãos divinas para todos os seus membros.

Dom Fernando Antônio Figueiredo, ofm
Bispo Emérito de Santo Amaro – SP

HISTÓRICO DO MEAC, visto e descrito pelo fundador Neimar de Barros.

“Em 1971, janeiro, após o término de um retiro espiritual, o produtor de televisão Neimar de Barros sentiu sua vida totalmente questionada e resolveu ir a fundo nas perguntas sem respostas que apareceram naqueles dias. Foi o início de um maravilhoso processo de conversão que o levou a formar um grupo dentro dos Meios de Comunicação Social: câmeras, cantores, compositores, atores, locutores, músicos... muita gente se interessou pela novidade já que era um enorme contraste com o dia a dia do ambiente. A reunião dos comunicadores chegou a ter quarenta e cinco pessoas semanalmente. Com o aprofundamento, estudo, outros retiros etc. as pessoas começaram a fazer opções maiores quanto à utilização do dom que Deus deu de graça a cada um; aí iniciaram os grandes “problemas”: o câmara não quis mais focalizar determinadas cenas, o cantor não cantava qualquer coisa que lhe mandasse a gravadora, o compositor selecionava os temas, os atores e humoristas escolhiam melhor o texto, os produtores não viam em primeiro lugar a audiência e sim o valor da mensagem etc. Com essa tomada de posição, o grupo passou a ser perseguido, podado, e alguns elementos foram dispensados por manterem a coerência enquanto a maioria não suportou a marginalização e o risco de perder o emprego rendoso. Os remanescentes dessa comunidade de comunicadores junto ao diretor espiritual que também era comunicólogo, Padre John Drexel, Oblato de Maria Imaculada, fundaram o MEAC - Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades, dia 25 de janeiro de 1977; o ato, foi mais a oficialização, porque já viviam a experiência de partilhar com a alegria e a dor entre si, e até o material, onde ninguém ficasse sem o essencial: “A cada um segundo suas necessidades!”. “Desde 1972 que Deus vinha fazendo maravilhas, quebrando tabus, que só percebia quem se ligava aos sinais dos tempos. Havia uma preparação para a vida comunitária do grupo que ia sendo revelada com o leve passar do tempo. O livro “Deus Negro” em 1972 deu um grande estouro de vendagem, foi antecedido pelo “Sorrindo”

que também tinha ido bem mas não a ponto de provocar intenso assédio às livrarias. Em pouco tempo, seu autor Neimar de Barros, um dos fundadores do MEAC, era requisitado para todos os programas de rádio e TV no país, seus poemas declamados e gravados a ponto de chegar à lista dos mais vendidos, batendo recordes que levaram a relação dos best-sellers, tendo ultrapassado a faixa dos dois milhões de exemplares, fato raríssimo em termos de Brasil. Seguiram-se outros livros do autor e dos elementos que formaram o MEAC. O número de participantes foi crescendo e, através dos livros, discos, fitas K-7 etc, passaram a se manter e a manter a família, graças ao trabalho de viagens, pregações, cursos, retiros, etc. Percorrendo o país todo sem ser peso para nenhuma comunidade, servindo de forma gratuita e atingindo até esta data (junho de 1984) mais de três mil cidades, seis milhões de pessoas ao vivo em praças, igrejas, teatros etc. E consequentemente, milhares de quilômetros percorridos. “A popularidade dos pregadores católicos do MEAC chegou a um ponto que se pensou em aproveitar esse ímã da Palavra de Deus e canalizar para um veículo que ainda não exploraram, o cinema. Tomando o título do livro mais popular, **Deus Negro**, e partindo de alguns textos desse livro se poderia enviar uma mensagem que, certamente, atingiria sobremaneira o povo brasileiro que aprecia o cinema e tem tido tão pouca oportunidade de presenciar essa arte com conteúdo cristão. Um filme com o nome **Deus Negro** teria grande chance de aceitação porque mais de dois milhões de leitores identificariam de pronto a obra, se bem que uma pesquisa demonstra que um livro é lido em média por três pessoas no Brasil dando então seis milhões de leitores que, por certo, iam se sentir atraídos, sem falar na propaganda normal que seria feita, já que os elementos do MEAC, cinco equipes, percorrem em média sessenta cidades por mês no país.

“Finalizando: o MEAC é um grupo formado por leigos que se dedicam ao Reino dentro do Campo da Comunicação Social. São homens casados que se colocam em tempo integral a serviço da Palavra de Deus.

JUBILEU DE OURO DO MEAC

À celebração de 50 anos de qualquer acontecimento importante da nossa vida nós chamamos de “Jubileu de ouro”. Isto nos lembra o ano Jubilar que desde os tempos mais antigos o Povo de Deus celebrava a cada 50 anos. O livro do Levítico (25,10-17) descreve com riqueza de detalhes o sentido e as obras que devem acompanhar a celebração do Ano Santo Jubilar. É tempo de libertação, de perdão das dívidas, tempo de retornar ao seio da família. A própria natureza está envolvida neste evento, pois até a terra deve descansar, “porque é um ano sagrado” (Lev. 25,12).

A Igreja, desde o ano de 1300, tem retomado esta prática, e o “Ano Santo” que era celebrado a cada 100 anos, inicialmente, passou a ser celebrado a cada 50 anos e, ultimamente, a cada 25 anos, sem contar os numerosos “Anos Santos extraordinários” comemorativos de grandes acontecimentos da nossa Redenção.

50 anos do MEAC é o Jubileu de ouro dos Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades. É o nosso Ano Santo Jubilar, “o nosso ano sagrado”.

A melhor forma de celebrá-lo será voltar às fontes bíblicas e realizar o que Deus manda o seu povo fazer.

Que bom seria se todos os membros do MEAC se reencontrassem, se alguma mágoa, fruto de divergências naturais ou de algum desentendimento, comum entre pessoas que vivem e trabalham em grupos, fosse esquecida, se todas as feridas fossem saradas e o MEAC voltasse a ser “a família original” que, apesar de tudo, tantos frutos produziu em 50 anos.

Sabemos que toda divisão enfraquece. Imagino o MEAC muito mais forte e o seu testemunho para a Igreja muito mais luminoso se todas as forças se unissem, resguardados os dons e a vocação pessoal de cada membro, uma vez que “unidade não é uniformidade”, como sempre nos lembra o Papa Francisco.

Isto exige de nós humildade, coragem para dar o primeiro passo e ir ao encontro de quem precisa da nossa aproximação, bem como exige renúncias pessoais e diálogo fraterno. Tudo

isto é possível quando existe o verdadeiro amor. Este é o momento de abrir caminhos: a graça de Deus e o tempo se encarregarão de executar o resto da obra.

É inegável que o Senhor tem enriquecido o MEAC de muitos talentos desde o início de sua caminhada. Como é normal em qualquer instituição humana, alguns talentos brilham mais, outros menos.

O mesmo acontecia no início da Igreja, entre os apóstolos e as demais pregadores do Evangelho. Havia Paulo e Apolo e muitos seguiam Apolo porque falava “mais bonito” do que Paulo que não tinha grandes dotes de oratória. Ora existe evangelizador maior do que Paulo? Havia Pedro e os demais apóstolos. Alguns se destacaram mais, mas todos doaram sua vida pelo Evangelho e edificaram a Igreja de Jesus Cristo.

Não há dúvida que, entre centenas de missionários que passaram pelo MEAC, alguns demonstraram dons especiais, como inteligência brilhante, capacidade de coordenar e unir as pessoas, oratória fluente, habilidades artísticas, facilidade de comunicação e grande familiaridade com os meios modernos de tecnologia, pensadores e escritores primorosos e por isto se destacaram mais, enquanto muitos outros brilharam menos mas carregaram o MEAC nas costas e realizaram, silenciosamente, trabalho de evangelização de grande valor. Reconhecendo o dom de cada um, agradecemos a Deus e pedimos em oração que cada um coloque sempre o seu talento a serviço do Reino de Deus.

Enquanto estamos sonhando com esta possibilidade de reencontro e de união fraterna e rezamos para que o “todos sejam um” se realize para o bem do MEAC e melhor serviço à Igreja, também lembramos que “a diáspora” que tem acontecido ao longo da história do MEAC é um sinal positivo, fruto da ação do Espírito Santo.

O MEAC é, acima de tudo, um movimento laical para despertar o espírito missionário na Igreja. Como costuma repetir Antoninho Tatto: “O MEAC desperta missionários, que despertam missionários, que despertam missionários”. A missão do MEAC, o seu carisma, tem sido, de muitas formas, despertar e formar missionários.

Ora, na medida em que o missionário desperta, cresce e chega à maturidade, se sente livre para voar. Sente a necessidade de abandonar o ninho e bater as asas. Pode ter sido esta a realidade do MEAC.

Ao longo de 50 anos, centenas de irmãos e irmãs têm participado do MEAC, assumindo um compromisso temporário. Por um motivo ou por outro, muitos destes missionários têm se desligado da associação, mas muitos deles estão inseridos em tantas outras atividades pastorais da Igreja ou em atividades promocionais na sociedade, incentivados e fortalecidos pela formação recebida no MEAC. É sinal de que o MEAC tem cumprido a sua missão e continua formando missionários, mesmo que estes não permaneçam definitivamente ligados à instituição. São tantos os egressos que afirmam que carregam o MEAC no coração e, pelo menos afetivamente, continuam sentindo-se membros do MEAC.

Para todos os membros do MEAC, efetivos ou afetivos, a celebração dos 50 anos deve ser a grande oportunidade para dar graças a Deus, alegrar-se e renovar o entusiasmo para dar continuidade a esta bela missão.

Que um grande encontro, contando com a presença de todos, ao longo de 2022, possa expressar a realização destes votos, celebrar o Jubileu pelos 50 anos do MEAC e ser um marco para o início de uma nova caminhada.

Bruno Domenico Rossi (vice-presidente do Meac)

PARECE QUE FOI ONTEM

A revolução do Concílio Vaticano II apenas engatinhava. Até então, evangelizar era uma tarefa exclusivamente clerical. Quando muito, um leigo poderia ocupar alguma função na catequese e, raramente, na liturgia, se possuísse algum dom para canto ou música sacra. Pregar, escrever ou desempenhar funções relacionadas à evangelização, normalmente, era função dos consagrados, bispos, padres e freiras.

Em clima de mudanças surgiu, em 1972, o MEAC: um grupo de leigos que descobriu ser possível assumir o desafio de uma vida missionária evangelizando a partir do meio e da profissão que exerciam. Nascido de um movimento aberto às necessidades da Igreja, o Cursilho de Cristandade, alguns comunicadores e artistas cristãos se empolgaram com a ideia de, também eles, assumirem a tarefa evangelizadora. Arregaçaram as mangas, muniram-se do espírito missionário que os motivava e ganharam a estrada com a cara e a coragem.

Nesse time de novos arautos, pregadores e evangelizadores destemidos, estavam muitos nomes conhecidos do público brasileiro, pois que saíam dos MCS tão somente para testemunhar a fé que os movia. Em poucos anos já eram conhecidos no Brasil todo, pondo em risco a vida profissional e a estabilidade financeira em função do Evangelho. Mesmo assim, foram adiante. Citar nomes, no momento, é desnecessário, pois que os conheceremos logo mais adiante, um a um, pouco a pouco. Bom mesmo é recordar esse pioneirismo numa Igreja em transformação, que deixou sua marca e apontou na prática o caminho do protagonismo e da missão do leigo na Igreja e no mundo. O leigo descobriu ser ele próprio a Igreja no mundo.

É essa descoberta que permitiu ao MEAC – Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades – construir uma história de 50 anos. Muitos ficaram pelo caminho. Outros partiram para o outro lado. Alguns desistiram. Mas outros mais se somaram ao grupo e muitos continuam chegando. Hoje há núcleos espalhados por todo Brasil, do Norte ao Sul – sendo o mais caçula o núcleo de Manaus – e em outros países, em especial em Moçambique – África – e Guiné Bissau onde

desempenham um excelente trabalho de animação e coordenação da Pastoral do Dízimo, na diocese de Maputo. Nos últimos anos, tem sido essa a tônica da missão e quase que a identidade evangelizadora do grupo, que, através do Dízimo, continua mostrando ao povo de Deus a responsabilidade de fazer frente às carências da Igreja Missionária, especialmente na questão da partilha, aquela que nos identifica como irmãos. A convicção do MEAC parte desse princípio evangelizador: a partilha é nosso maior testemunho. Partilha de bens, responsabilidades, dons, tempo, serviço, conhecimentos, riqueza e pobreza... Partilha que faz da fé cristã uma prática dizimal por excelência.

Mas longe essa ideia de sermos tão somente evangelizadores do dízimo. Se assim o fosse, não teríamos chegado até aqui. Há um leque muito mais amplo na dinâmica de um grupo que se propôs, desde seu início, colocar os dons de cada missionário a serviço do Reino. Sendo assim, trabalho não falta. Sendo assim, nossa história de luta e perseverança nestes cinquenta anos está apenas no início de uma caminhada. O deserto já atravessamos. O que vem por aí, só Deus sabe. Mas uma certeza possuímos: Ele quer contar conosco para continuar sua obra. Se você se sentiu chamado(a), venha conosco! Siga-nos nestas páginas que escrevemos com muito orgulho e alegria por Deus nos ter permitido chegar até aqui. Daqui para frente, só Ele sabe...

Wagner Pedro Menezes

UM POUCO DA NOSSA HISTÓRIA (contada pelo Arthur Miranda)

DE UMA AÇÃO NASCE UMA IDEIA, DA IDEIA A MISSÃO

Estávamos em Governador Valadares, eu (Arthur Miranda) e Neimar de Barros. Naquele dia, Neimar sentira febre e indisposição física. Teríamos duas palestras, uma para adultos e outra para jovens no dia seguinte. Nossa palestra seria “Testemunhos e Alegrias sobre a influência dos meios de comunicação no mundo de hoje”. Mas Deus estava me preparando uma surpresa incrível.

No meio da palestra, diante de um auditório de mais de mil pessoas, Neimar sentiu-se mal e passou o microfone e a palavra para eu continuar. Peguei o microfone, dei continuidade ao papo e terminei preocupado com o que estava acontecendo com o Neimar. Ele encerrou meio de repente, despedindo-se e o apresentador anunciou nova palestra do Neimar para o dia seguinte de manhã, para jovens. No final, os coordenadores nos convidaram para jantar. Achávamos que o Neimar estivesse apenas gripado. Ele, porém, sentia fortes dores no peito e sua vontade era ir para a cama.

Voltamos tarde para a casa onde estávamos hospedados. Não me lembro do nome do casal, mas apenas que era proprietário de uma empresa de bebidas. À noite ficamos recordando o início de tudo. Há cinco anos fundamos um pequeno grupo de comunicadores, com o nome de CAC – Comunidade de Artistas Cristãos. Como sempre, gostei de fazer chacota, chamei o grupo de Cooperativa Agrícola de Cotia... Reuníamos-nos nos fundos da Igreja da Consolação, em São Paulo. Havíamos saído do Cursinho de Crisandade e resolvemos viver nossa fé ligados à Igreja Católica Apostólica Romana.

Havia tanta gente! Antônio Marcos, Vanusa, Raul Gil, Almir Rogério, Luiz Carlos Clay, bailarinas, cameraman da TV e muitos outros ligados aos meios de comunicação na década de 70. Reuníamos, meditávamos a Palavra de Deus, fazíamos grupos e cada um dava sua opinião a respeito do Evangelho

lido. Rezávamos, cantávamos, assistidos por um padre da Congregação do Sagrado Coração de Jesus – SCJ, o baixinho Pe. Osnilo. Brincando com sua pequena estatura, eu dizia que o mesmo poderia ser diretor espiritual do Nelson Ned, na galhofa, é claro. Às vezes tínhamos a participação do Pe. João Drexel – OMI – Oblato de Maria Imaculada e mais tarde do Pe. Hilário Cristofollini – Missionário Consolata. Muita gente participou e saiu. Por quê? Sei lá...

Tudo isso eu e Neimar recordávamos naquela noite em Governador Valadares-MG, depois de lermos uma revista sobre São Francisco de Assis, que nos tocou profundamente. Já era tarde, perto da madrugada. Neimar não conseguia dormir por causa das dores no peito. Então ficamos conversando e recordando nossas vidas, nossas histórias, as noites passadas em boates, bebendo, e sentados em um bar qualquer, madrugadas adentro, antes da conversão. Agora ali, querendo dormir para falar de Deus na manhã seguinte, mas não conseguíamos pegar no sono.

Recordamos ainda que o grupo passou a denominar-se CCC – Comunidade dos Comunicadores Cristãos, nós já pensávamos em outro nome, pois havia o perigo, na época, em plena ditadura militar, do grupo ser confundido com o CCC – Comando de Caça aos Comunistas, super maligno na época. Lembrávamos de tudo, dos seus livros, três na época, do programa na TV Record – São Paulo, com o título “Neimar em 60 minutos”, muito censurado e que foi tirado do ar na marra, pela direção da emissora, na época Hélio Ansal di.

Recordávamos de tudo, da velha Editora Shalon, na Avenida Miruna, do Teco, do Formignoni, do Ezequiel e toda aquela turma que formava a Editora.

Foi então que o Neimar falou: “Arthur, vamos começar uma comunidade baseada em São Francisco de Assis?”. Eu já quase dormindo respondi: “Vamos!” Olhei o relógio e, totalmente grogue de sono, completei: “Neimar, são quase três horas da manhã, tchau mesmo”. Creio que, naquele momento, começava a nascer o Meac, três horas da manhã, em abril de 1975. Obs: Desde 1972 vínhamos viajando fazendo pregações.

No dia seguinte, Neimar foi para um hospital.

Eu, tremendo feito vara verde, fui substituí-lo na palestra para os jovens. O auditório estava cheio; perto de duas mil pessoas lá estavam para ver o Neimar. Confessei para os coordenadores que estava apavorado. Eles me disseram que o Espírito Santo estaria comigo. Rezamos um Pai Nosso de mãos dadas, pedi a proteção da Virgem Maria e São José, no momento exato em que o apresentador anunciava a impossibilidade da presença de Neimar, por se achar tuberculoso. No lugar falaria seu companheiro, no caso eu, Arthur Miranda. Peguei o microfone e caminhei apavorado para diante daquele povo. Agradecia a Deus pela força e, ao mesmo tempo, minha carinha de comediante de TV, teatro, boate, cabaré e tudo mais, que como artista havia feito. Hoje tenho certeza de que em tudo o que fiz na vida tinha Deus me preparando para aquele dia.

Após essa viagem, Neimar foi internado no Sanatório Santa Cruz, para Tuberculosos, em Campos do Jordão-SP. Era julho de 1975. Em São Paulo, fui tocando o programa de TV já mencionado. Achava que o Neimar iria morrer e nosso sonho de Valadares ia por água abaixo. Época de muitas lágrimas e orações. Dores para o corpo, vigor para alma.

Surge um amparo divino. O cantor cego Jean Carlo se une ao grupo, com sua esposa Helena, e também o cantor Marcos Baby Durães, além do cantor Haroldo Alves, hoje nacionalmente conhecido como Peninha, o meu filhinho espiritual. O Peninha seguiu seu destino. O Marcos Baby Durães também. Mas foram super importantes para a futura comunidade que surgia. Com Jean viajamos por várias cidades, levando o testemunho cristão. Numa destas viagens ficamos conhecendo um futuro membro do Meac, o Lourenço Grando, popular Mazola, já falecido. Mais tarde iríamos todos de mudança para Campos do Jordão. Ali nos reuníamos e iniciamos o Meac. Outros vieram, o Floriano Lins, o Waldemar Fridsch, o Hélio Abel, filho de Campos do Jordão, o Tião e mais tarde o Antoninho Tatto, hoje nosso presidente.

Ali, na rua Inácio Caetano, 476, numa casa preta onde se lia Pavilhão Deus Negro, ali começou a Fundação Meac,

mais tarde Meac – Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades.

Íamos para todo Brasil, de Norte a Sul, de Leste a Oeste. Fazíamos roteiros, perto de quinze cidades por mês. Éramos acolhidos pelos padres em casas paroquiais e residências de casais que coordenavam movimentos de Igreja, como Cur-silhos de Crístandade, Encontro de Casais e de Jovens. Ia Neimar e o Jean, eu e o Neimar, Neimar e Floriano ou Mazola, Neimar e Tião ou Mazola e Waldemar, eu e o Waldemar, etc. Fazíamos rodízio e assim visitamos perto de cinco mil cidades do Brasil, levando nosso testemunho, nossas experiências por todos os lugares possíveis. Não sei se teria coragem de repetir tudo isto nos dias de hoje...

Numa viagem ao Rio Grande do Norte conheci o Urbano Medeiros, músico dos bons, filho de São João do Seridó. Conheci-o por carta e depois pessoalmente. Ele também se juntou a nós e fez parte do Meac. Chegou também o Fonseca, que conhecia o grupo desde a época do programa de TV e se reunia conosco na Comunidade dos Comunicadores Crístãos. Só na década de 80 oficializou sua entrada no Meac. Tantos outros surgiram, fizeram experiência com a gente e partiram para outros trabalhos. Tivemos nesta época a participação do cantor Antonio Cardoso, do qual tenho muitas lembranças.

Coitado do Pe. João Drexel – OMI, escolhido para dirigir espiritualmente esse grupo de leigos questionadores e complicados! Para quem imagina que tudo são flores, todos os que passaram pelo grupo devem ter sentido na carne o peso da cruz de Cristo, o peso de ser missionário, de ser crístão. As dificuldades financeiras, nossas esposas que o digam! Dificuldades que até hoje existem. Perseverar é sempre um drama que agita nossas vidas. Para cada dia de sol tem um de chuva. Cada um de nós que hoje formamos o Meac, tem uma história de sangue, suor e fé. Que o diga minha esposa Margarida, o Antoninho Tatto, o Fonseca e a Neiva, o Sérgio e a Irani, o Wagner e a Célia, de Assis, a Néia e as filhas do Zé Geraldo, os jovens meaquinos Aristides, Luizinho, Kutí, o filho Arthur Jorge, a turma de Feira de Santana, a Áurea de Amador Bueno e sua amiza Zinha. A vida missionária é

como uma roseira: cheia de espinhos no inverno e repleta de rosas no verão.

Uma vez saí de Campos do Jordão juntamente com o valente companheiro Waldemar, que durante 30 anos foi motorista de caminhão. Fomos a Colatina, no Espírito Santo, aproximadamente 900 km de distância. A pessoa que havia marcado a palestra era uma senhora, que se esqueceu da mesma. Quando chegamos na casa dela, estava de saída. Quando sentiu o problema disse, meio nervosa, que a gente errou; “Era para outro dia, vocês chegaram antes da data”. Saiu, fechou a porta e nos deixou como bestas no meio da rua. Estávamos famintos, com sede, quase sem dinheiro. Ficamos num hotelzinho para caminhoneiros. Sem poder dormir, às 23 hs saí do hotel, ao lado da igreja e encontrei um bando de jovens que, no lugar de estudar, ficavam perdidos na noite. Aproximei-me deles, fiz amizade e durante uma hora falei de Jesus e sua mensagem. No final eles compraram alguns dos livros que trazia no meu carro para vender após a frustrada palestra no Colégio Marista. Com isso cobrimos as despesas e tínhamos ajuda para a nossa sobrevivência. Dois dias depois estávamos de volta a casa, em Campos, e qual não foi a surpresa de encontrarmos um telegrama daquela senhora pedindo perdão e oferecendo muitas orações pelo nosso trabalho! Meses depois ela renovou o convite para um trabalho no mesmo colégio. Pudemos então gozar de sua hospitalidade.

Tanto ontem no trabalho de pregações e testemunhos, quanto hoje no trabalho de animação da Pastoral de Dízimo, o Meac tem dado oportunidades para vivermos um espírito de Igreja junto a padres e bispos. Mas ainda não falei de todos os companheiros. Está faltando um, o nosso Mineiro de Arcos, o nosso Sã.

Deixei o Zé Geraldo por último propositalmente. Para que todos pudessem sentir a falta que este faz ao grupo, hoje. Ele que lutou com o câncer e venceu. Lutou para construir o Lar de Maria em Sabará-MG e conseguiu. Lembro-me de ter conhecido o Zé quando este nos convidou para uma palestra em Belo Horizonte, em 1979. Fiquei conhecendo sua esposa Néia, a Tereza, a Flávia, Adriana e Fabiana, o Ivan e o Flávio.

O Zé, sempre ocupado em sua farmácia, no bairro de Floresta. Mais tarde ele passou a ser nosso companheiro, sim, porque irmão ele já era, pela fé, pelo amor a Cristo.

Zé era um cara alegre, que ria das minhas malandragens, dos meus deboches, sempre disponível para nos aconselhar e apoiar nossa caminhada. Eu não sinto tristeza por sua morte, mas inveja. Uma inveja terrível ao ver a crise pela qual passa nosso país: crise de vergonha, de fé e de amor. Essas guerras vergonhosas, onde se gasta por dia em armamento aquilo que acabaria com a fome e as doenças do mundo inteiro. Saber que o nosso Zé Geraldo está no Reino do Amor de Deus, com Jesus, me dá uma inveja danada, que me impede de ficar triste, pois ele está bem melhor que todos nós.

A minha tristeza não é pelos mortos. A minha tristeza é pelos vivos. Toda vez que alguém falar em Lar de Maria, em crianças pobres, vou me lembrar do Zé e vê-lo bem vivo com os apóstolos e santos. A grande alegria é saber que o Meac continua vivo. E se no Meac tive tristezas, como na saída do Neimar ou na morte do Zé, neste mesmo Meac tive a imensa alegria de me sentir Igreja e melhor conhecer o nosso Jesus.

Arthur Miranda

RESUMO TEMPORÁRIO

Fui alfabetizado por Branca Alves de Lima, uma professorinha brasileira que inventou uma Cartilha com o título de **Caminho Suave** e vendeu 50 milhões de cópias. O segredo era que cada letra correspondia a uma imagem (uma imagem vale por mil palavras). Exemplo: A (imagem de uma abelha) B (imagem de uma barriga) C (imagem de uma cebola) D (imagem de um dado) E (imagem de um elefante) F (imagem de uma faca). Daí que cada letra evoca uma imagem e cada imagem explica a própria letra. Por causa dessa professorinha e da minha primeira professora Elza fiz “esse doutorado popular”. Li a Bíblia Ave Maria de 2021 páginas fazendo anotações e respondendo a perguntas do tipo: O que a Palavra de Deus quis dizer para você hoje... Li e reli os 73 livros sem nenhum sacrifício de minha parte. Foi um prazer !!!

O mesmo fiz com o livro Dom Quixote de La Mancha de 1800 páginas (depois da Bíblia é o livro mais lido do mundo).

Segue-se aí o livro Dízimo e Oferta na Comunidade que li, reli, trelí e sou parte dos 3 milhões de leitores que vivem “renovando a experiência” infinita dentro do finito espaço de uma vida.

É o caso agora do livro MEAC: “Cada letra evoca um momento desses 50 anos... uma história íntima, pessoal, significativa para cada nome citado e homenageado. Vejo que cada um somou letras, frases, palavras que eu jamais vou me atrever a cortar ou omitir, posto que foram vividas da maneira mais verdadeira possível.

Enquanto o leigo era apenas um leigo (analfabeto teológico) o Neimar passou a ser o leigo mais ouvido do Brasil, lotando auditórios com bispos, padres e leigos para ouvi-lo. É muita revolução contida nas páginas desse material sobre o qual Bruno em Dias D’Ávila, Wagner em Assis, Tatto em São Paulo e euzinho aqui, em São José, nos debruçamos para fazer uma leitura que emociona, faz lembrar missões gravadas a ferro, fogo, suor e lágrimas.

José Antônio Fonseca

MINHA OPÇÃO PELO MEAC

Em cada um de nós foi lançada a semente da fé. Ela germina, cresce, aparece e aí tomamos uma decisão mais madura no Crisma. E assim continua o desenvolvimento básico com raízes seguras, profundas, mergulhadas na Eucaristia, que fortalece nosso frágil tronco espiritual. E assim vêm folhas felizes, flores alegres e, finalmente, frutos úteis. É claro que uma árvore formada, forte, produtiva, procura partilhar seus frutos em comunidade. Formamos a comunidade familiar e somos impelidos pelo dom da fé a participar ativamente da comunidade maior, a Igreja. Nela aprendemos a colaborar com a sociedade, a cidade, o Estado, o País.

Nesta caminhada de fé, fui descobrindo essas dimensões, esse vai e vem, da família para o mundo, do mundo para a família. Assim conheci o Meac, um grupo de pessoas procurando viver a difícil penitência da vida em comum. O Meac nasceu nos dias agitados do ano de 1972, dentro do caldeirão quente da cidade de São Paulo. O Meac, como ramo da Igreja, procurava sensibilizar as famílias para a mensagem de Cristo. Eu era um caminhante, um peregrino, um migrante sem muita consciência do amor de Deus. E, nesse contexto, encontrei pessoas como eu, com profissões semelhantes e afins, falando, reunindo comunidades de comunicadores cristãos, para testemunhar o amor de Deus. Aí pensei rapidamente: Eis aí um caminho novo, uma grande novidade! Comecei a caminhar junto, em grupo, em comunidade. Comecei a conhecer um caminho que animava, evangelizava, formava, fortalecia: comum-UNIDADE. E assim foi acontecendo, gradualmente, minha opção pelo Meac. Realmente encaro como uma opção: assumir livremente a Cruz e a Ressurreição de ser, no Brasil, dentro da Igreja Católica, um missionário leigo. Que Deus me ajude a ir até o fim desta caminhada, “pensando lucidamente com a cabeça dos primeiros, amando e caminhando com os passos dos últimos”. Assim receberemos o grande prêmio desta vida: OUTRA VIDA, BEM MELHOR!

*Depoimento de José Antônio Fonseca
por ocasião dos vinte anos do MEAC*

DIAS DESSES, FESTEJÁVAMOS OS QUARENTA

Ninguém vence sem sua quaresma. Quando o povo de Deus buscou a liberdade, foi obrigado a se purificar no deserto, trilhando um caminho de quarenta anos. Quando Cristo iniciou sua vida missionária, preparou-se durante quarenta dias de jejum e orações. Nada a ver com o jubileu que ora conquistamos mas, sem voltar nosso olhar para os quarenta anos que tão bem festejamos, faltaria algo nessa história do Meac. Pois bem, nossos quarenta anos de deserto foram celebrados em 2012, em Dias D'Ávila-BA. Forçando uma reflexão mais consistente, temos sim que considerar nossos momentos de deserto, quando avaliamos o histórico de qualquer caminhada.

A história do MEAC é também humana, imperfeita em muitos momentos, e traz em sua essência a unção e as bênçãos divinas pertinentes a todos os que percebem suas insignificâncias e se fazem instrumentos nas mãos do Pai. Naquela assembleia ressaltamos que, ser missionário, dentro dos princípios da fé cristã, não é nenhum privilégio, mas obrigação. Pertencer, pois, a um grupo de leigos que se dizem missionários é apenas somar forças com o outro, para encarar esse desafio com mais coragem. Dois a dois, Cristo nos pediu. Em grupo, em comunidade, a humanidade venceu muitas das etapas difíceis de sua história. Assim também nosso grupo. Desde os primeiros dias, nosso lema, escolhido por nosso fundador, foi: “Ai de mim, se eu não Evangelizar” como lembrança de uma recomendação do nosso padroeiro São Paulo Apóstolo.

Falar dos momentos de glória é fácil e gratificante. Um grupo de leigos cujo trabalho evangelizador ultrapassou fronteiras, arrebanhou multidões, foi censurado e incompreendido em muitas de suas ações, possuiu elementos que foram expulsos dos meios de comunicação por sua postura ética e cristã, mudou e está mudando o conceito de arrecadação financeira dentro da Igreja, dando nova visão à prática do dízimo nas comunidades católicas, não só no Brasil, mas em outros países como EUA, Peru, Moçambique, Guiné-Bissau, Itália, Alemanha... Não é um grupelho qualquer. Setenta por

cento das paróquias brasileiras já receberam um dos nossos missionários. Muitos dos livros editados pelo grupo se tornaram best-seller sem que nenhum órgão de imprensa registrasse tal feito. Mas, nessa história de sucesso, foram muitos os momentos de angústia, decepção, solidão. Chegamos ao fundo do poço quando a imprensa agnóstica (em especial a revista Veja), resolveu nos destruir, aproveitando-se da fragilidade circunstancial de um dos expoentes do grupo, que foi vítima e acabou falecendo pelo mal de Alzheimer.

A reportagem sensacionalista aproveitou-se dessa situação que caiu como bomba dentre nós, pois ainda não tínhamos um diagnóstico preciso dos fatos. Apenas três sobreviveram ao tiroteio que se abateu sobre o grupo. Destes, dois continuam, como a nos provar a impotência das forças demoníacas diante das obras de Deus. Neimar de Barros, fundador e divulgador dessa obra, ao contrário do que muitos pensam e do que dizia a manchete daquela revista, não era um espião da Igreja... Não traiu, nem mentiu durante sua vida missionária, mas foi podado momentaneamente como Paulo em sua queda, como Jó em seu leito de dores e angústias. A esses foram dados o privilégio de conhecer a Deus também através da dor e incompreensão. A Neimar, a cegueira e o silêncio purificaram sua alma contrita, sempre conhecedora de suas fraquezas e limitações. O mal de Alzheimer bem explicou as contradições estapafúrdias daquela reportagem. Justiça seja feita a esse nosso grande missionário.

Sobraram dois. Aos quarenta anos, na nossa assembleia na Bahia, éramos dez vezes mais. No Brasil, EUA, na África, muitos outros. Nunca nos importou o número exato, mas sim a ideia de que, como servos, fazemos apenas o que Deus nos pede. Foi o que disse Dom João Carlos Petrini, bispo de Camaçari, na homilia da missa ao final daquela assembleia quaresmal: “Há quarenta anos o MEAC se antecipou ao que a Igreja nos pede, a missionariedade”. Nos alegrou muito quando refletiu sobre uma realidade inaugurada pelo MEAC. “O Vaticano seguindo a plenos pulmões, desabrochando novidades, espalhando esperanças, e eis que surge uma novidade que se tornaria conhecida em todo o Brasil, um grupo de Missionários

Leigos, pregando nas igrejas do Brasil, o MEAC. A missão nasce da experiência de plenitude com Jesus. Posso garantir a vocês que essa também foi a raiz da minha vida missionária”.
Esse bispo chegou ao Brasil como leigo missionário.

Wagner Pedro Menezes

A VERDADE DE NEIMAR DE BARROS

Durante muitos anos, o MEAC foi conhecido como o grupo de Neimar de Barros. Afinal, um pregador católico saído dos Meios de Comunicação, ex-produtor de Sílvio Santos, que assinou programas de grande audiência na TV, no início dos anos setenta (Boa Noite Cinderela foi um deles) e que deixou tudo, depois de uma conversão dentro de um Cursilho – movimento católico em voga na época – e juntou-se a um grupo de artistas dispostos a evangelizar. Durante 15 anos, Neimar com seu grupo percorreu mais de três mil cidades brasileiras, escreveu mais de uma dezena de livros, dentre eles **Deus Negro**, que vendeu milhões de exemplares.

Quem não se lembra de muitos de seus versos, tais quais aqueles consagrados no poema “Não tenho tempo”? Ou mesmo no desabafo: “Meu Deus, você é negro, que decepção”? Decepção essa que se tornou clamorosa em 1986, quando uma bombástica entrevista da Veja, afirmava: Neimar diz que era espião na Igreja. Tal entrevista arrasou seu grupo e fechou muitas portas para o trabalho evangelizador que desenvolviam na Igreja. Foi nessa época de crise e ceticismo que eu e minha esposa Célia nos somamos a eles, como membros efetivos de um grupo de leigos dispostos a dar continuidade a um trabalho de “loucos”. É claro que nunca compreendemos, nem aceitamos uma linha sequer daquela entrevista. Também não tínhamos nenhuma explicação lógica, a não ser a conclusão mais óbvia: Neimar não está bem psicologicamente. Alguma coisa está errada. Preferimos então o silêncio e a oração por ele.

No mesmo ano, dois livros vieram a público, editados e distribuídos pelo autor, sob os títulos de **A Verdade de Neimar de Barros**, vol. I e II. Suas páginas eram de um conteúdo quase fantasmagórico, falando de um serviço prestado a uma tal Secretária, vinculado ao movimento maçônico internacional, que tinha por fim levantar dados sigilosos da Igreja no Brasil. Neimar seria um agente infiltrado dessa facção maçônica e tentava explicar aquilo que a revista Veja havia publicado. Os detalhes e a memória fantasiosa de um escritor ou roteirista de excelente

produto novelesco aí estavam presentes, menos qualquer lampejo da lógica ou verdade. Quando festejamos os vinte anos de Meac ele – nosso fundador – foi nosso convidado de honra, apesar de seu afastamento das funções missionárias. Essa sua visita foi uma oportunidade que esperava para buscar a verdade. Sentei-me ao seu lado durante a refeição e não lhe dei fôlego. Conversamos muito, eu tentando entender a verdade e ele se embaralhando mais e mais em suas explicações. Ali, definitivamente, concluí pela sua instabilidade emocional, percebendo o quanto lhe era angustiante estar longe do grupo que amava e da vida missionária. Mas um fato era latente: Neimar continuava um homem de fé.

Hoje, quando o grupo do qual fez parte e que ajudou a fundar completa cinquenta anos, temos elementos suficientes para dar uma explicação mais lógica: na ocasião da entrevista Neimar já sofria os primeiros sinais do Alzheimer, doença degenerativa que ataca diretamente o cérebro humano e que ocasionou sua morte depois de um período de total cegueira e mutismo. É fácil perceber isso nas linhas de sua entrevista à Veja e das publicações posteriores, portadoras de episódios fantasiosos do passado, nomes e fatos citados de forma confusa – que caracterizam os primeiros sintomas da doença.

Aquele comunicador com o qual convivi na intimidade, capaz de gestos extremos de doação, que não mediu esforços para largar tudo em nome da missão, que escreveu um dos livros mais profundos sobre jejum e oração, intitulado “**O Templo do Silêncio**”, que arriscou vida, profissão, segurança e conforto pessoal apenas para evangelizar, não mentiu, não fingiu, nem delatou eventuais deslizamentos da Igreja que amava. Expiou, sim, os pecados da limitação humana, pois morreu completamente cego e surdo, sem reconhecer os próprios filhos, a esposa, os poucos amigos que se preocupavam com ele. Essa foi a verdade de Neimar, um “**Apóstolo Cansado**” (título de um de seus livros), estigmatizado por duas tuberculoses durante sua vida missionária, chagado pela incompreensão e perseguição da mídia, mas que chegou tranquilo, na graça de Deus, ao dia de sua “**Reta Final**” (outro de seus livros que nos ajuda a refletir sobre a própria morte).

Wagner Pedro Menezes

NOTÍCIAS PARA DIFAMAR A IGREJA

(Telex da Assessoria de Imprensa da CNBB)

Declarou Dom Luciano Mendes de Almeida: Dois fatos foram noticiados nesta semana em São Paulo. Um, “A farsa de Neimar de Barros”, permite suspeitar de que algo tenha sido forjado para difamar a Igreja neste momento Nacional.

Com relação às declarações de Neimar de Barros, missionário leigo de São Paulo, que nos últimos 15 anos levou a Palavra de Deus a 4 mil cidades do Brasil, e agora deixa o Instituto Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades, MEAC de Campos do Jordão, afirmando ter espionado a Igreja a serviço da Direita, afirmou Dom Luciano Mendes de Almeida. “Não posso deixar de constatar o impacto da notícia, uma vez que todos aprendemos sempre a estimar Neimar de Barros e valorizar como muito positiva a sua atuação nos ambientes da Igreja. Neste momento, diante desta notícia, gostaria de renovar meu apreço pela pessoa de Neimar de Barros e também a certeza de minhas orações para que ele possa discernir o que é realmente justo na decisão a respeito de sua vida.

Em relação às declarações feitas gostaria ainda de deixá-las à espera de uma confirmação. Creio que aquilo que nas notícias se veicula, quanto a uma eventual duplicidade de comportamento, não corresponde à opinião formada em relação a sua sinceridade e a todo seu trabalho na Igreja. Isto não impede que, neste momento, ele possa estar atravessando uma situação existencial difícil e até mesmo uma mudança comportamental que eu quero respeitar e, por isso mesmo, acompanhar com a oração.

Mons. Arnaldo Beltrami – Assessor de Imprensa da CNBB

RECORDAÇÕES QUE AINDA MARCAM

Quando o Meac completou 20 anos, editamos um número especial de “O Recadinho do Meac”. Na ocasião, assim se expressou o então bispo diocesano, Dom Fernando Figueiredo:

“Alegramo-nos com o Meac pelos seus 20 anos de trabalho evangelizador na Igreja. São anos de sacrifício e dedicação no desejo de difundir a fé cristã e tornar sempre mais presente o Reino de Deus entre as criaturas e no mundo atual. Unidos a Cristo, o Missionário Eterno do Pai, os membros do Meac, em seu serviço prestado em muitas Dioceses e Paróquias do Brasil, se sentem unidos a Deus, cuja natureza está toda no comunicar-se e no doar-se generosamente. Eilos imbuídos do ideal de criar, fortalecer e sustentar as comunidades, gerando uma nova sociedade, onde reine a justiça, a verdade e a concórdia. A Diocese de Santo Amaro sempre acolheu com carinho e agora, de modo todo especial, sob um novo vínculo. Está-se elaborando o novo Estatuto, pelo qual o Meac será apresentado como Associação Diocesana de Santo Amaro. Teremos assim, em breve, a grande satisfação de publicar em nosso jornal o decreto de seu reconhecimento e comunicar à CNBB para a devida informação às demais Dioceses do Brasil.

Por intercessão de Maria, a estrela da evangelização, rogamos a Deus para que o Meac possa se desempenhar sempre com maior ardor na evangelização e humanização, no testemunho e no serviço em prol de uma nova humanidade, onde se torne realmente presente o senhorio de Deus”.

D. Fernando Antônio Figueiredo

ALEGRIA E PAZ

(Reconhecimento do Meac na Diocese de Santo Amaro)

O Concílio Vaticano II, na década de 60, sacudiu a Igreja e mostrou sua verdadeira fisionomia de “Povo de Deus”.

Desde então, ela vem se questionando e explicitando cada vez melhor sua missão no mundo: Evangelizar.

O Meac, aos vinte anos de existência (1992), como “Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades”, responde aos apelos da Igreja e, como leigos no mundo, busca inserir-se corajosamente e com perseverança nas prioridades das comunidades locais, evangelizando.

Santo Amaro, hoje Diocese, que acolheu e incentivou desde o início suas lutas, sofrimentos e alegrias, fazendo jus a esse “renovado ardor missionário”, autêntico testemunho de Jesus Cristo, abençoa e legaliza, na pessoa de Dom Fernando Antônio Figueiredo e de seu Conselho de Presbíteros, tão corajosa e perseverante atividade leiga no meio do mundo, como Meac, Fraternidade de Direito Diocesano. Parabéns!

Padre Waldemar Conceição - Chanceler

UM POUCO DOS MISSIONÁRIOS

UM CEGO CHAMADO JEAN

A história dos cinquenta anos do MEAC, como grupo de leigos missionários no Brasil, foi aureolada com nomes de peso do meio artístico, pois que sua origem se deu exatamente nesse meio. Assim, passaram por esse grupo artistas de renome, alguns dos quais até hoje na berlinda do sucesso. Quem imagina, por exemplo, um Jô Soares missionário, ministro da Eucaristia? Ou um cantor de nome como Peninha, Marcos Baby Durães, Antonio Marcos (marido da Vanusa), Antonio Cardoso, etc. Ou apresentadores e humoristas tais como Raul Gil, Arthur Miranda e outros? Pois todos estes viveram ou ainda vivem a experiência do ardor missionário que a proximidade de Cristo nos proporciona, dentro do Meac.

Dentre esses também esteve um representante dos Estados Unidos da América que muito sucesso fez entre nós. Quem ainda se lembra de Edward Cliff e sua música “Nights of September” ou “I had to go”? Tudo bem: a música e a voz talvez você tenha conhecido, mas o cantor não, com certeza. Simplesmente porque, na realidade, o cantor era “um cego chamado Jean”, brasileiro, paulista da gema, que, estigmatizado pela deficiência e preconceitos, usou sua voz e talento sob o disfarce de cantores americanos. Só de nome. Fez sucesso sob vários pseudônimos, tais quais Michael Davis, Peter Knaap, Gary Bristol, Steve Brandy e outros mais. Gravou e estourou no Brasil com a faixa “Another Song” e sob o codinome de Michael Davis, um dos temas da novela Semideus, da Globo. Assim, disfarçado, Jean Carlo durante anos saboreou o sucesso sem o aplauso e o calor humano de seu público. Mas acordou para a realidade ao assumir sua própria realidade e emplacar dois sucessos seguidos, interpretando “Aline” e “Eu nasci pra você”.

“Um dia fui convidado para participar de uma reunião com alguns elementos que se haviam convertido e que eu conhecera no passado. Sinceramente, não acreditava na

mudança deles, Neimar de Barros e Arthur Miranda”, declarou em livro que narra sua história. Começou aí a nova fase desse extraordinário cantor e missionário leigo, que se juntou aos demais missionários do Meac, para, durante 15 anos, percorrer o Brasil evangelizando. Deixou o grupo em 1986, mas continuou sua vida missionária, com esporádicas apresentações em emissoras de TV católicas e eventos evangelizadores. Anos depois, comentou comigo: “Quem bebe do néctar da missão de Cristo não pode, não tem direito, não mais consegue voltar atrás”.

Gravou uma das interpretações mais unguidas da letra “Creio em Ti”. Tão bela e maravilhosa em sua voz que qualquer outro cantor, por mais talentoso que possa ser, conseguirá igualar essa interpretação. A respeito dessa obra prima, foram muitas as conversões que presenciei em vários momentos, um deles em Assis, quando ligamos seu órgão eletrônico em voltagem imprópria e tudo acabou num grande estouro. Usamos então o recurso do play-back, que exigiu muito mais do cantor. Ao final da apresentação, alguém, sensibilizado com a mensagem, deu-lhe de presente uma importância superior ao valor do aparelho queimado, dizendo: Essa voz não pode parar!

Esse foi o artista Jean. Seu testemunho missionário perdurou até sua morte, pobre e esquecido, mas como homem de uma fé arraigada e pai de família exemplar. Seu silêncio, ao final da vida, não desmereceu sua intensa atividade como cantor e pregador cristão, que muito bem fez naquela época e muitos ensinamentos nos deixou. Um dia registrou em seu livro: “De Zé a Jean, de fútil a cristão, de cantor a missionário, hoje amo mais e respeito mais meu semelhante. Cheguei a tal ponto que nem me considero mais um cego, porque cego para mim é todo aquele que não quer enxergar. Eu perdi a vista, mas não perdi a visão do mundo de Deus”.

Wagner Pedro Menezes

O SOL NASCEU PARA TODOS

Mas não nasceu pra mim, completava Jean Carlo, ironizando sua própria cegueira. Sobre o sucesso da música “Eu nasci pra você”, dizia: “Foi uma versãozinha sem vergonha que me deixou famoso”. E concluía: “Por ser cego, este refrão comoveu o Brasil inteiro”. Depois disso, na década de setenta abandonou tudo para se juntar a um grupo de artistas dispostos a evangelizar. Assim, foi um dos fundadores do Meac, cuja loucura comum era a disposição de usar seus dons para evangelizar. Porém, desde o dia 02 de julho de 2013 Jean, não mais sente o calor do Sol que ainda nasce para todos... Partiu para a casa do Pai aos 70 anos.

Falar aqui desse companheiro de vida missionária, com o qual percorri inúmeras comunidades e experimentei o autêntico sabor de uma amizade abençoada, um companheirismo fraterno, não é tarefa fácil. Passa um filme em minha mente. Prefiro, então, resgatar um pouco de suas palavras, já que não mais ouvirei seu timbre afinadíssimo, que tocava os corações quando cantava ou sua risada aberta, quando expandia seu bom humor com anedotas e pegadinhas quase inocentes. “Onde é o interruptor da luz?”, perguntava quando lhe apresentavam uma casa, um recinto qualquer. E muitos caíam nessa pegadinha... Ora, para que um cego quer luz?

Quando o assunto exigia senso crítico, pegava pesado. Companheiro de Roberto Carlos, Erasmo e Vanderleia ou mesmo João Gilberto, Tom Jobim e Chico Buarque, deixou o meio artístico por se sentir marginalizado. Dizia que a sucessão de novos ídolos na música popular brasileira era parte de um esquema de dominação das grandes gravadoras, que “espalham o ópio; e o ópio do povo precisa continuar”. Segundo ele, foi o que aconteceu com Geraldo Vandré e Sérgio Ricardo, que “sumiram porque não eram interessantes e sofreram tanto que não mais tiveram coragem de voltar”.

Sobre o País na década de oitenta, foi taxativo: “Estão brincando com o povo no Brasil, sem saber que este povo tem condições de decidir por si próprio. Já existe consciência do direito e resta ser instituído o respeito como condição para

um mundo melhor”, disse em reportagem que ouvi em off. Ora, esse alerta é atual. Então continuava: “Sinto hoje a realidade do meu povo, o que não acontecia antes, porque o artista comercial não sente na carne as verdades daquilo que às vezes canta”. Quando canta, porque o que hoje se ouve é uma verdadeira sucessão de aberrações musicais.

Para ele a realidade do mundo artístico tinha muitos falsetes. Por isso, deixou esse meio e passou a percorrer estradas sem fim, levando a mensagem cristã. Nos últimos anos, reduziu o ritmo, fazendo apenas esporádicas apresentações. Mas nunca renegou sua fé, que defendia com um apuradíssimo senso crítico, questionando sempre. Esse era Jean, o cego que bem enxergava com os olhos de uma alma límpida e um coração generoso.

Morreu quase no anonimato, sofrendo durante dois anos num leito hospitalar, longe do público, longe dos irmãos de fé, dos muitos amigos que conquistou, dentre eles, eu. Como disse um amigo em comum, Fonseca, comentando sua morte: “Um dia, assim como o Jean, o Neimar, Zé Geraldo, Mazola, Valdice... (todos do MEAC) os que se foram, eu, você, nos resumiremos a isso, três linhas de comentários no Facebook”. Respondi, sem pensar: “Que essas linhas tenham ao menos um pouco de conteúdo”. Pois Jean Carlo o tinha com sobra.

Wagner Pedro Menezes

E AGORA, JOSÉ?

Durante anos curou as dores e enfermidades de muitos, como bom farmacêutico que era. Tão bom que quase levou sua farmácia à falência: não sabia dizer não aos mais pobres. Além das receitas médicas, sabia como ninguém ler as receitas do coração... Mudou então de profissão, lidando ainda com receitas, pois que passou a distribuir bolos e salgados através de seu serviço de buffet. Esse era José Geraldo Gonçalves, o Zé Gordo para muitos ou Zé Geraldo para os amigos.

Mineiro de Cachoeira Alegre, viveu a maior parte da vida em Belo Horizonte, onde se casou com a Néia em 1967 e com quem teve quatro filhos: Flávia, Adriana, Ivan e Flávio. Uma família guerreira desde o início, que nada de especial possuiria, não fosse o histórico de luta e de fé que sempre norteou a maioria das tradicionais famílias mineiras. A princípio, Néia e Zé formavam um casal devotado a solidificar seus patrimônios com muito trabalho e objetividade. Nada mais justo. Mas, nessa busca, esqueceram-se de conciliar os planos de Deus. “Eu longe de Deus e Deus sempre por perto” ..., desabafou em seu diário. Um encontro cristão foi a gota d’água. Desde então, buscou com todas as forças recuperar o tempo perdido, envolvendo-se de corpo e alma nas atividades e movimentos de sua paróquia. “Foi o início de nova caminhada em minha vida. Seria fácil? Seria difícil? Nada disso era, agora, importante” – concluía.

Em 1980 conheceram o Meac, o grupo de missionários leigos que iria mudar suas vidas para sempre. José apaixonou-se à primeira vista e, no mesmo ano apresentou-se ao grupo, em Campos do Jordão, como candidato a membro. Estava disposto a tudo, para inserir-se naquele trabalho missionário. Foi aconselhado a voltar a Belo Horizonte e ali descobrir uma maneira de desempenhar sua missão, dentro do Meac, através de uma obra qualquer. Uma obra? O que seria?...

“Conhecedores que éramos dos problemas da juventude – há 10 anos dedicávamos parte de nossa vida aos jovens – resolvemos que o menor carente abandonado, futuro delinquente marginalizado pela sociedade, seria nossa opção de

trabalho”. Um ano depois lançavam a pedra fundamental do Lar de Maria, em Sabará, cidade satélite de BH.

Em 1985, 25 de maio, apenas quatro anos depois de iniciada, inauguravam a primeira ala de uma imensa creche com instalações “dignas do primeiro mundo”, pois que fugia totalmente do acanhado padrão das creches do governo. Onde os recursos? Da fé, unicamente da fé e das doações dos inúmeros “padrinhos” daquele sonho que o Zé e a Néia ousaram perseguir. Fácil assim? Não tão fácil, pois nesse tempo o Zé descobriu que sofria de um câncer! Assim o Zé nos descreve o fato: “Minha estrutura física e mental balançou. Senti calafrios: estava confirmada a seriedade do problema. O primeiro passo foi uma cirurgia para extrair meu baço. As biópsias mostraram que a doença já estava no terceiro estágio”. Mesmo assim, continuou seu projeto, ao mesmo tempo em que se submeteu a todas as etapas de tratamento que a doença exigiu. Venceu o câncer. Construiu o Lar de Maria.

Em maio de 1990 a creche completava cinco anos. Eu estava lá. O Lar de Maria tornou-se uma referência de tratamento digno às crianças por ele atendidas. Zé dá início ao Lar de José, com funções profissionalizantes, como carpintaria, panificadora, corte e costura, etc. e já fala num terceiro projeto, o Lar do Menino Jesus, destinado a abrigar idosos. Eita Zé! O câncer? Ora, quem diz que essa doença o infernizou um dia? Outubro. Faz uma visita ao Meac da Bahia, unicamente para lhes dar uma palavra de incentivo. Volta feliz com o que viu por lá. 24 de outubro: seu coração grandioso não mais cabe em seu peito angustiado por tantas carências e tantos sonhos. A notícia corre solta: o Zé morreu! “Ele deve ter tido tanto amor pelos pequeninos que seu coração explodiu num enfarto fulminante”, comenta um colega do Meac. E agora, José?

Wagner Pedro Menezes

MINHA OPÇÃO

“Somente Jesus me poderia dar razões suficientes para uma tomada de posição: só Ele é o Caminho a percorrer.

Eu não tinha dúvidas e fiz minha opção livre pelo caminho de Jesus, pois Ele sempre respeitava minha liberdade. E a respeitava mesmo naquele instante, não me obrigando a optar por Ele. Deus me dava a liberdade até mesmo de negá-lo.

Comecei a sentir-me livre como o vento – a liberdade que só em Deus é possível – forte como o rio para transpor obstáculos, quente como o Sol, sereno como a brisa”.

José Geraldo (Diário)

FORÇA DO AMOR (*)

1981. Em Campos do Jordão. Um frio danado.

Nosso grupo de missionários leigos estava reunido para três dias de reflexão, de troca de experiências. Conosco algumas pessoas que admiravam nosso trabalho e queriam conhecer-nos melhor, conhecer nossa vida.

Logo no primeiro dia, pela manhã, na reflexão, tudo começou. Pe. João Drexel, diretor espiritual que orientava aquela reflexão, propôs uma experiência: sairmos dois a dois para um passeio. Um de nós estaria com os olhos vendados e o outro o conduziria. Era a sensação de alguém conduzindo um cego, um cego conduzido por alguém. Os pares foram se formando aleatoriamente. Lá fui eu formar minha dupla para o passeio. Quem vou escolher para conduzir? Ao meu encontro vinha alguém: um gordo com ar de bonachão. Eu não sabia quem era, o que ele fazia, de onde vinha e nem o que queria.

Chegou-se a mim e disse:

– É nós dois mesmo que vamos passear; e eu vou ser o cego e você precisa me conduzir.

– Tudo bem, disse eu.

E lá fomos nós, caminhando por trinta minutos.

Tínhamos sido orientados para nos apresentar da forma mais detalhada possível. Um deveria saber o máximo possível do outro. Depois deveríamos dizer qual era nossa intenção naquele encontro. Finalmente, deveríamos dizer daquela experiência, qual era a sensação que um sentia em conduzir alguém que não estava enxergando, e esse “alguém” deveria falar da experiência de não ver e ser conduzido.

Foi assim que conheci José Geraldo Gonçalves.

É impossível lembrar tudo o que o Zé me falou naquele dia e o que me disse no encontro quando todos reunidos trocávamos experiências. Mas algo nunca esqueci. Em primeiro lugar, quando nós dois conversávamos, ele disse: “A sensação que temos é de alguém perdido sem a menor possibilidade de se reencontrar. Mas uma vez agarrado em seu braço e você andando firme, me conduzindo, foi como se eu estivesse enxergando; isto me deu segurança e a certeza de que, juntos, podemos ir longe”.

Naquela hora comecei a gostar do Zé. Quando estávamos reunidos no grupão, cada um colocou sua experiência do passeio. Não me lembro o que o Zé disse. Só lembro que todos ficaram impressionados. Durante os três dias convivemos entre orações, reflexões, brincadeiras, papos informais. Nascia uma grande amizade.

Antoninho Tatto

AGORA É COM VOCÊ, VALDICE

Moça ainda, foi ser freira. Ingressou na congregação Sacré-Couer de Marie, o tradicional Colégio Sagrado Coração, na Rua Tonelero, Copacabana, Rio. Portanto, por uma dessas questões de sorte que poucos brasileiros conseguem, recebeu rígida e sólida formação, que iria nortear sua vida para todo o sempre. Mas não era bem essa sua vocação. Largou tudo e, temporariamente, foi lutar pela sobrevivência. Trabalhou como secretária da escritora carioca Nicéia Ferraz, ocasião em que teve a oportunidade de conviver bem de perto com Dorival Caymmi e Chico Buarque, amigos da família. A eles apresentou seus dons como cantora, letrista e violinista esmerada. Chegou a compor com eles e dividir o palco em pequenas apresentações. Tinha jeito, aquela jovem.

Valdice Oliveira Santos queria mesmo era ser missionária (em qualquer lugar, até na África, se possível), pois que sua extremada devoção mariana sempre lhe dizia isso. Mas onde, ó Mãe? Conheceu Raimundo, ex-seminarista franciscano, com quem logo se identificou e casou-se. Vieram para São Paulo, onde passaram a frequentar grupos de oração, dos quais logo se tornaram líderes. Mas ainda não era a missão que sonhavam. Nos anos oitenta conheceram uma proposta cativante: o OMIL, Organismo de Missionários Leigos, cuja proposta inicial era exatamente a busca de apoio para os vários grupos de leigos que atuavam missionariamente na Igreja, mas sem o respaldo desta. Dentre esses grupos estava o Meac. Apenas alguns anos e Valdice e Raimundo não titubearam: venderam tudo o que tinham, compraram uma caminhonete e partiram em missão, não sem antes pedirem a aceitação de seus nomes como membros do Meac.

Chegaram até Feira de Santana, BA. Acolhidos pelo Frei Carlos André, começaram um trabalho de missão popular. Logo conseguiram uma pequena chácara e aí se instalaram, dando início a um centro catequético que ficou conhecido como Chácara da Missão. Iniciaram uma construção grandiosa, tendo como núcleo uma formosa Igreja de aproximadamente 500 m², ponta de lança de um sonho...

Mas o sonho acabou... Em 1995, mais exatamente no dia 26 de fevereiro, Valdice faleceu, ainda na florada de uma vida, 50 anos. Quais seriam os desígnios de Deus neste momento? Muitos não entenderam. Porém, dois anos depois, o MEAC realizou sua assembleia junto aos missionários leigos lá da Bahia. Eram mais de cem, todos de alguma forma despertados e orientados pela Valdice. Ainda hoje continuam numerosos e já se ramificaram em outros grupos. Porém, a maior surpresa daquela assembleia foi a necessidade de trasladar o corpo de Valdice, sepultado então em túmulo emprestado. Mas onde colocá-la? Não houve dúvidas: acompanhada pelos irmãos do Meac que sempre a ouviram com respeito, seguiram seus conselhos e respeitaram sua “intimidade” com a Mãe – tinha o dom da locução – fizemos-lhe um novo cortejo fúnebre. Sepultamos essa nossa irmã no local em que ela sempre desejou estar: dentro da Igreja construída por ela, na sua Chácara da Missão.

É fácil perceber que esse sonho ainda está vivo. Talvez não conte com as ações tresloucadas daquela que levava adiante seus projetos, sem perguntar quanto isso lhe custaria. Talvez alguém pense: custou-lhe a vida. Talvez muitos ainda se perguntem: o que fazer com essa obra agora? Raimundo, seu esposo, nos lembra: “Ela sempre foi uma mulher prudente, dedicada à missão, filha devota de Maria, com inegável locução interior que sempre nos surpreendia, mas nunca fez nada em vão”. Valdice, na sua humildade, ainda compõe versos desconhecidos, mas admirados pelo maestro da vida.

Wagner Pedro Menezes

DE J. KENNEDY A J. FONSECA

“Eu sou John Kennedy”, gritava ele do alto de um armário como se estivesse num palanque em Nova Iorque. Fazia um discurso inflamado pela loucura das drogas, falando sobre a Aliança para o Progresso, a miséria da América Latina, o ideal de Cuba, o racismo... Chegaram os policiais, acompanhados pela irmã desesperada, e o conduziram para a Clínica de Repouso de Mandaqui (SP). Iniciou-se ali o calvário do até então comedido funcionário da Fiesp (Fundação das Indústrias do Estado de São Paulo), que não mais suportava planilhas e números, jogos de interesse e manipulação de dados, mordomias e miséria. Foi conhecer de perto a loucura sensata numa verdadeira fábrica de loucos, um manicômio.

Depois de sucessivas internações, um dia encontrou o sentido de sua cruz. “A porta do Reino se abre com uma cruz”, foi sua grande descoberta. “Vivendo no meio de publicitários, ouvi um deles falar de um grupo de cristãos que se reunia para debater problemas da profissão”. Era o ano de 1972. Assim conheceu a Comunidade dos Artistas Cristãos, o Meac ainda em formação. “Minha vida mudou muito a partir do Meac, onde experimentei, de forma profunda, o concomitar da cruz e da ressurreição. Uma hora é cruz. Outra é ressurreição. O fato marcante foi descobrir que “nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos”, pois a força da associação é o segredo para perseverar sempre”.

Esse é José Antonio Fonseca. Sua vida é um livro aberto (tanto que a colocou em livro: **Nó Cego, inferno e paraíso...** O Recado Editora). “Antigamente eu passava maconha, hoje passo pitadas do Evangelho”, diz em sua introdução. Sua opção missionária foi radical, a ponto de abandonar tudo, vida profissional, segurança, lazer, para servir tão somente às maravilhas do Reino. Não mais faz uso dos palanques da ilusão, mas de púlpitos sólidos, consistentes, que lhe dão oportunidades para falar da Nova e Eterna Aliança, aquela que nos faz progredir para Deus. Do armário inviolável de sua fé fala da loucura do amor de Deus. Sente-se pequeno diante

de tão grande desafio, porém “a inutilidade, o nada, o zero, o caos são, aos olhos da fé, a matéria prima de Deus. Ele sabe fazer de um servo inútil alguém capaz de subir a um presbitério de igreja e fazer uma homilia leiga, sobre o dízimo ou sobre a Palavra de Deus, com competência profissional”, mas também e, sobretudo, com coerência de fé.

Esteve em Moçambique, África, pregando sobre o dízimo. Retornou de lá com uma imagem de Nossa Senhora entalhada em ébano, madeira rara, preciosíssima, “negra como a noite”, que adquiriu por inspiração divina, dando-lhe o título de Nossa Senhora do Dízimo. Desde então, essa imagem tornou-se sua companheira inseparável, atribuindo a ela muitos dos milagres que testemunha em sua vida e por onde tem passado. “Ela levou-me a Nazaré da Galileia e mostrou-me a oficina de José”. Já reconhecida como passível de devoção, através de licença especial de D. Fernando Figueiredo, então bispo de Santo Amaro (SP), Nossa Senhora do Dízimo é uma semente em gestação que já ultrapassa as fronteiras do Meac e, com certeza, está aí para “praticar novas locuções com novas Valdices e novos Fonsecas”, profetiza esse nosso irmão.

Seu maior orgulho, como pai coruja que é, são as filhas Renata e Sara. A primeira é médica fisioterapeuta e pratica sua profissão dentro dos cenáculos e grupos católicos. A segunda, também missionária do Meac, já rodou por Roma, Paris e Madri (JMJ), carregando com orgulho a imagem de ébano cuja devoção o pai incentiva. Peço-lhe algumas palavras finais. “Na oficina de José percebi que muitos milagres devem ser esperados no coração e na vida de cada pessoa que tiver a graça de conhecer o passo a passo mais importante da humanidade: o caminho da Dor nas 14 estações que precedem o novo Big Bang da nova Ressurreição Total”.

Wagner Pedro Menezes

Testemunho do Tatto: JOSÉ ANTÔNIO FONSECA

O conheci numa editora chamada SORVIL, ou seja, LIVROS, se lido ao contrário. Cuidava da parte administrativa, despa-

chava milhares de livros para o Brasil todo, de sucessivas edições, principalmente do livro “Deus Negro” de Neimar de Barros e do meu primeiro livro “Cristo Quem é Você?”. De todos os que trabalharam naquela editora, foi o único que descobriu naqueles missionários que editavam lá seus livros, algo a mais. Chegou ao ponto tal de sua inserção na vida de cada um à medida que passavam na editora para carregar seus carros com os livros que seriam vendidos em suas palestras. Vez o outra, quando a empresa permitia, acompanhava um ou outro missionário aos finais de semana, prestando toda ajuda necessária, principalmente, cuidando da banca de venda dos livros nos finais das palestras. Daí a iniciar sua participação a alguma das reuniões do grupo foi um pulo. Participando destas reuniões, pôde conhecer o grupo todo, cada missionário com sua história, sua realidade, problemas e aventuras nesta nova modalidade de vida, missionários leigos. Amadureceu a ideia que inquietava seu coração e, solicitou o ingresso no grupo. Sendo companheiro de todos os missionários nas viagens de missão, uma vez com um, outra vez com outro, foi descobrindo seu próprio carisma. Não passou muito tempo e eis que agora ele é um pregador, chamando atenção dos próprios companheiros e atingindo a alma de milhares de pessoas por onde passava como missionário leigo do Meac.

Tive a oportunidade de fazer muitas viagens com o Fonseca. Constatei logo de cara que era um homem disponível, aberto ao Espírito Santo, companheiro incansável, servo simples, dedicado e muito bem humorado. Seu humor e seu espírito de observação sempre me fizeram muito bem nestas viagens. Juntos passamos por momentos inesquecíveis como quando fui convidado, pela primeira vez, a pregar na cidade de onde tinha saído, Penha, município de Corbélia-Paraná. Fomos até a casa dos meus pais, cerca de três quilômetros, onde descansamos por um dia. À noite daquele dia deveríamos ir ao colégio das Irmãs para a palestra a toda comunidade daquela pequena vila. Chovia muito! Estávamos preocupados. Como chegar debaixo desta chuva que não parava, naquela estrada de terra roxa, lisa como sabão? Mas Deus tinha providenciado. Meu tio Valselino Fontana foi nos visitar durante o dia com seu

Corcel recém adquirido. Ele nos levaria ao colégio para a palestra às 20hs. Estava eu, Fonseca e Arthur Miranda. E lá fomos nós no Corcel do meu tio Valse. Não deu outra. No meio do caminho o carro escorregava por todo lado, não ía mais para frente. O jeito foi todos descermos e iniciarmos a maior aventura; empurrar aquele carro naquela lama vermelha que os pneus jogavam em cima de nós, da cabeça aos pés, literalmente. Em determinado momento, o carro deslizava e, mesmo todos nós tentando segurar e empurrar, não avançava. O desespero começou a tomar conta, estava chegando a hora da palestra e nós naquela situação. Só escuridão, só chuva, barro e preocupação. Do nada, Arthur iniciou o canto Glória Glória Aleluia! Todos nós o acompanhamos e, ao longe, escutávamos na mata o eco daquele canto improvisado. E foi assim, ao som do Glória Glória Aleluia, que continuamos a empurrar aquele carro que iniciava um pequeno movimento e... poucos minutos e chegamos ao colégio. Todos estavam esperando, a comunidade em peso, curiosos pelo filho que voltava, agora como missionário leigo para pregar, naquele colégio onde, com 17 anos, retomava seus estudos, lá atrás, no primário, para depois seguir sua vida até São Paulo onde se formaria e ganharia o mundo. Curiosidade, expectativa, preocupação pelo atraso, uma mistura interessante. Mas lá estávamos nós agora. Não como esperavam, mas apenas três homens vestidos de barro da cabeça aos pés: impossível reconhecer, no primeiro momento, quem era quem. Já tinham esperado demais. Sem pestanejar, subimos ao palco e iniciamos, para surpresa de todos, nossa palestra com uma piada do Arthur Miranda. Iniciei minha fala, sem acreditar naquilo tudo que estava acontecendo, na graça de Deus de estar naquele lugar, palco de tantas apresentações quando estudante primário daquela escola abençoada. Foi uma noite emocionante que fez brotar do coração do Fonseca a expressão “A fé nasce da roça”, tema que utilizou muitíssimas vezes em suas pregações.

Pois bem, hoje este Fonseca completa 72 anos. Quanta alegria saber disso! Quanta vontade de abraçar e beijar este missionário tão caro ao meu coração. Ele e eu, somos hoje, os únicos daqueles missionários da primeira hora. Passados 44 anos,

desde que nos conhecemos, crescemos juntos, brigamos juntos, rezamos juntos, permanecemos juntos. Tudo pela graça de Deus.

Separados pela Pandemia teimosa, implacável, assassina de vidas e sentimentos, só podemos nos expressar com lágrimas e palavras para abafar a saudade que alimenta nossa esperança de continuidade, de perseverança nesta obra missionária que é o Meac. Tudo isso vai passar, com profundas marcas, com questionamentos sem respostas, mas tudo com uma certeza: temos um Deus que é misericordioso, que nos possibilitou viver, com tanta profundidade, amizades multiplicadoras. Após tantos anos de convivência, descobre-se quem é amigo, quem é fiel, quem é irmão.

Fonseca, homem de fé, parabéns, felicidades, paz. Deus te abençoe.

Antoninho Tatto

Nasceram dois pocinhos de água bem nos cantinhos dos meus olhos. Vou aproveitar e regar a terra para plantar um pé de fé que sempre vem da roça de nossas lembranças bem vividas. Glória... Glória... aleluias!!! Alegrias por todos vocês "meaquinos. Cada um a seu modo, faz me sentir amado nesse dia feliz.

José Antônio Fonseca

CARDOSO, UM SONHO E UM VIOLÃO

Como qualquer nordestino, veio “fazer” São Paulo, em 1975. Tinha lá seus 15 anos. Após servir o Exército, conseguiu seu primeiro emprego numa agência de automóveis, no bairro onde morava (Tucuruvi). No mesmo bairro, frequentava o grupo de jovens da Paróquia Menino Jesus, onde participava da animação litúrgica com sua bela voz e seu violão. Foi quando, em agosto de 1978, passou por sua paróquia um pregador que arrastava multidões pelo seu carisma, sua comunicação vibrante e apaixonante e sua simplicidade na maneira de se vestir, ou mesmo autenticidade no trato com as pessoas. Antônio Cardoso vibrou com tudo o que viu e ouviu.

“Lá pelas tantas – diz ele – durante essa pregação, as pessoas começaram a incentivar o pregador para que ele me convidasse para cantar uma canção. Ele foi espontâneo. Neimar de Barros me convidou naquele dia como se me conhecesse há muitos anos. Ele falou: O que você gosta de cantar? Naquele momento peguei o violão e cantei uma canção que fazia muito sucesso naquela época (Oração de um jovem triste de Antônio Marcos). Após minha apresentação, Neimar falou ao microfone: por que você não viaja comigo? Eu prego e você canta? A reação das pessoas foi de incredulidade. Eu mesmo pensei: poxa! Ele já é tão famoso... Por que iria me convidar? Pedi minhas contas na concessionária e, na semana seguinte, já viajava com o Neimar para o Rio Grande do Sul”.

Assim começou a vida missionária desse cantor católico, hoje reconhecido nacionalmente pelo trabalho que faz. “Lembro-me com saudades das nossas reuniões em Campos do Jordão. Até hoje tenho muitas cópias de atas das reuniões do Meac, com o Pe. John Drexel (ex-diretor espiritual do grupo). Em 1979, com a ajuda do Pe. Zezinho – que vez por outra celebrava conosco em Campos – fui apresentado às Irmãs Paulinas. Gravei meu primeiro compacto (Direitos de Menino) e fiz muitas viagens com Antoninho Tatto e Arthur Miranda”. Depois, em face do sucesso na carreira musical, passou a se dedicar aos shows, sempre com espírito missionário. É um dos poucos

cantores cristãos, leigo, com um histórico de coerência e sucesso, tão raro de se encontrar no meio artístico.

Fala com orgulho de seus primeiros anos como pregador. “Certa vez, com o Tatto, estávamos chegando a uma comunidade no Rio Grande do Sul (Paim Filho) e quase toda a comunidade foi nos receber na entrada da cidade em carreata, para saudar os missionários que traziam o seu testemunho de vivência do Evangelho. O Antoninho era nosso motivador maior e empreendedor. Sem ele, tenho certeza, o Meac não existiria mais. O Meac, na minha juventude, foi a escola formadora para o que hoje represento na pastoral familiar no Brasil”.

É impossível resumir aqui tudo o que Cardoso nos relatou. Basta dizer que o interceptei a caminho de Livramento de Nossa Senhora – BA, onde iniciava uma missão por mais um mês no Nordeste. Algumas perguntas via e-mail e poucas horas depois ele me respondia em duas extensas laudas. Citou todos os missionários da época e até o editor de O Recado, como seus grandes incentivadores. “Eu apenas empresto meu canto e o meu violão para a missão. Minha esposa Nilza que conheci quando morava em Lins – SP, dá o tempo de espera. Essa é a parte mais difícil”. De fato, mesmo empenhado numa missão que lhe custa renúncias, e às vezes até instabilidades financeiras, emocionais, Antônio Cardoso segue em frente, sem olhar a imensa seara que já cultivou com seus dons, pois desta cuida o Pai. “Imaginem ficar 30, 40 dias fora de casa... Qual mulher entenderia esse “espírito”? Chamo isso de vocação mariana. Minha esposa é quem sempre me lembra: Maria passa à frente, meu amor. Não desanime!”.

Wagner Pedro Menezes

TESTEMUNHO DE PERSEVERANÇA

Eu, cantor religioso e os meus sonhos. Em função dos conteúdos de minhas canções e do meu jeito de apresentá-las, a canção foi que ficou a meu favor. Era apenas uma canção. Foi assim que, ao longo de quase 40 anos de viagens missionárias, eu já pude cantar em mais de 3000 cidades brasileiras. Nesta longa caminhada, às vezes eu me perguntava como é

que Deus se faz presente na vida de um cantor religioso, e descobri que minha vocação não é me confrontar com este ou aquele grupo. Eu sei que a graça de Deus e a sua força estavam sempre comigo, mesmo assim, diante de tantos desafios, eu também me perguntava se não era o caso de parar com tudo e, lá no fundo do meu coração, alguém me dizia: Quem conheceu um amigo, jamais morrerá”.

Antônio Cardoso

O REPÓRTER QUE PERDEU O FOCO

Seria uma matéria banal, não fossem os olhos sedutores da coordenadora do grupo, Rosana. Para a emissora de TV de Curitiba, a atuação do Grupo de Jovens da Paróquia N. Sra. das Mercês mereceria uma pauta no noticiário local, mas para o repórter Odilmar, a dificuldade foi conciliar imparcialidade com revelação, atração... O fato é que a matéria não saiu a contento, pois que o repórter perdeu o fôlego diante da serenidade e paz que irradiavam daquele grupo, em especial de sua coordenadora.

O reencontro se deu anos depois, com a jovem Rosana já formada em psicologia, e Odilmar ainda teimando com sua câmara e pautas de redação. Um ano e meio apenas e já estavam casados. A matéria saiu do ar. Mas a vontade de vencer, comum a qualquer casal, logo era mais forte do que eles próprios imaginavam. E venciam. Conseguiram bons salários, casa própria, status. “Já quase não sobrava tempo para a Igreja e os problemas começaram a se avolumar”. Veio a primeira crise e a quase separação.

“Um dia encontramos o Fonseca, missionário leigo, pregando na Paróquia Santo Antônio, Bairro Boa Vista, em Curitiba. Após a missa eu o procurei na sacristia – diz Odilmar – e lhe entreguei uma carta. Duas semanas depois deixamos nossos empregos, vendemos nosso apartamento e fomos para São Paulo, para ingressar no Meac”, o grupo de missionários leigos que conhecemos através de um de seus membros. Foram bem aceitos no grupo e passaram a gerenciar a Casa São José, cuidando da formação de novos missionários. Um ano depois, ficaram “grávidos” da Amanda e resolveram voltar para Curitiba. Tempo de nova crise, desta vez financeira. Mas a vida missionária continuava, agora com muitas viagens pelo país. “Às vezes tinha vontade de desistir, buscar um emprego normal, mas a Rosana me dizia: Nossa Senhora estará conosco e nada vai nos faltar, porque você estará trabalhando para o Filho dela”.

Odilmar e Rosana Franco foram muito úteis ao Meac durante os anos que estiveram conosco. Ele mesmo teve a

oportunidade de uma missão em Moçambique, com o desafio de lá também implantar o Dízimo aos moldes do que fazemos no Brasil, e a Igreja de Maputo ainda hoje reconhece essa preciosa contribuição. Quando fizeram suas opções missionárias, colocaram-se literalmente na estrada, viajando muito: “Fazíamos a cama de nossos filhos no banco traseiro do carro e cruzávamos o Brasil em missão, viajando noites inteiras. Hoje, fora do grupo por questões de sobrevivência, contemplam com gratidão os frutos saborosos da frondosa árvore regada por Deus e sob a qual ganharam forças para a missão que ainda é deles. “Se a árvore é boa, dá frutos bons”, dizia Odilmar, citando o mestre. E acrescentava: “Depende muito da família e das sementes que são semeadas desde a primeira infância. De forma geral, família passa por crises, que são agigantadas pelos meios de comunicação, que apresentam outros valores e costumes. Pais e mães ausentes em função da vida moderna, do trabalho profissional... Os jovens se encontram perdidos e buscando se firmar como agentes da própria história”. Mas que história, quando muitos pais nada fazem para dignificar a própria?

Odilmar pode ter perdido o foco daquela matéria, lá atrás. Mas encontrou outro foco no amor de Rosana e na nova pauta de trabalho que Deus lhes reservou, um freelancer da missão que um dia cresceu, e bem, dentro do Meac.

Wagner Pedro Menezes

A ROSA E O REPOLHO

Quem tem raízes nos campos e roças deste país, conhece – e muito bem – várias das histórias que a sabedoria popular usa para delas tirar uma lição de moral, um ensinamento. Dentre elas está a que hoje nos empresta o título acima. Mas a lembrança vem de um gaúcho de Santo Augusto, que desde criança percorria vários quilômetros, para, juntamente com os irmãos e amigos, cumprirem uma missão sagrada: participarem da Santa Missa. Enio Felipin nunca renegou a fé herdada de seus pais, ao contrário, cresceu com ela tornando-se catequista, integrante do Conselho da Comunidade e líder de um grupo de jovens. Até o ano de 2009 residiu nessa colônia, só saindo de lá para aprimorar seus estudos.

No entanto, aprimorou muito mais. Profissionalmente, trabalha com jornal e turismo. Estudou Direito, alcançando graduação e mestrado, com dissertação sobre Mediação, que aprimora sobre o ponto de vista dos conflitos na área jurídica. Encontrou sua cara metade – a Lia – com quem logo se casou e hoje moram em Ijuí (RS), onde constrói sua vida familiar e faz “peão” para a vida missionária.

Sim, Enio também é um dos nossos, o quase caçulinha da turma do Meac. Ainda criança já se sentia atraído para o trabalho de evangelização. “Por várias vezes fui convidado a entrar para o seminário, mas sempre percebi que não tinha vocação para padre. Nunca me esqueço de uma palestra de Neimar de Barros que ouvi através de uma fita cassete quando cursava a 5ª série, em 1983. Sem imaginar que um dia viria a fazer parte do mesmo grupo de evangelizadores”, deixa escapar com uma pontinha de orgulho. No ano 2000, virada do milênio, através do Antoninho Tatto, que fazia um trabalho de animação e implantação do dízimo em Santo Augusto, Enio fez duas grandes descobertas: o Meac e o Dízimo. Foi também sua virada.

Quanto ao Meac, correu atrás. Estabeleceu contato e amizade com o Fonseca, um dos nossos missionários e, literalmente, não mais o perdeu de vista. Passou a viajar com ele naquela região, bebendo avidamente de sua experiência,

pois este “foi e continua sendo meu grande formador e inspirador, através de sua história de vida e perseverança”. Hoje o Enio é um excelente articulador de pré missões, missões e pós-missões, atuando principalmente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Quanto ao Dízimo, não deixa dúvidas. “É uma proposta bíblica apaixonante. Deveria ser um princípio da humanidade, pois traz em seu bojo a Partilha. Há no dízimo uma relação entre Deus e a comunidade. Quando a Palavra de Deus se refere ao Dízimo faz sempre um pedido e uma promessa. O fascinante é o desafio que tange qualquer coração agradecido, ao reconhecer que Deus tem parte naquilo que produzimos. O sistema econômico que rege o mundo é adverso a essa ideia”, nos diz Enio. O advogado da Mediação nos conflitos começa a articular novas mediações. Percebe quão preciosa é sua nova missão, em especial naquela região onde atua. Diz claramente: “A região Sul, principalmente o Rio Grande, traz fortes traços da colonização europeia, que possui outra mentalidade para essa questão, tratando o dízimo, equivocadamente, como uma taxa para obter algum direito junto à Igreja”.

Afinal, onde entram a rosa e o repolho? Nada a ver com o casal Enio e Lia, pois que este já desabrocha para a alegria de ser Igreja com nítida visão missionária. São pessoas abertas à Palavra de Deus e, como dizimistas conscientes, constroem o futuro sonhando com cristãos mais comprometidos com a obra evangelizadora comum a todos. Mas Enio tem uma palavra final: “Vamos aprender com as flores. Uma rosa, por exemplo, nasce de um botão, mas, para nos dar seu perfume e sua beleza, vai se abrindo, se abrindo... Não vamos ser como o repolho, que nasce aberto e aos poucos vai se fechando, se fechando”. Lição que Enio nos traz da roça...

Wagner Pedro Menezes

TATTO E SENSIBILIDADE

Montado na garupa do cavalo Zaino, do Mons. Vitor Batistela, o menino Tatto seguia orgulhoso seu ofício de coroinha. Aos cinco anos respondia habilmente às missas em latim, seguindo os passos do seu conterrâneo Adílio Daronch, também coroinha, que em 1924 foi assassinado na companhia do Pe. Manoel G. Gonçalves e hoje se tornaram os primeiros mártires beatos da diocese de Frederico Westphalen (RS). Ali, naquela região montanhosa e pedregosa, traçada por linhas como Manfio, Angico da Saudade, São Francisco do Pardo (sua origem), Progresso, São Roque, Vilinha, 21 de Abril, São João do Porto, Getúlio Vargas e outras, o menino enfeitava seu sonho de vida religiosa. Não demorou muito para entrar no seminário Verbita, da Penha, no PR.

“Uma congregação missionária era tudo o que eu precisava”, confessou anos depois, Antoninho Tatto, já adulto e bem casado. Nesse ínterim, conheceu a vida louca da cidade grande, atirou-se por completo na faina paulistana de ganhar, ganhar, ganhar... Formou-se em contabilidade e administração de empresas, e montou na garupa da ambição. Foi quando o terreno pedregoso por onde trilhava cruzou seu caminho com o de Inês, “a jardineira dedicada que cultivou minha aspiração missionária”. A semente dos vales e montanhas de Frederico germinou com força e exuberância na selva de pedra onde Deus o plantou. Desse encontro nasceram os quatro filhos do casal, desde sempre criados e orientados à luz da opção missionária dos pais.

“Nossos filhos certamente se ressentiram pelas muitas ausências nos finais de semana, ou nos dias de semana à noite, nas muitas viagens de trabalhos missionários. Já adultos, disseram que sentiam nossa falta, mas que não trocariam por nada deste mundo tudo o que viveram conosco como missionários”, diz Tatto, cuja sensibilidade vai às lágrimas sempre que se lembra disso. Estava disposto a abandonar tudo, depois de uma maratona de palestras no interior do Paraná, quando recebe um bilhete da esposa: “Não se preocupe conosco,

estamos com Jesus. Existe companhia melhor?” Mas a conclusão cara a cara foi mais taxativa ainda: “Jamais deixe a missão por nossa causa”, disse Inês.

Para quem nos leu até aqui, a ideia que passa é de uma pessoa radical, que deixou família e profissão para viver um sonho infantil, uma vocação não realizada. Engana-se. Apesar (diria por causa) dessa opção louca, Toninho é um empresário bem sucedido, proprietário de um dos mais conceituados escritórios de contabilidade de Santo Amaro, zona sul de S. Paulo, e outras empresas mais, que bem poderia estar usufruindo do conforto e benefícios que sua posição financeira pode lhe proporcionar. Mas prefere os riscos da estrada evangelizadora, percorrendo não só o Brasil, mas muitos outros países como EUA, Peru, Moçambique, Guiné-Bissau, Itália e outros, onde já levou sua palavra como missionário leigo do Meac. Havia lido o livro Apóstolos Cansados e feito um propósito: “Se este cara morrer, vou dar continuidade ao trabalho que comecei”. Pois não é que o cara agora ali estava, em carne e osso? Toninho tornou-se, desde então, o maior divulgador e coluna de sustentação (espiritual e material) desse grupo. Sem contar que nestes últimos quarenta anos tem sido eleito, seguidamente, o presidente do grupo.

Perdeu sua esposa Inês para um câncer. Refaz agora sua vida ao lado de Fernanda, sua nova esposa, filha de missionários leigos, que desde a infância, também tem dentro de si essa semente da loucura pela obra de Cristo. Diz a respeito: “Inês foi e será sempre minha amada e eterna esposa. Deus colocou barro bruto e fedido nas mãos dela. O que sou foi ela que moldou, deu cor, perfumou e ofereceu. Hoje, casado com a Fernanda, ela tem muito do que Inês e eu sonhamos e vivemos. Ser filha de missionários foi um detalhe caprichoso de Deus para coroar nossa opção”. Afinal, diz ele: “Servos inúteis é o que somos; qualquer coisa fora disso é pura graça de Deus”.

“Missionário é aquele que desperta missionários, que despertam missionários, que despertam missionários...”

(Lema mais comum usado por Antoninho em muitas pregações).

Wagner Pedro Menezes

INÊS DE JESUS

Seu sobrenome não poderia ser outro: Jesus. Sua vida seria uma pertença total a Jesus. Mulher de fé e muita garra, construiu sua vida contabilizando lucros e perdas, mas somando muitos resultados positivos. Durante três anos lutou contra a doença que a martirizou pouco a pouco, ferindo-lhe a carne, a vaidade, a tranquilidade para curtir os netos que chegavam e alavancar a vida missionária do esposo que tanto amou. Há três anos purificava os que a conheciam, com sua resignação à dor, ao calvário, mas nunca à fé gigantesca que contagiava a todos que dela se aproximassem.

Casada desde 22 de dezembro de 1972, criou seus quatro filhos de maneira santa. Da mesma forma que santificou seu esposo, logo no início da vida conjugal, trazendo-o de volta à Igreja e despertando nele a vocação que sempre possuiu: vida missionária. Atuante nas comunidades, zelosa com as coisas de Deus, fervorosa na devoção à Mãe, Inês sempre olhou o mundo com o olhar de Cristo, desejando levar “até os confins do mundo” a proposta do Mestre. Impedida pelos deveres maternos, ficou na retaguarda do marido, incentivando, orando, preparando-lhe as malas de viagens e nelas inserindo sempre um bilheteinho repleto de palavras de amor e fé.

Não apenas por coincidência – pois estas não existem nos planos de Deus – no mesmo ano de seu casamento surgiu no Brasil o primeiro grupo de leigos missionários, hoje conhecido como Meac São Paulo Apóstolo. Logo o casal foi convidado a se inserir neste grupo. Começou ali um trabalho de evangelização feito por leigos que ajudou a construir e solidificar a identidade missionária da nossa Igreja. Por trás, na retaguarda de toda essa história, guarnecendo as conquistas e aliviando os momentos críticos, estava Inês e suas orações.

No Dia de São Paulo, 25 de janeiro de 2010, Dia do missionário dos pagãos, o Meac se reuniu para mais uma assembleia. Inês vinha de um processo de convalescência muito crítico. Na semana do nosso encontro recuperou-se como por milagre, para tomar parte da assembleia e renovar seu compromisso “por mais um ano”. Renovou por mais cinco dias.

Não sem se despedir de todos, encorajar-nos mais uma vez com seu sofrimento e serenidade, seu sorriso de paz, sua luta. Ao me despedir, desejei-lhe confiança, pois “Deus vai tirá-la dessa”. E sua resposta calou fundo em meu coração: “Com certeza, de uma forma ou de outra”.

Durante a semana voltou mais uma vez para o hospital. Aproximava-se sua hora. Várias pessoas se reuniram ao seu redor e com ela iniciaram a reza do terço. Ao final da oração, seu esposo balbuciou em seus ouvidos: “Ofereça seu sacrifício por todos os pagãos e missionários do mundo”. Ela consentiu levemente com a cabeça. Logo depois entregou seu espírito a Deus.

Assim perdemos Inês Jesus Tatto, 55 anos, ou verdadeiramente Inês de Jesus. De seu esposo Antoninho Tatto pude ouvir momentos depois: “Foi uma morte tranquila. Ganhamos uma intercessora no céu”. Quem poderia ver tranquilidade na morte da própria esposa senão alguém profundamente sintonizado com os planos e a vontade de Deus? Que família seria capaz de uma entrega tão santa e serena senão aquela cuja fé vai além dos limites deste mundo, desta carne, das ilusões que “demonizam” tão belo encontro com Deus? Jesus, Maria e todos os anjos dos céus resgataram Inês de nosso meio. Não sem antes nos preparar e santificar esse momento com a presença da Mãe, a primeira grande missionária do Verbo, aquele que dela se fez carne para um dia vencer a morte.

Wagner Pedro Menezes

URBANO, O MÚSICO DA FÉ

Você já imaginou que música Maria, José e Jesus ouviam? Urbano Medeiros já. Não só imaginou, como tem reconstruído, através de estudos e pesquisas bíblicas, instrumentos daquela época, para deles tirar seus acordes e louvar a Deus com sua música. Que sons acompanhavam os momentos de louvor do povo que frequentava o Templo ou mesmo quais notas e timbres musicais inspiravam Davi na composição de seus Salmos? Tudo isso Urbano já se perguntou e por isso não desiste de um projeto audacioso que envolve estudo das músicas do oriente, bizantinas, sírias e até músicas dos cristãos da Índia.

Mas, afinal, quem é ele? “Sou um pecador público, pequeno, cheio de defeitos, um pai de família e avô” diz em sua simplicidade. Trata-se, no entanto, de um dos maiores saxofonistas brasileiros, segundo a crítica especializada. Nascido em São João do Seridó, RN, desde criança demonstrou amor à música. Sua origem judaica explica um pouco sua espiritualidade e interesse pela história bíblica, mas “lendo a vida dos santos da Igreja, tive um encontro com a fé cristã” e, desde então, “aplico música católica e cristã oriental na vida dos irmãos mais pobres”. Sim, não é difícil encontrá-lo com seus instrumentos a tocar em hospitais, entre doentes terminais, nos presídios onde desenvolve trabalhos missionários ou na rua entre famintos, leprosos, indígenas, pessoas marginalizadas, drogados, aidéticos, alcoólatras, levando não apenas um som e palavras de conforto, mas também por acreditar no poder da música para restaurar pessoas.

Em 1981 Urbano conheceu o Meac. Deixou então seu norte e veio somar-se ao trabalho missionário do grupo. “Foi amor à primeira vista, anos super felizes na minha vida”, nos diz, completando: “O Meac foi a maior universidade de toda a minha vida. Devo muito ao grupo. Só aprendizado positivo, até mesmo nas coisas negativas, tão poucas... Tenho muito orgulho de ter passado por esse grupo”. Por razões pessoais, deixou-nos em 1986, levando como espólio desses anos de missão apenas o saxofone, único bem que o grupo pôde lhe

oferecer. Em contrapartida, muito mais dele recebemos, com sua presença sempre serena e incondicional amor à vida missionária.

Hoje, morador de Pará de Minas, ao lado da esposa Regina, filhos e netos, diminuiu um pouco seu ritmo de trabalho por sérias questões de saúde. Pergunto sobre ela: “Estou numa luta grande e peço as orações de todos...” E chora. Mas encontra forças ainda para nos deixar um recado que considera vital para qualquer família cristã: “A família é a base de tudo. Nenhum sucesso do mundo compensa o fracasso no lar”. Está aí seu recado, “mano santo” (foi assim que ele sempre se dirigiu a cada um de nós, dentro do grupo). Esse maninho que coloca alma e coração na boca ao soprar seus instrumentos. Que inventou até uma palavra para definir sua música: hesicasta. Que é isso, meu mano? “Uma forma de estar sempre conectado no Santo Nome de Jesus por meio da respiração. Viver rezando jaculatórias. Eu faço isso enquanto estou soprando nos instrumentos como clarinete, aulos, duduk etc.

Tá bom, Urbano. Você está sempre se inovando, para honra e glória de Deus. Então diga o que você quiser agora... “Sejamos todos católicos unidos ao ensinamento da Igreja e fiéis a Pedro, o papa atual. Sejamos escravos do amor de Maria Santíssima. A época é de Maria. Não tenho medo nenhum de ser criticado por esta minha fidelidade à Igreja Católica e ao seu magistério. Quero morrer nos braços da Igreja de Cristo”!

Wagner Pedro Menezes

“Urbano é o coração humano batendo vivo e sangrante diante de nós. Quem teve o privilégio de conhecer suas músicas e seu Caicó lá no Rio Grande do Norte sabe como o sol de 50 graus apura as sensibilidades humanas. É um gênio, e como todo gênio, precisamos amar sem querer nada em troca. Ele é a própria recompensa. Um abraço, mano véio”.

José Antônio Fonseca

CONHECERAM-SE NUMA FAVELA

Ele veio para São Paulo em busca de tratamento para a mãe. Era o ano de 1975. Sem muitos recursos, o pai se viu obrigado a vender as terras que possuíam em Ivaiporã, PR e assim custear as despesas com a enfermidade da mãe. O dinheiro acabou e passaram a morar de favor num barraco da favela no Jardim das Imbuías. Logo arrumaram emprego e compraram o próprio barraco, onde viveram dezoito anos.

Ela, também moradora na favela, preenchia seus dias organizando pequenas atividades na comunidade João Paulo I. Ali ensinava o pouco que sabia de violão e liderava o grupo de jovens missionários com o sugestivo nome de LAM, Leigos para Animação Missionária.

Alvino, incentivado pela mãe já restabelecida e igualmente atuante na comunidade, começou a frequentar as aulas de violão da jovem Dalva, a coordenadora que fazia de tudo para manter o ânimo daqueles jovens, apesar das gritantes necessidades comuns a qualquer favela. Não deu outra: o acorde em ré menor soou como dó maior; o desafinado aprendiz afinou seu violão com o compasso do coração de sua professora. Entre uma missão e outra, beijos e abraços... Lideraram e marcaram época na então região episcopal de Santo Amaro, levando um testemunho de fé e visão missionária que encantava a todos. Foram várias as missões realizadas por aquele grupo, até que, em 1989, Alvino e Dalva assumiram a maior de todas as missões de suas vidas, a vida conjugal.

Neste mesmo ano, face ao desempenho de seus trabalhos numa favela que se tornou referência de espírito missionário na recém criada Diocese de Santo Amaro, foram convidados a ingressar no Meac, cujo núcleo ficava bem próximo da residência do casal. De lá para cá, foram muitas as contribuições desse casal – pau para toda obra – dentro do grupo. Ele, sempre disposto e solícito a qualquer obra, qualquer desafio. Ela, contabilista de sucesso, tem sido nossa secretária há muitos anos, desempenhando seu papel de mãe e empresária, esposa e missionária, de forma sempre serena e edificante.

Quando Alvino foi designado a um trabalho missionário de mais de mês, no Maranhão, pareceu-lhe quase impossível ficar tanto tempo longe de casa. Mas, com o coração apertado, aceitou. “Encontrei uma realidade muito diferente, que marcou demais. Era uma região de muita pobreza, com distâncias absurdas entre uma comunidade e outra. Ficávamos um dia inteiro balançando dentro de uma caminhonete, para fazer uma única celebração. A saudade apertou, pois o Gabriel tinha um ano de idade e a Dalva estava grávida do Felipe. Como foi difícil! Prometi a mim mesmo nunca mais fazer tal loucura. Mas, para minha surpresa, ao chegar a casa, a alegria e as palavras de Dalva dando graças a Deus pela missão e incentivando-me a outras, me fizeram rever minha promessa. As coisas de Deus estão acima de qualquer pretensão humana”, conclui Alvino.

Depois dessa, fez outra grande missão em Manaus, pregando sobre o dízimo. Dessa viagem nasceu o núcleo do Meac Amazonas, um grupo ainda em formação, mas já muito atuante e reconhecido pela Igreja local. Foi essa uma de suas sementes que prometem frutos maravilhosos, como toda semente missionária.

Dalva e Alvino possuem uma visão de Igreja que vai além dos limites das carências e privações que viveram. “A Igreja ainda é o maior sinal de esperança para o mundo”, diz ele. Esperança que só se concretizará com a ação missionária renovada de seus fiéis. Alvino sabe o que diz, pois toda sua juventude, vida familiar e profissão foram construídas à luz do Meac, o grupo missionário cujo futuro, segundo ele, “depende da esperança que temos na Igreja”. E conclui: “Missão, para nós, é quase um modo de vida; é um jeito, uma iniciativa que tomamos na comunidade, para firmar e fortalecer a fé; uma maneira de se conscientizar do chamado para sair e evangelizar. É Deus, que, para fazer crescer, manda sol e chuva. Os missionários são os que regam, adubam, protegem, cuidam”.

Wagner Pedro Menezes

O CANTO DO ROUXINOL

“É uma ave difícil de se ver. Canta normalmente escondido. Tem uma plumagem discreta, de cor geral acastanhada e mortiça”. Assim a enciclopédia virtual Wikipédia nos apresenta um rouxinol. E ainda diz: “É um dos poucos pássaros que canta também à noite”. Assim, por analogia, também lhes apresento Manuel Rouxinol, MR para seus leitores, diretor e editor da revista e da editora O Recado. Uma ave rara... Figura humana discreta, mas perfeccionista, a quem a história do Meac, grupo de leigos missionários que chega aos 50 anos no Brasil, deve sua existência e razão de ser.

Senão, vejamos: MR chegou ao Brasil como missionário, padre do Instituto Comboniano, com a missão de criar e administrar a revista **Sem Fronteiras**. Tinha já um histórico de sucesso como jornalista, ao fundar e administrar revistas missionárias em Portugal, sua terra, que até hoje por lá circulam. Mas as dificuldades por aqui eram maiores, pois que outra era a realidade brasileira. Acabou por entregar o lindo projeto, já solidificado, pois sua obsessão era ser pai, ter seus próprios filhos, sua família.

Optou pelo laicato. Nessa busca, conheceu um grupo de leigos dispostos a evangelizar através de seus dons, incluindo aí livros e revistas. Criou então uma editora com o objetivo de dar sustentação aos missionários do Meac, produzindo materiais de conteúdo, que fossem baratos e acessíveis ao grande público. Sua linha editorial segue até hoje a dimensão missionária e a experiência dos padres combonianos. Depois que deixou a congregação, continuou fazendo o que sempre fez, ser jornalista e missionário.

Casou-se com a Alice, mulher espetacular, muito simples, com especial carinho pelas pessoas mais pobres, que lhe deu quatro filhos e, até agora, quatro netos. Quando perguntavam a Neimar como era a editora **O Recado**, este tinha sempre uma resposta quase irônica, mas singela: “Uma mesa com um português atrás”. Não deixa de ser real. Mas por trás dessa mesa sempre encontramos um ombro amigo, conselheiro sem igual, sincero, amante da justiça, com uma

vida bem regrada, que vive de forma simples, sem ostentação alguma. Vive única e exclusivamente em função da Editora e de sua família. Esse é seu canto, seu cantinho entre nós...

Quanto ao Meac, apesar de sua história juncada de altos e baixos, Rouxinol ainda o tem como a menina de seus olhos, embora sem nunca ter sido membro efetivo. Nas maiores crises do grupo ou nos momentos de grandes sucessos e também dificuldades, Rouxinol foi o peso da balança para nos alertar ou mesmo nos incentivar com palavras de perseverança. O Meac não teria sobrevivido se ele não tivesse se comprometido como fez conosco. Isso individual ou coletivamente.

Tatto, que o acompanha desde o início da Editora, dá-nos alguns testemunhos: “Quando eu e Inês viajamos para a Amazônia em viagem missionária longa, ela lhe escreveu um bilhete dizendo que se nos acontecesse algo de pior, somente a ele confiaria a guarda de nossos filhos”. Ou mesmo, “quando passamos por sérias dificuldades financeiras, prestes a entregar nossa empresa de mão beijada, depois de muitas noites mal dormidas, com nossos filhos dormindo debaixo de nossas mesas, no escritório, ele nos chamou e conscientizou-nos de que não tínhamos o direito de agir assim e nos aconselhou a reverter a situação. O que hoje temos devemos a ele”.

Mas, dentro desse missionário da humildade e do silêncio, “que também canta à noite”, nos momentos de crise, está a alma de um poeta nato. Poeta que diante de um quadro artístico do Cristo Crucificado foi capaz de escrever: *“Tua luz – teu corpo iluminado – ilumina a cruz / que ilumina o chão que pisamos / Tu e tua cruz são nossa luz. / Assim te imaginou / - em tua e nossa cruz – Salvador Dali / quando pintou o Salvador daqui, / deste mundo / destes homens, de nós...”*

Wagner Pedro Menezes

APAIXONOU-SE POR UMA FOTO

Em 1980, quando o Meac realizou um curso de comunicação na Diocese de Duque de Caxias, RJ, um dos participantes fez várias intervenções aos pregadores. Durante a palestra ministrada pelo Tatto, esse participante ouviu uma expressão do palestrante: “Aqui tem cobra criada”. Mais que crítica, tratava-se de um elogio a seus comentários. O crítico era Joaquim Accioly.

Coroinha aos sete anos, vinha de uma família profundamente religiosa. Aos 11 frequentou a Escola Apostólica dos padres barnabitas. Aos 12 já era catequista, além de aluno no Colégio Marista N. Sra. de Nazaré. Tudo foi precoce na história daquele menino, pois aos 13 anos tornou-se servente de pedreiro e ajudante de pintor. Com 16 foi ser relojoeiro e só então começou a ter sobra de caixa para gozar a vida. “Farras homéricas, muita bebida, muitos bailes, gafieira e perdição”, resume ele.

Mas a formação religiosa não foi vã. Aos 19 anos conheceu o movimento JOC (Juventude Operária Católica), a coqueluche da mobilização juvenil naquela época. Tornou-se um dos seus dirigentes, galgando coordenações a nível arquidiocesano, chegando à Equipe Nacional e, finalmente, a nível latino americano e mundial. Em 1957 foi para Roma, quando um congresso reuniu 37 mil jovens trabalhadores, recebidos pelo Papa Pio XII. Ali foi criada a JOC internacional e Accioly tornou-se um dos seus dirigentes. Em 1961 presidiu o primeiro Congresso Nacional de Jovens Trabalhadores, no Rio. Toda essa liderança o levou a uma participação política no Ministério do Trabalho, quando se tornou assessor o então ministro André Franco Montoro.

O ápice dessa história começa sob as colunatas de Bernini, na Praça de São Pedro. Em 1957 Accioly fazia parte de uma delegação brasileira da JOC. Um padre amigo resolveu mostrar àqueles jovens os álbuns das fotos que trazia. Nelas apareciam alunas do Colégio Sta. Catarina. Mas Accioly só enxergou uma... Era uma bela jovem trajando sua farda colegial, que havia se formado recentemente. Onde estaria?

A única pista obtida era o nome da misteriosa jovem: Dionaura. Não tinha outras referências, senão o fato de ser brasileira e morar no nordeste. Foi a Pernambuco, tentando encontrá-la. Durante dois anos peregrinou por várias cidades e estados nordestinos – sempre como assessor da JOC, mas com um único nome na cabeça: Dionaura. “Mas o homem põe e Deus dispõe”, pensava o jovem apaixonado.

Em fevereiro de 1959, já quase desistindo dessa sua louca paixão, estava em São Luiz do Maranhão. Hospedado na residência de D. Antônio Fragoso. Conta ele: “Estávamos sentados a uma mesa próxima à entrada da casa, após o café, quando tocou a sineta eu levantei-me para abrir a porta. Uma linda jovem, muito simples, se apresentou: Sou Dionaura, da JAC (Juventude Agrária Católica) e preciso falar com D. Fragoso”. Era ela. Depois de um ano tentando namorá-la, “em 15 de abril de 1960 conseguimos acertar os ponteiros”. Casaram-se no dia 12 de setembro de 1962.

Vieram os filhos Paulo Sérgio e Daniela. Tudo um mar de rosas? Pior que não. Dado ao comprometimento do casal com o “trabalho de educação rural e de organização social” – altamente subversivo para os conceitos da revolução de 1964 – receberam voz de prisão – ela em regime domiciliar devido à gravidez. Foram dias de muitas nuvens. Após os vendavais da perseguição, mudara-se para Niterói. “Trabalhei muito e voltei a estudar (Administração, Ciências Contábeis, Direito, além de pós graduação em Direito Canônico) e aos poucos refizemos a vida”.

Dionaura já é falecida. Ambos eram considerados vovôs do Meac, por colocarem sua casa como ponto de apoio para todo e qualquer missionário do Meac que passasse pelo Rio. Desde 1980 foi sempre assim. Só em 2006 é que Accioly efetivou sua entrada no grupo, onde é voz sempre respeitada por todos. “Eu não me apresentava como candidato porque me achava incapaz de fazer esse trabalho”. Incapaz?

Wagner Pedro Menezes

MEAC FEIRA DE SANTANA

No ano de 1986 nossa família, eu, Raimundo, minha esposa Valdice, nosso filho Francisco, um sobrinho de Valdice, José Anísio e Ester, uma jovem do grupo de oração, saímos de São Paulo sem destino certo, abertos a acolher a missão que o Senhor nos designasse. Ao partir em missão fizemos os votos de obediência, pobreza e castidade.

Fizemos nossa primeira parada em Aparecida do Norte. O grupo de oração nos acompanhou até lá. Juntos participamos da missa; em seguida o grupo voltou para São Paulo e nós pernoitamos em Aparecida, dormimos todos no carro pois não tínhamos dinheiro para hospedagem. No dia seguinte partimos em direção à Bahia.

Chegando à Feira de Santana, fomos visitar alguns parentes e nos apresentamos em algumas paróquias, colocando-nos a disposição para o trabalho missionário. Ao chegar à Paróquia Santo Antônio, onde fui seminarista há alguns anos, encontramos Frei André que foi meu colega de seminário. Ao nos apresentarmos para ele e contar da nossa missão, ele não nos deixou partir.

Nessa época a Paróquia Santo Antônio era muito grande, com várias comunidades urbanas e rurais. O Frei André nos disse que iríamos fazer um trabalho de missão popular em todas as comunidades da paróquia.

Foram anos de trabalho árduo, mas muito gratificante. Quando íamos a uma comunidade, ficávamos ali por 15 dias, nos alojávamos no lugar que a comunidade podia oferecer. O trabalho missionário começava todos os dias às 5h da manhã, com a oração do Ofício de Nossa Senhora; durante o dia fazíamos visitas de casa, realizávamos encontros com crianças, jovens, casais, preparávamos as pessoas para batizados, casamentos, confissões: eram dias de muita evangelização. Essas missões reavivavam as comunidades, despertavam lideranças, organizávamos pastorais, grupos e movimentos.

Esses trabalhos missionários foram despertando outras pessoas que se juntaram a nós e, a partir daí, formamos o grupo missionário do MEAC em Feira de Santana. As primeiras

peessoas que começaram a fazer parte do grupo foram as irmãs Irene e Didi, ambas já no céu, Lara e Chiquita. Logo em seguida entraram para o nosso núcleo missionário Lizete, que veio da cidade de Rafael Jambeiro, e a jovem Mônica, de Feira de Santana, e que pertencia à paróquia Santo Antônio.

Entendemos que nossa parada em Feira de Santana foi propósito de Deus para fixarmos morada aqui. Construimos uma pequena residência ao lado da casa de nossos parentes; logo depois, lá pelo ano de 1988, compramos, com a ajuda de Antoninho Tatto, uma pequena chácara na zona rural, numa localidade chamada Lagoa Salgada. Ali construimos nossa sede missionária. Este lugar ficou conhecido como ponto de encontro dos missionários e da missão. Nossa chácara não tinha energia elétrica, nem água encanada. A iluminação era feita por lampião de gás, e a água era retirada de um poço por meio de um engenho. As coisas melhoraram um pouco quando nossa irmã Luiza nos doou um gerador movido a diesel. Colocamos uma bomba no poço, e isso facilitou muito o nosso trabalho. Depois ganhamos do nosso irmão Antoninho uma geladeira a gás: mais um progresso na nossa vida.

Não demorou muito e o grupo missionário começou a crescer, muitas pessoas motivadas pelos trabalhos de evangelização que estavam acontecendo nas comunidades vieram fazer parte do MEAC: os casais Joaquim e Antônia, Marlene e Eládio, Dorinha e Floriano, Manoel e Beatriz, Ana e Austeclino, Erval e Luzinete, Marcos e Gisélia, Vanda e Youssef, Elias e Euzenir, Maria Alice e Henrique, José Maria e Dulce, Angélica e Marcílio, Neuza e Nengo, Francisco e Eleide, Guida e Severino. Além de casais, muitos homens e mulheres de fé fizeram parte dessa caminhada missionária: Vanilda, as irmãs Carla e Fernanda, Lourdes, Jonenilda, Edeuzuita, Márcia, Áurea, José Alves, Dida, Maria, Ressurreição, Luiza, e tantos outros, aos quais peço perdão pela falha da minha memória, marcaram nossa história.

Com a nossa moradia na Chácara Missionária na zona rural da Paróquia Santo Antônio, as comunidades rurais ganharam um protagonismo impressionante, pois passamos a prestar uma assistência religiosa constante a essas comuni-

dades, dando formação aos seus líderes, preparação para os sacramentos, realização das festas religiosas e a promoção social.

Alguns eventos também foram marcantes na história da Paróquia Santo Antônio, como o primeiro curso missionário organizado por nós, em que trouxemos Irmã Ceci e Padre Barese, o primeiro curso para formação dos Ministros Extraordinários da Comunhão e implantação do Dízimo, feita por Antoninho Tatto, primeira paróquia da diocese que teve seu dízimo organizado e bem estruturado. Por falar em dízimo, esse foi mais um trabalho que comecei a desempenhar com Zezinho e com outros missionários do MEAC.

O grupo do MEAC em Feira de Santana estava muito grande e com uma diversidade de participantes: homens, mulheres, jovens, casais, casais já maduros mas também jovens casais com filhos pequenos que muitas vezes acompanhavam seus pais nos trabalhos missionários. Foi aí que Valdice teve a inspiração de criar o Meaquinho para acolher esses pequenos e já ir formando-os com espírito missionário. Inicialmente eram poucas crianças, mas, como fermento na massa, esse grupo cresceu a ponto de termos quase cinquenta crianças e adolescentes.

Valdice era uma pessoa de dons extraordinários, ungida pelo Espírito Santo, e não media esforços para ajudar quem estivesse precisando de uma palavra de conforto, de uma mão amiga, de suas orações. Como a oração de dois ou mais é sempre mais forte, ela criou um grupo de intercessão que acontecia toda quinta-feira na Chácara da Missão. Esse grupo era formado por poucas pessoas: Joaquim, Zezinho, Valdice, Mônica, Marlene, Ana Francisca, Dorinha, Luiza, Vanilda e eu. Quantas experiências maravilhosas nós tivemos, quantas revelações, quantas coisas vimos o Senhor operar pela intercessão de seus servos inúteis.

O nosso trabalho na Bahia era muito intenso, mas nunca nos desvinculamos de São Paulo; primeiro, porque a sede do MEAC era em São Paulo, depois, porque Valdice sempre esteve ligada às pessoas do nosso grupo de oração de origem.

Quando ela estava em São Paulo não parava de atender as pessoas que buscavam orações de cura e libertação. Em uma das nossas idas para São Paulo, chegando a Guarulhos, nosso carro travou as quatro rodas em plena Dutra; vimos a morte de perto, as carretas passando de um lado para o outro. De repente, do nada, surgiram três jovens e começaram a balançar o carro rapidamente, colocando-o no acostamento. No carro estavam eu, Raimundo, Valdice, Francisco, Zezinho e Mônica. Desci do carro para agradecer aos jovens que tinham nos livrado do perigo e, para minha surpresa, não tinha jovem nenhum. Não tivemos dúvida que foram os anjos de Deus, São Miguel, São Gabriel e São Rafael.

Já estávamos morando há seis anos na chácara e ainda sem energia elétrica, até que apareceu um frezinho italiano chamado Feliciano, da Paróquia Santo Antônio. Ele dava assistência a algumas comunidades rurais, inclusive à nossa, e com um grande gesto de generosidade conseguiu um recurso com irmãos italianos e nos doou o dinheiro para colocarmos a energia na chácara. A expectativa era grande para esse dia: ver nossa chácara iluminada e termos um pouco de conforto. Infelizmente, nossa irmã Valdice não pôde participar dessa alegria pois, no dia 25 de fevereiro de 1994, ela nos deixou partindo para a casa do Pai. Foi uma partida muito repentina: na quarta-feira, dia 22, apresentou uma falta de ar, levamos para uma emergência. A primeira médica que atendeu disse que era problema renal, fez a medicação e nada de melhora. Conseguimos transferi-la para um hospital particular; lá os médicos diagnosticaram que ela estava com embolia pulmonar; logo foi transferida para a UTI, mas três dias depois veio a óbito. Foi um baque muito grande na vida de todos nós.

Esse triste e fatídico fato deu novos rumos ao grupo missionário da Bahia. Poucos dias após a morte de Valdice, chega a Feira de Santana a jovem Ester, vinda do Espírito Santo. A sua vinda já estava acertada com Valdice, mas infelizmente ela não chegou a conhecê-la. Quase um ano após a morte de Valdice, estávamos dando continuidade aos trabalhos missionários. Os trabalhos de pregação do dízimo

foram intensificados; eu estava indo a diferentes lugares na companhia de Bruno e Marilene.

Na assembleia de janeiro de 1995 que aconteceu em Feira de Santana, a diretoria decidiu que Ester e Mônica deveriam ir para São Paulo, e assim foi feito.

De repente, me vi sozinho, apenas na companhia de Francisco, meu filho. Valdice no céu, Zezinho havia saído do grupo e já estava casado, Mônica e Ester em São Paulo. Então Mônica e eu passamos a nos falar com frequência e decidimos que iríamos casar. Foi outro baque para o grupo de Feira de Santana, pois eram muito apegados a Valdice, não aceitaram essa decisão. Mas eu já havia conversado com meu diretor espiritual, Mônica conversou com Mons. Valdemar, diretor espiritual do Meac na época, que lhe deu a sua bênção. Então ela retornou para Feira e, em abril, nós nos casamos. Muitas pessoas deixaram o grupo. Com os que perseveraram demos continuidade aos nossos trabalhos.

No ano seguinte nasceu nossa primeira filha, Isabela. Dois anos depois nasceu Gabriela. Depois que nossa segunda filha nasceu, nos mudamos para a cidade, mas continuamos com os trabalhos missionários nas comunidades. No ano 2000, Mônica, Didi e Neuza foram participar de uma formação sobre a Infância Missionária em Teresina. Ao retornarem criaram o grupo da Infância Missionária na sede da Paróquia Santo Antônio e em algumas comunidades. O trabalho da Infância Missionária deu um novo ardor missionário ao nosso grupo. Paralelo à Infância Missionária, sob a coordenação da missionária Márcia, começamos um trabalho com a juventude em todas as comunidades rurais da paróquia Santo Antônio. Esse trabalho foi muito importante, pois despertou muitas lideranças jovens.

Com as meninas crescendo e as despesas aumentando, não dava mais para viver exclusivamente para a missão; então, Mônica voltou a estudar, e foi trabalhar como professora. E eu sempre viajando em missão, implantando o dízimo em diversas dioceses. Quando nossa segunda filha completou oito anos, nasceu nossa caçula Mariana. Agora nossa missão era evan-

gelizar fora e conduzir nossas pequenas no caminho do Senhor.

Hoje nosso grupo está bem reduzido, e os membros quase todos na **melhor idade**. Mas nossa missão não parou: temos hoje verdadeiros intercessores, que rezam dia e noite pela missão. A Mônica trabalha como diretora em uma creche municipal, numa comunidade muito carente, e sempre diz que essa foi a nova missão que Deus lhe confiou, e faz do seu trabalho um serviço aos pequenos do Senhor. Cumprimos nossa missão na educação de nossas filhas, meninas cristãs todas engajadas na igreja. Isabela, a mais velha, querendo seguir o caminho da vida consagrada. E eu, um velho missionário cultivando a terra, apoiando minha esposa e filhas e rezando incessantemente para que o Reino de Deus aconteça no meio de nós.

Raimundo Vieira

UMA HISTÓRIA DE DOR E SUPERAÇÃO

De mãos dadas com o pai, a menina ia habitualmente comprar pão na padaria mais próxima de sua casa. Naquele dia 4 de fevereiro de 2001 cruzaram o caminho de um morador de rua, que lhes pediu dinheiro. Sorridente como sempre e comovida com o olhar súplice daquele mendigo, a menina lhe prometeu um lanche. Aquela criança graciosa, ansiosa por proporcionar um sorriso na face sofrida daquele pobre, atravessou a rua mais que depressa. Mas não conseguiu seu objetivo.

Um motorista em alta velocidade cruzou o farol fechado e atingiu a menina. Sobrou-lhe o tempo apenas de dizer suas últimas palavras ao pai a seu lado: “Quem ajuda as pessoas é feliz”. E morreu sem cumprir um mandamento evangélico, “dar pão a quem tem fome”.

As últimas palavras de Gabriele são hoje o slogan de um projeto social bem estruturado, com o nome de Instituto Gabi, fundado e dirigido por seus pais, o jornalista Francisco Sogari e a pedagoga Iracema. “Gabi viveu apenas seis anos, – diz Sogari – mas foram suficientes para nos ensinar que somente o amor é capaz de transformar o homem e o mundo”. Palavras simples, mas que, vindas do coração dilacerado de um pai em pranto, permanente, ganham força extraordinária. “Quase fomos vencidos pela dor, – diz ainda – mas buscamos forças em Deus e na solidariedade dos amigos”. Hoje o Instituto Gabi atende mais de sessenta crianças portadoras de deficiência e de baixa renda. Dá muito pão e faz feliz muita gente.

Para compreender melhor essa história, precisamos conhecer seus pais. Francisco e Iracema se conheceram num encontro de comunicação. Sempre foram pessoas engajadas na Igreja, sobretudo na Pastoral da Comunicação e Pastoral Social. Conheceram o Meac em 1976, quando este desenvolvia um trabalho de evangelização em Flores da Cunha (RS), cidade de origem de Francisco. Os anos se passaram e, em 1993, cursando o Mestrado na Metodista, Sogari foi a campo em busca de subsídios para sua tese sobre Uso dos Meios de Comunicação na Evangelização. Mais uma vez topou com o Meac em seu caminho. “Logo me identifiquei e passei a

participar do grupo”. Assim, caminhou com o grupo até aquela fatídica data de 2001. Deixou-nos em função de uma missão mais grandiosa.

Sua presença e participação no Meac foi muito rica para todos. Afinal, trata-se de um professor de jornalismo de duas universidades paulistas, que muito contribuiu no aprimoramento da área de comunicação do grupo. Hoje divide seus dias para supervisionar o instituto na parte da manhã e, à tarde e noite, atua em sua profissão. A esposa faz consultoria pedagógica, via internet, além de cuidar dos “demais filhos deixados pela Gabi”. Mas não esquece donde vem a força que os impulsiona: da missão. “Identifiquei-me com o Meac pela sua missão: leigos missionários que evangelizam de diferentes formas, sobretudo com os meios de comunicação. Sempre testemunharam a vocação leiga de forma exemplar. Não é preciso ser sacerdote e religioso; o cristão leigo tem uma missão importante: ser luz e fermento na sociedade”.

Qual o segredo para se superar uma dor tão grande sem revolta, sem imprecações contra Deus? Sogari poderia ter abandonado tudo. Ao contrário, assumiu muito mais diante de Deus e dos semelhantes. Essa é sua grande mensagem, que vem da própria Gabi, ansiosa por dar pão a quem tem fome. Diz o pai: “Ela nos ensinou a viver intensamente cada momento da vida, não importa se é seis anos, sessenta ou mais. Se você participa de algum projeto social, continue. Isto é muito importante; mas se você ainda não se decidiu, se está decepcionado, seja qual for o motivo, junte-se ao Instituto Gabi”. Se quiser ajudar ou melhor conhecer esse projeto, eis a pista: www.institutogabi.org.br

Antoninho Tatto

COMEÇAMOS ASSIM

Em 1979, a convite do nosso pároco, fomos a uma palestra de um missionário. Chegando lá, encontrei uma pessoa simples, cheia de “graça”, provocando risos delirantes em sua plateia. Pensei comigo: esse padre é muito inteligente, pois manda um palhaço para descontrair o povo e depois aderir melhor à mensagem do missionário.

Quando chegou ao final, não tinha entendido nada. O missionário não veio? No entanto, até que o palhaço fez seu papel direitinho, pois entre tantas graças ele passou uma mensagem do Reino de Deus, de esperança, amor e compromisso com o Evangelho de Jesus Cristo. Será? Era ele o missionário? Mas ele falava de esposa e filhos! Como alguém casado poderia se comprometer e viver evangelizando? Isso é coisa de padre.

Na saída, aproximei-me daquela pessoa, porque precisava entender o que estava acontecendo. Fomos juntos para a casa paroquial, e ele tentava responder às minhas perguntas. Sua voz era mansa e firme. Vim a saber que era ele o humorista Arthur Miranda...

Eu já não o achava um palhaço, mas um louco. E louca a sua opção de vida, deixando o mundo artístico, o sucesso, o dinheiro, para simplesmente pregar e tentar viver o Evangelho. Que loucura bonita!

Descobri também que ele não fazia isso sozinho. Era um grupo de leigos missionários, chamado Meac. Isso era demais. Um grupo de loucos perante o mundo? Que estranha loucura essa, que atraía e encantava multidões? Quis saber mais, ir mais a fundo. Quando ficávamos sabendo de alguma palestra desse grupo na nossa região, lá estávamos. Fui lendo tudo o que eles publicavam, pois queria saber mais. Fiquei amiga deles. Apaixonei-me por este grupo de loucos, que ia de cidade em cidade levando a mensagem de Jesus Cristo e deixando um rastro de luz e esperança neste mundo tão indiferente à Verdade.

Era minha segunda paixão do ano. A primeira e maior foi quando eu e o Wagner participamos do ECC, e encontrei Jesus. Eu queria segui-lo, mas tudo era tão utópico! Numa entrevista,

D. Hélder Câmara dizia: “O sonho é sonho quando sonhamos sozinhos. Quando sonhamos juntos, deixa de ser sonho. É início de uma realidade”. O impossível é impossível até que o tornemos possível. Seria possível aquele sonho? A fraternidade verdadeira que nos aproxima do reino de Deus?

Eu também queria ser uma missionária. Nem que fosse uma pequena faísca de luz. Eu queria encontrar a “graça” daquele palhaço louco. Depois de cinco anos convivendo com este grupo e tentando compreender o Evangelho, passou a euforia da paixão. Veio a primeira decepção. O sonho não era tão fascinante. Eles fizeram opção por Cristo e, mesmo assim, continuavam com problemas iguais aos meus, financeiros, conjugais, entre outros muitos. Ao contrário do que imaginava, essa opção por Cristo, às vezes, lhes trouxera outros problemas, até mais sérios do que os meus. Minha paixão por Jesus também estava em baixa. Tinha sido uma paixão maravilhosa, mas isso exigia. Era uma loucura e eu não sabia se tinha ousadia e coragem para tanto.

Durante alguns anos convivemos com eles, do lado de fora, observando. Os missionários continuavam pregando, com problemas sim, mas fiéis e felizes. Cristo me chamava e minha consciência acusava: “Não dá mais para voltar, você já foi muito além. Agora não tem remédio”. Como dizia o Tatto: A missão é uma doença que toma por completo. Pior que doença, fui percebendo que era uma epidemia, que contagiava a outros.

A paixão passou. Ficou o amor pelo Evangelho, e isso era compromisso. Não viver este Amor por completo seria frustrante. Então aceitei o desafio e entramos para esse grupo. Fiz isso como alguém que se joga do alto de uma cachoeira, sem saber se lá embaixo existe um poço fundo, sem saída, ou um lago azul, maravilhoso!

Encontrei o lago, que protege, alimenta e aquece a alma. Nem sempre é tranquilo. Não precisa ser. Quando uma tempestade agita as águas desse lago é que sentimos o quanto ele é aconchegante. Foi neste grupo, junto com amigos que se tornaram verdadeiros irmãos, que encontrei forças e coragem, para ser também colaboradora nesta obra da Redenção.

Célia Negrão Menezes

E CONTINUAMOS ASSIM

Foram quase dez anos de “namoro” para ingressarmos no Meac. Só em 1989 é que fomos aceitos efetivamente neste grupo de loucos. Neste longo período de experiência, muitas portas se abriram. Em nossa Diocese, assumimos a coordenação da área missionária, a Célia como coordenadora diocesana e eu representante do COMIRE (Conselho Missionário Regional) na sub região de Botucatu, então sede de Província Eclesiástica.

Tentamos uma caminhada paralela, com um grupo diocesano de missionários leigos, o LAM – Leigos para Animação Missionária, que marcou a ação pastoral e fortaleceu a credibilidade do clero em relação às atividades que desenvolvemos com responsabilidade e criatividade impressionantes. Foi um tempo de bonança, de muitas conquistas, muitas bênçãos...

A nível nacional, participamos da criação do OMIL (Organismo dos Missionários Leigos), que acabou sendo pauta para longa matéria da mais conhecida revista católica do Brasil. Sob o título “A missão que o leigo faz”, a revista “Família Cristã”, das Paulinas, dedicou três de suas preciosas páginas para divulgar e realçar a novidade do OMIL e de seus inúmeros grupos agregados, dentre eles o LAM e o Meac.

Quando, finalmente, ingressamos no Meac, uma certeza muito grande tomou conta de nossas vidas. Era tudo o que queríamos. Hoje, viajando por esse Brasil sem limites, como missionários leigos, muitas vezes vem a pergunta: Por quê? Parece-me realmente uma questão sem resposta, mas, a cada comunidade visitada, a cada encontro com o povo de Deus, seja em grandes catedrais ou em barracos nas favelas das grandes cidades, ou mesmo em pequenas comunidades rurais, ou ainda em celebrações improvisadas no meio de uma rua, em cima da carroceria de um caminhão ou debaixo de uma árvore na praça, a resposta ressoa forte: “Porque eu preciso de vocês!”

Essa é a tônica de nossa missão. Sentir-se participante da missão do Mestre, tornar-se seu instrumento, levar adiante sua mensagem... não há experiência mais gratificante.

Ficam para trás os problemas cotidianos. Ficam para trás nossas próprias incertezas, nossa insegurança pessoal, nossas limitações tão banais. Importa, sim, que o Cristo se manifeste, que Ele nos fortaleça e dê sua graça para continuarmos vencendo as estradas, às vezes noites a fio, para chegar lá, onde seu povo está, e lhe oferecer o pão da palavra. Importa ainda que seu povo redescubra os valores da fé cristã, a fonte inesgotável que nos desaloja e dá forças para ir em frente, sempre em frente, em busca do Reino Definitivo.

Cinquenta anos de Meac não podem se resumir a uma data festiva simples. Para nós, meaquinos de corpo e alma, é um profundo momento para refletir, avaliar todos os tropeços do passado, reunir novas forças, pois a messe ainda precisa de muitos operários. Não somos donos da verdade, mas desejamos continuar contribuindo para que a Igreja do Brasil possa chegar à Verdade suprema. Essa “loucura missionária” é nossa única razão de ser.

Embragados pelo Evangelho

Profissionalmente, durante dezoito anos fui um vendedor de bebidas. Assim mantive minha família, visitando diariamente uma média de quarenta pvs, bares e botecos mesmo. Em cada um deles “assinava o ponto” e também mandava uma dose para os santos. Imaginem como chegava a casa! A bem da verdade, nasci e cresci dentro de uma pequena fábrica de bebidas, o ramo de atividade do meu falecido pai.

Mas Deus tinha melhores planos para mim, como se viu na crônica anterior. Na infância, graças à religiosidade do pai, que era congregado mariano, ganhei de presente meu primeiro livro. Chamava-se “A História Sagrada do Antigo e do Novo Testamento” do Frei Bruno Heuser, OFM, que hoje ocupa lugar de destaque em minha biblioteca. Com o presente veio também uma obrigação: ler toda noite um pequeno trecho e comentá-lo. Desse estranho presente e rígida disciplina familiar nasceu minha religiosidade. Acabei entrando para um seminário e durante cinco anos ali aprimorei tudo aquilo que já havia lido na maravilhosa história da Salvação.

No entanto, o sacerdócio não estava nos planos de Deus para mim. Logo as seduções do mundo falaram mais alto. Então abandonei tudo em troca dos prazeres da juventude. Foi quando uma bela menina cruzou meu caminho. Amor à primeira vista. Tanto que, contrariando os planos da família e até do vigário de minha cidade que ainda via em mim um lampejo de vida sacerdotal, roubei a menina e peguei uma estrada longa e desconhecida. Casamo-nos às escondidas, eu com 19 e ela com 17 anos.

Começou nossa luta pela sobrevivência. A princípio era tudo romântico, mas, à medida que chegavam os filhos, o sapato apertava e as decepções se avolumavam. Foi quando a profissão escolhida, vendedor de bebidas, induziu-me ao álcool e aos vícios como alternativas de fuga mais que evidentes. Atolei-me por completo no álcool e chegamos às portas da separação.

Mas Deus, o cara mais teimoso do Universo, ainda tinha planos para mim. Não bastassem tantos e tantos sinais que me mandava, como a dizer “Preciso de Você”, um dia me pregou uma peça inusitada. Chegava de mais um dia de trabalho com o “caco cheio” e disposto a dar um basta na minha vida conjugal, quando, no trevo de minha cidade (Palmital-SP), deparei-me com uma pergunta estampada em letras garrafais, ocupando todo um outdoor imenso: Para onde vais? Você se lembra dessa pergunta? Era o início da Campanha da Fraternidade de 1980, cujo lema mereceu naquele ano um cuidado maior de divulgação, ocupando ali um painel imenso. Não tinha como não ler: Para onde vais? A pergunta calou fundo. Do trevo à minha casa processou-se minha mudança de vida, minha conversão definitiva.

Naquele mesmo ano, que consideramos o nosso ano da graça, fizemos um ECC (Encontro de Casais com Cristo), onde Célia e eu aprontamos com nossas crises e dilemas, exigindo reforço na equipe de oração daquele encontro e atenção quase exclusiva do diretor espiritual. A briga foi feia. Mas saímos fortalecidos, apesar das feridas ainda abertas. No mesmo ano, o Papa João Paulo II veio ao Brasil e não é preciso dizer que seguimos seus passos e acompanhamos seus

sermões pela TV como um verdadeiro retiro midiático, que muito nos encantou e renovou nossas forças, curou nossas feridas. Quase de imediato, no mesmo ano, aconteceram as missões redentoristas em nossa cidade, e lá estávamos, eu e a Célia (além dos três filhos) bebendo daquela fonte de espiritualidade. Mas o melhor viria no final desse ano...

Foi a descoberta do Meac, o grupo de leigos missionários do qual hoje fazemos parte. Minha esposa já narrou a forma maravilhosa como isso se deu, no seu artigo “Foi assim que começamos”. Sim, Deus tinha maravilhosos planos para nós, como tem para todos aqueles que dele tomam conhecimento e se esforçam para entender seus planos. Deu-nos uma responsabilidade maior, a vida missionária conjugal e familiar, da qual nos orgulhamos apesar de tantos limites e indignidade, mas, como servos inúteis, ainda ousamos pedir: “Dizei-nos uma só palavra e seremos salvos”. Porque só tua palavra é capaz de nos embriagar sem perder a razão.

Você já se perguntou: “Para onde vais?”

Wagner Pedro Menezes

MINHA EXPERIÊNCIA DE VIDA NO MEAC

“Tudo contribui para o bem daquele que ama a Deus” (Rm 8,28)

No dia 25 de janeiro (festa de São Paulo e aniversário do MEAC) de 1984, Urbano e eu nos casamos e, a partir daí, começamos a sair em Missão, juntos, por esse Brasil afora. Foram momentos marcantes, estivemos em grandes cidades e em pequenos vilarejos. Falamos em escolas para as crianças (minha vocação de catequista que até hoje sigo) e depois nas Igrejas para os pais. Uma experiência ímpar, com certeza. Aprendemos e amadurecemos muito. Viajamos de ônibus, na maioria das vezes, carregando mala, caixas com livros e o saxofone que Urbano tocava e a todos encantava. Não era fácil, mas o amor à Missão era muito maior que todas as dificuldades. Como é maravilhoso poder sair por aí falando do amor de Deus, poder jogar a sementinha para que possa crescer e dar frutos para o Reino. Conhecemos pessoas maravilhosas que nos acolheram como membros da sua família, nos cedendo, muitas vezes, suas próprias camas. Tivemos dificuldades? Sim. Muitas. Sempre existiram (e continuarão existindo) pessoas que não cumprem com o que prometem. Mas o bom Deus dava um jeito em tudo, Ele sabia que a Missão não era para nós...

A saudade é uma dor gostosa quando nos lembramos de coisas que fizemos e que valeram a pena. Estar no MEAC valeu por tudo que pudemos aprender e pela Missão que fizemos. Mesmo que, na época, internamente, fosse um grupo essencialmente masculino, fomos aceitos por esse jeito diferente de trabalhar. Em 1985 veio nossa primeira filha, Elizabeth, que também viajou com a gente por vários lugares. Tempos mais tarde deixamos o MEAC, mas nunca abandonamos a Missão de Evangelizar: ela corre em nossas veias como o nosso próprio sangue.

Regina Medeiros (18/06/2021)

MEAC EM MINHA VIDA

Eu e meu marido fizemos o Cursilho em 1972, levados pelas mãos do Neimar de Barros. As reuniões de pós Cursilho aconteciam na Igreja da Consolação, em São Paulo. Sem que ninguém se desse conta, começa a surgir aí o embrião de um grupo missionário.

Ali era realizado também um Pronto Socorro Espiritual, uma espécie de plantão noturno que atendia pessoas com todos os tipos de problemas. Naquela época eu trabalhava na Telesp e cumpria horários alternados, o que inviabilizou que eu participasse ativamente desse Pronto Socorro Espiritual. Aos sábados, fazíamos visitas aos doentes internados na Santa Casa, no pavilhão Fernandinho, pavilhão destinado às crianças.

E, pouco a pouco, esse grupo missionário ia surgindo.

O Neimar de Barros teve tuberculose, e foi internado em Campos do Jordão. Quando saiu do sanatório, foi orientado a permanecer por mais alguns meses naquela cidade, até sua total recuperação.

Até aquele momento, embora já casada e com três filhos, sempre vivi próxima de meus pais, irmãos e sobrinhos. Mas, para continuarmos em comunhão com aquele grupo missionário, deixamos nossa vida, nossos familiares, nossos empregos e partimos rumo à uma nova experiência.

Em primeiro de fevereiro de 1977, chegamos a Campos do Jordão. No dia seguinte, meu marido saiu em missão para outra região. E eu me vi sozinha, com três crianças, sem conhecer ninguém em uma cidade desconhecida. Minha filha Márcia tinha 14 anos, o Arthur Jorge tinha 7 anos e o Roberto Jorge 2 anos. A adaptação foi bastante sofrida. Mazola, um missionário do grupo, e sua família, foi quem nos deu um grande apoio nessa época.

A sede do grupo funcionava em um sobrado pintado todo de preto, chamado Bazar Deus Negro (o nome era referência ao livro **Deus Negro**, escrito por Neimar de Barros, que foi um fenômeno de vendas, atingindo a marca de dois milhões de exemplares).

Nesta época, o grupo já se chamava MEAC.

Em novembro de 1978 nasceu minha filha caçula, chamada Fabiana.

Passados mais dois anos, fomos morar na Sede do MEAC, e eu fiquei responsável pela limpeza geral da casa. Tínhamos lá uma linda capela, que assim que adentrávamos nos mostrava os dizeres no altar: “Que Bom que Você Veio”. Aos finais de semana, recebíamos várias excursões que vinham conhecer o local onde o Neimar de Barros e seus companheiros trabalhavam. Eu os recebia, e eles faziam muitas perguntas sobre o Neimar e sua equipe. Um dia, uma pessoa me perguntou: – Então você também é missionária? E, antes que eu respondesse, uma Freira que acompanhava o grupo respondeu por mim: – Claro que é missionária, ela é uma Missionária da retaguarda, fica em casa orando e cuidando dos filhos. Isso também é uma missão!

Meus filhos cresceram... e eu passei a fazer algumas viagens. Um dos meus filhos também se tornou missionário do MEAC. Sempre fomos muito bem recebidos pelas comunidades e pelos padres. E voltávamos para casa abençoados e muito felizes pelo privilégio de sermos tão bem recebidos, sempre com muito amor e carinho.

Para mim, o MEAC foi como um filho que vi nascer e crescer. Mas que, com o decorrer do tempo, também o perdi. E hoje só resta a saudade.

Não poderia deixar de falar sobre o Neimar: era uma pessoa muito fraterna, bondosa, e não era egoísta. O sonho dele, era que os Missionários do MEAC morassem em comunidade e que tivessem tudo em comum. Para ele, todos tinham o mesmo valor, ninguém era mais do que o outro. Infelizmente, esse sonho não se concretizou em consequência do egoísmo humano.

Margarida Moric Araújo

TESTEMUNHO – Pimentel

Já conhecido por vários párocos de Manaus, destaco aqui o Padre Milton Both, na época pároco da Área Missionária da Ponta Negra, o qual tinha assistido à minha pregação em um encontro do Setor 4 da Igreja de Manaus.

Em 2010, Padre Milton me convidou para participar da organização para a celebração da partilha que seria conduzida pelos missionários leigos do MEAC. Fui à reunião com o padre Milton e ele apresentou os subsídios que seriam utilizados para a formação das equipes de organização e reestruturação da Pastoral do Dízimo, e me questionou se eu podia assumir a coordenação do estudo. Inicialmente deu um enorme frio na barriga, mas, como já conhecia os subsídios, aceitei e passei a assessorar as equipes de oito paróquias. Foi um belo trabalho e, depois de seis meses, tudo ficou pronto à espera do dia “D” que aconteceu no mês de outubro e início de novembro de 2010. Os missionários do MEAC eram: Bruno e Marilene, Alvino e Ray.

Terminados os trabalhos, dei graças a Deus e continuei minha vida social e missionária, na cidade de Presidente Figueiredo, onde estava morando. Certo dia recebi convite de duas Paróquias para participar da celebração da Partilha. Aceitei o convite. Antes, porém, as pessoas com as quais convivi durante a preparação, começaram a falar no meu nome para o Alvino e Ray e em uma das celebrações o Alvino perguntou se o tal Pimentel estava presente. Minha esposa Cléo que estava participando da celebração disse que eu não estava, porém que na celebração seguinte eu estaria. Alvino, então, disse que queria me conhecer. Nos encontramos e nos conhecemos, depois conheci também o Ray, o Bruno, a Marilene.

Ainda no decorrer da missão, Padre Milton sugeriu que eu conversasse com o Bruno para ver qual seria o caminho para ser missionário leigo do MEAC. Conversei com o Bruno e ele disse: “Vai participar da nossa assembleia que acontecerá em janeiro de 2011, em São Paulo. Não tinha recursos

financeiros e não fui. Professei o meu primeiro voto de compromisso missionário em janeiro 2012 em Dias D'Ávila.

No decorrer de 2011, Padre Milton lançou a ideia de criarmos, em Manaus, um grupo de missionários leigos com os carismas do MEAC São Paulo Apóstolo, uma espécie de extensão. Padre Milton conversou com o Antoninho Tatto e acertaram a vinda do Antoninho para uma reunião com Dom Luiz Soares Vieira, então Arcebispo de Manaus. Aconteceu a reunião e Dom Luiz aprovou a ideia e autorizou a organização do grupo. Em 11/11/2011, em reunião na casa paroquial da Área Missionária da Ponta Negra, nasceu o grupo MEAC Amazônia, que completará 10 anos este ano. Nessa reunião estiveram presentes as seguintes pessoas: Padre Milton (pároco da AMPN), Antoninho Tatto (MEAC), Francisco Sobrinho (missionário leigo redentorista), José Pimentel (missionário leigo avulso) e Irmã Célia (representando a Igreja de Manaus). Assim foi a caminhada para a existência do MEAC Amazônia.

José Pimentel

OPÇÃO, SER MISSIONÁRIO

Sou Adroaldo Uberti, casado com Erika, temos dois filhos: Sérgio e João.

Por que entrei no MEAC?

Assim é que tudo começou: Num domingo, durante a missa, meu pároco perguntou quem gostaria de ser dizimista. Explicou que, além do ofertório nas missas, os dizimistas contribuiriam com um valor fixo e mensal para que a paróquia pudesse arcar com suas despesas mais facilmente. Assim iniciei como dizimista. Algum tempo se passou e vieram dois missionários do MEAC fazer reflexões bíblicas durante as missas – Alvino e Sérgio. Um livro “Dízimo e Oferta na Comunidade” foi ofertado a cada família durante a procissão das ofertas e as explanações sobre Dízimo, Oferta e Partilha colocadas. Esta celebração me tocou muito!

Algum tempo depois, entra em cena Antoninho Tatto, autor do tal livro, me convidando para fazer parte do grupo MEAC como missionário leigo. Nesse tempo eu já atuava como Ministro da Palavra em minha paróquia. Devo reconhecer que, de início, demonstrei relutância em aceitar. A missão aconteceria nos finais de semana e, de segunda a sexta-feira, o trabalho profissional para “ganhar o pão de cada dia”. Achei que seria muito difícil. A insistência do Antoninho, porém, aliada à sua perseverança, acabou me convencendo e, num final de semana em que ele faria pregação, lá fui eu para uma paróquia na zona leste de São Paulo/SP, acompanhando-o. Durante as missas, prestei atenção nos textos e nos comentários que ele fazia.

Isto foi pelos anos 90. Também fomos convidados, eu e minha esposa, a tomar parte na Assembleia anual, junto com a Diretoria e demais membros, sendo aceitos como “noviços” na Caminhada MEAC.

“Especialistas em História afirmam que mesmo uma volta ao redor da Terra começa pelo primeiro passo.”

Uma vez no grupo MEAC, prossegui na caminhada.

A diocese de Londrina/PR, convidou o MEAC para o trabalho desta pastoral do Dízimo, tendo Dom Albano Cavalin

como bispo. Acompanhei Aristides neste trabalho e, dessa forma, outras viagens em missão aconteceram.

No princípio, iam sempre dois missionários, mas com o passar do tempo e a maior demanda de pedidos de trabalho, não foi mais possível ocupar dois missionários para um mesmo lugar. Assim, minha esposa Erika começou a me acompanhar. Quando o trabalho era próximo da capital paulista, íamos de carro, viajando sábado cedinho para chegar antes do meio dia ao destino previsto, pois à tarde haveria a reunião com os membros locais da equipe do dízimo e demais coordenadores de pastorais. Quando a missão era mais distante, íamos na sexta-feira à noite, de ônibus rodoviário, viajando a noite inteira para chegar ao nosso destino na manhã do sábado ou pelo menos até a hora do almoço. O mesmo acontecia com o nosso retorno, pois o trabalho profissional me esperava na segunda-feira às 8 horas.

Assim foi até a minha aposentadoria, pois a partir daí, não mais tendo compromissos com o trabalho profissional, posso me dedicar inteiramente à missão. Assim, quando o trabalho é em cidade próxima à capital paulista, vamos na sexta-feira à tarde, lá chegando à noite, e voltamos na segunda-feira pela manhã. Mas o principal é que pude participar de viagens interestaduais, em locais mais distantes e, sempre que necessário, lá permanecer duas e até três semanas, abrangendo diversas cidades próximas umas das outras e podendo trabalhar em todas as comunidades e capelas rurais solicitadas pelo pároco local.

Aqui não poderia deixar de registrar as muitas paróquias e cidades pelas quais passei na Grande São Paulo, Estado de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Piauí, Goiás, Rio de Janeiro, Mato Grosso e uma missão em 1996 na diocese de Boston/EUA; algumas até retornando para uma segunda vez, a pedido do pároco, para fazer um reforço.

Gostaria também deixar evidente o quanto o MEAC contribuiu para o meu crescimento e atualização pessoal nos temas de nossa Igreja, pois foram as inúmeras palestras, encontros e reuniões que me deram tais meios.

Nestes 30 anos, não poderia pensar que todo tempo foi um mar de rosas. Pois, como acontece com todas as pessoas, houve dias tempestuosos, como problemas de desemprego, problemas graves de saúde em família e até falecimentos.

No dia em que meu pai faleceu, estava eu em uma missão na cidade de Serra Negra/SP quando recebi a notícia. Mas o trabalho tem que continuar e a única coisa que fiz foi pedir, na última missa daquela jornada, para incluir o seu nome nas orações pelos falecidos.

Em outra ocasião, quando me encontrava em missão na cidade de Camanducaia/MG, fui avisado que meu filho Sérgio fora subitamente internado com dores fortíssimas, sem saber ao certo do que se tratava. Todos rezaram por ele e, no domingo, ficamos sabendo que era uma infecção na coluna vertebral por causas ainda desconhecidas. Mais uma vez, o trabalho continuou e, numa das comunidades locais, uma senhora muito simples me procurou entregando-me uma imagem de Santa Terezinha dizendo que eu ficasse tranquilo porque meu filho logo estaria curado. (A previsão de internação dada pelos médicos seria de pelo menos 3 meses, mas ele recebeu alta no 22º dia de hospitalização e sem sequela alguma, podendo, depois do devido repouso, retornar ao seu trabalho. Muito grato ao Pe. Agenor que nos deu muita força.

DEPOIMENTO DE ANTONINHO TATTO

Era setembro de 1986. Depois da tempestade que nos atingiu em cheio, a todos nós, missionários do Meac, devido a uma reportagem da revista Veja, em que nosso fundador dizia ter sido uma mentira, uma farsa o que viveu durante quinze anos, como fundador e missionário do Meac. Estávamos reunidos em Campos do Jordão. Sobraram quatro: Arthur Miranda, José Antônio Fonseca, Urbano Medeiros e Antoninho Tatto.

Neste dia nossas esposas estavam, providencialmente, presentes. Margarida, esposa do Arthur, Neiva, esposa do Fonseca e Inês, minha esposa. Urbano não estava acompanhado, pois viera apenas para nos comunicar que não continuaria no grupo.

De golpe em golpe, lá estávamos, agora olhando um para o outro, esperando para ver quem mais desistiria. Não me lembro quem foi, mas alguém disse: “eu vou continuar”. Simultaneamente, todos disseram o mesmo. Aconteceu então a coisa mais importante da nossa história: nossas esposas passaram a fazer parte do grupo como membros ativos, pois até então só os homens participavam. O grupo aumentou 100% num só dia: dos três que sobraram agora éramos seis.

O que nos reanimou naquele dia? Foram as palavras de Dom Luciano Mendes de Almeida, que nos telefonou no dia em que estávamos reunidos em minha casa, um dia após a reportagem da Veja. Foi a primeira ligação das milhares que recebemos. Primeiro, perguntou se era verdade a notícia da Veja. Sim, dissemos nós, Neimar confirmou a entrevista. Foi quando Dom Luciano fez a seguinte observação: “A Veja sempre procura denegrir a igreja católica. Nesta mesma edição da entrevista do Neimar, tem a notícia de um padre que teria morrido num Motel, uma mentira já comprovada”. Ele nos disse ainda: “Não parem, continuem. Muitas congregações passaram por isso. Vocês não serão os últimos a viver essa triste experiência. Perseverem porque o trabalho de vocês é bonito, importante e necessário. Contem com meu apoio e minhas orações”. Dom Luciano era, então, Secretário da CNBB.

Depois outros vieram. Alguns por pouco tempo. Outros por um bom período e outros permanecem até hoje. Alguns foram fiéis até a morte, deixando-nos um tremendo testemunho de fé. Todos foram importantes. Cada um trouxe algo de si para acrescentar ao grupo. Mas houve um segundo momento que para mim foi histórico e providencial.

Eu estava empenhado em formar o OMIL, Organismo dos Missionários Leigos. Um dia recebi um telefonema da Valdice e do Raimundo querendo saber o que era OMIL. Encontrei-me com eles num apartamento na Brigadeiro Luís Antônio. Fui com a Katia, minha filha. Eles estavam de mudança, com um veículo Gurgel para a missão no Brasil. Não sabiam onde iriam parar, seriam livres para a missão. Após conhecerem o projeto do OMIL, quiseram fazer parte. Aqui nascia a missão em Feira de Santana. Em pouco tempo, conhecendo a caminhada do Meac, pediram para fazer parte do grupo, sob a direção, lá em Feira, do Frei André. Tomando parte com eles estavam Zezinho e Ester, grandes companheiros por muitos anos, além da figura marcante e atuante de Mônica. Começou então uma nova história no Meac. A Bahia passou a ser o principal foco da missão com um bom grupo de missionários, alguns participantes até os dias de hoje. Um belo exemplo. Da missão de Feira surgiram outros núcleos como o de Humildes e Camaçari.

Mas, de tudo o que aconteceu no núcleo de Feira de Santana, a conquista mais marcante foi a do casal Bruno e Marilene, em Dias D'Ávila. A presença deles no Meac trouxe a seriedade necessária naquele momento. A formação teológica do Bruno, sua experiência missionária e seus conhecimentos foram fundamentais para a continuidade do Meac. Fortaleceu os núcleos da Bahia de maneira especial e deu novos rumos para os demais núcleos. A prova disso é que hoje o Meac tem sua maior concentração de membros e atividades naquela região. Louvado seja Deus por tudo isso.

Antoninho Tatto

DONA MARIA, missionária que despertou missionários

Atenção missionários, missionárias, ela era assim.

Quando comecei meu namoro com a Inês, logo percebi que precisaria namorar também dona Maria, sua mãe. Não é muito confortável para quem está interessado na menina, só na menina. Mas aqui o negócio era diferente. Pensei comigo, se eu quiser, vai ter que ser assim. E foi assim todo tempo, todos os dias e toda a vida. Se não bastasse isso, estar no meio, no centro, participando de tudo, ainda contribuía para que não fosse monótono, com suas histórias. Eram os casos da família, todos com pigmentação forte de moralismos, outras vezes casos da comunidade com forte conotação social. Casos de dor, sofrimentos e mais sofrimentos que partilhava juntamente com a amiga Ir. Cecília, das Irmãs de Santa Cruz, e o inseparável Pe. Davi, dos Oblatos de Maria Imaculada. E meus ouvidos tinham que escutar os relatos, os fatos mais estúpidos causados por uma ditadura militar vergonhosa, que torturava gente simples que vivia nas favelas. Só tinha favela por lá. Favelados que metiam medo em generais! Que mundo de covardes! Que tipos pequenos! Aos poucos sentia medo de estar por aqueles lados. Eu morava em Santo Amaro. Os fatos vinham do Jardim das Imbuías, periferia braba! Os jornais destacam em suas manchetes que o Jardim Pouso Alegre era considerado o lugar mais violento do mundo. Chique heil! Era lá, bem perto de onde eu namorava e onde Dona Maria estava metida em seu trabalho nas Comunidades Eclesiais de Base. Coisa perigosa, esse negócio de CEBs! Eu tinha que ouvir Dona Maria contar. Contar que ela e mais três mulheres estavam organizando o que depois se tornou a maior caminhada dos sem comida, a caminhada das panelas vazias, o primeiro panelaço. Tinha que ouvir me contando que catequistas foram presas, torturadas... Eu não queria saber disso. Mas ela insistia em me contar e me dizer o que faziam e precisava ser feito. Eu me limitava em dizer-lhe: Dona Maria, se a senhora continuar metida nisso vai sobrar pra senhora, vão dar fim na senhora. Serenamente, respondia: se me matarem irei mais rápido ao encontro do meu Amado. Eu brincava, do seu Antônio

(o marido falecido). Não, dizia ela, meu amado é Jesus. Quantas vezes ouvi ela falar do Amado! As histórias continuavam, e quantas histórias, tristes histórias! Eu queria namorar. Ela não se opunha, aprovava, incentivava. Aliás era um dom seu, incentivar. Foi assim que um dia me levou para uma reunião de conselho, num barraco de favela, sede de uma Comunidade Eclesial de Base, aquelas que assustavam os generais. Desde aquele dia, daquela reunião, nunca mais deixei o trabalho missionário. O testemunho era real demais para desanimar. Ela não parava de trabalhar, como poderia eu parar? Pobre, viúva com quatro filhos para criar, ganhando um salário mínimo. Como era mínimo aquele salário! Mas mesmo assim ela conseguia ajudar os mais pobres que ela. Como, não sei. Cedo percebi que se eu queria mesmo namorar a Inês, tinha que namorar a Dona Maria. E pensando bem, estar mais com ela do que com a Inês. Eram tantos os trabalhos naquelas favelas que a gente nem percebia a violência e os nossos problemas. Bandidos? Logo foram se tornando amigos, companheiros de trabalhos na igreja. A bandidagem ficava para trás, não queriam mais saber disso. O Gera, o Escadão, temidos por todos. Agora nossos melhores colaboradores na luta contra o crime. Quantos eles tiraram do caminho do mal! Os que não aceitaram a opção deles, a orientação deles, não tiveram muita sorte. Hoje me pergunto, como foi possível tudo aquilo? Sim Dona Maria, a Palavra de Deus transforma os corações. Quantos corações se transformaram com a maneira simples de falar das coisas de Deus. Era o seu jeito, fala com simplicidade, com intimidade de Deus. Participou pouco tempo como membro do Meac, mas seu coração continuou sendo Meac até o fim. Hoje intercede por nós, conosco comemora 50 anos de missão, com sua amada filha Inês no céu.

Antoninho Tatto

UMA PALAVRA SOBRE NOSSO FUNDADOR, NEIMAR DE BARROS

Conheci Neimar através de seus livros, que minha sogra, participante de todos os lançamentos que aconteciam sempre na Igreja da Consolação, em São Paulo, trazia para casa.

Neimar lançar mais um livro era um acontecimento na Igreja daquela época. Fazia muito sucesso o livro **Deus Negro**. Quando lançou o livro **O Dia de Sua Morte**, recebi um exemplar da minha sogra, acompanhado de um segundo livro: **Apóstolos Cansados**. Este mudou o rumo de minha vida. Nesta época já fazia um trabalho missionário através do MAC - Mocidade Ativa Cristã, um grupo criado por nós. Era comum lotarmos uma Kombi e sairmos pelo Brasil afora, pregando nos finais de semana. Loucura total, santa loucura. Terminei de ler o livro **Apóstolos Cansados**, mas ignorava o que havia acontecido com seu autor, pois contava sua história de tuberculoso.

Ao terminar a leitura, pensei: Se esse cara morrer, vou dar continuidade ao trabalho dele. Não imaginava o que viria depois, como Deus encaminharia as coisas. Poucos dias depois soube que Neimar, juntamente com Jean Carlo, fariam uma palestra na Igreja de Moema. Foi meu primeiro contacto. Dois meses depois entregava a eles um esboço dos Estatutos do Meac, elaborados por mim, a pedido de Neimar, exatamente no dia 25 de janeiro de 1977. Quando viu a data, ficou emocionado, pois era a data de sua conversão num Cursilho de Cristandade, que deu início a tudo. Foi nesse ano que ingressei no Meac. Com Neimar tive oportunidade de muitas viagens, muitas conversas, de longas reflexões até dia 25 de julho de 1986. Veio ao meu escritório, pediu que saíssemos para algum lugar pois queria muito falar comigo, seria algo que precisava partilhar, “uma confissão” que deveria guardar no coração até o momento oportuno. Foram várias horas de conversa, numa rua próxima ao escritório, dentro do carro dele, convertido em confessionário. Falou-me, muito angustiado, de tudo que estava sentindo, e da decisão de deixar a missão. Falou entre lágrimas que o Meac era como um filho para ele. Pedia que eu cuidasse, que tomasse conta. Eu não deveria contar a ninguém, pois em

31 de agosto teríamos em Curitiba o nosso último “Curso de Comunicação” com a presença de todos os missionários quando ele contaria a todos. E assim aconteceu.

Em 1986 Neimar deixou o Meac pelos motivos já explicados. Trinta anos mais tarde é revelado o segredo daquelas declarações. Pelo menos é o que deduzimos hoje, após uma explicação médica sobre as sequelas do mal de Alzheimer, que acometeu Neimar. A doença já estava presente naquela época. Nos últimos anos de sua vida ficou mudo e cego. Sempre deitado na cama, sob os cuidados da esposa Aparecida (muito bem cuidado, fazia questão de dizer o filho Edmar). O filho fazia questão de nos dizer que, apesar de tudo, seu pai estava bem espiritualmente. Enquanto podia se comunicar, Neimar fez as pazes com todos, pediu perdão por muita coisa e mostrou arrependimento por outras. Enfim, era esse o Neimar que conhecemos, humilde, temente a Deus, dono de uma extraordinária inteligência e de uma atividade fora de série. Nós temos a obrigação de resgatar o bom nome desse “Apóstolo Cansado”. Todo o trabalho que desenvolveu não foi em vão.

Filho de militar, nasceu em Corumbá (MS) e veio para São Paulo ainda criança, com a transferência do pai. Aos dezesseis anos teve sua primeira tuberculose. Em 1971 converteu-se. Escreveu treze livros. Sofreu com o mal de Alzheimer desde 2004. Faleceu num domingo, 6 de maio de 2012, aos 69 anos. Deixou cinco filhos e seis netos.

Antoninho Tatto

O que diz a Wikipédia, a Enciclopédia Livre

Neimar Machado de Barros foi conhecido como produtor de televisão da equipe de Silvio Santos. Até o início da década de 1970 criou e produziu vários programas de grande audiência, como Cidade contra Cidade, Boa Noite Cinderela, entre outros. Em 1971 foi convidado a participar de um encontro dentro da Igreja Católica, na época chamado de Cursilho. Como ateu, ele aceitou desafiar o convite, dizendo que só acreditava no que podia ver. No terceiro e último dia, depois de ter aprontado e atrapalhado o encontro, entrou na capela e algo o

fez ajoelhar-se, uma grande emoção o tomou e ali, naquela hora, aconteceu sua conversão.

Quando voltou ao seu trabalho na TV, sentiu que, como cristão, não podia aceitar muitas coisas que aconteciam. Entrou em conflito com Silvio Santos e acabou se desligando do grupo. Foi quando se tornou famoso também como escritor de livros religiosos, onde podemos citar o best-seller **Deus Negro**, que vendeu mais de 4 milhões de exemplares. Em 1975 contraiu uma tuberculose e foi aconselhado a se tratar em Campos do Jordão, onde posteriormente resolveu residir. Onze anos. Lá fundou o Instituto Meac, sendo o principal pregador e, durante 14 anos, desenvolveu um incrível trabalho missionário, dando cursos e palestras em mais de 4 mil cidades. Suas palestras lotavam ginásios de esportes, auditórios, igrejas e teatros. Seu trabalho teve tanto destaque que esteve na capa da revista Família Cristã, a maior publicação católica do Brasil, editada pela editora Paulinas. Visitou o Vaticano, publicou mais treze livros, sendo vários traduzidos em espanhol. Como leigo, conseguiu quebrar vários paradigmas, sendo uma forte referência dentro da Igreja Católica.

Os testemunhos falam por si

Vejo, por acaso, uma frase na internet atribuída a Neimar de Barros. Não, ele não foi jogador de futebol. Lembro-me, então, de quanto esse escritor me influenciou quando tinha meus treze anos e um pouco mais. Foi-me apresentado um livro (**Deus Negro**) por meu irmão e padrinho, o Dendê (nunca o chamo assim fora da blogosfera). É um livro de palavras impressionantes! Despertou em mim uma religiosidade resistente que me alimenta até hoje e que é base de minha estrutura humana. (**The end, professor e industriário de Caetanópolis, MG**)

Quanto tempo! Foi bom saber. Neimar de Barros, Jean Carlo, Arthur Miranda... Seria muito bom saber mais sobre eles. Visitaram nossa cidade, não esquecemos deles. Foi um trabalho missionário excelente. Valeu.... faz muito tempo, mas, parece muito recente.

Luiza Mesquita

Sou do ano de 1968. Na época em que li **Deus Negro** tinha mais ou menos 13 ou 14 anos. Foi um livro que me ajudou muito porque era ainda uma época onde o racismo era gritante e pensar que Deus poderia ser Negro foi algo que na minha infância me acalentou. Hoje deixei as coisas de menina e conheço esse Deus que não tem cor, mas que tudo criou e formou para seu louvor. Essa é nossa maior alegria, esse Deus que amou o mundo inteiro de tal maneira que deu seu filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna, quer branco, quer negro. Somos do Senhor. Alegria do Senhor é a nossa força

(Anônimo, em 1 de dezembro de 2011)

Os acolhedores de primeira hora

Dentre as alavancas indispensáveis para que o Meac se firmasse na Igreja como autêntico grupo missionário estão muitas pessoas anônimas, que tudo fizeram para contribuir com nossa missão. Desde ajuda financeira, de transporte, de alimentação, de abrigo, até hospedagens (muitas em suas próprias casas) ou marcação de roteiros para melhor proveito de nossa mensagem por onde algum dos nossos missionários estivesse passando.

Mas há sempre figuras marcantes. Aqui vamos cometer injustiças, pois que é impossível citar a todos, nominalmente. Mas alguns nomes ficaram para sempre em nossa história.

Temos, por exemplo, a figura carismática e sempre sorridente da Irmã Lúcia Maia. Segundo Fonseca, irmã Lúcia lhe deixou uma imagem de missionária articuladora, que conversava diretamente com os bispos e párocos, convencendo-os a receber-nos em suas dioceses e paróquias. “Ela chegava para mim com um relatório de dez cidades fechadas e confirmadas para palestras às 20hs, com Neimar e comigo”, relata Fonseca. Uma função abundantemente frutífera. Além disso, em algumas viagens, ela foi pessoalmente e renovou várias vezes o mesmo trabalho.

O Accioly e sua esposa Dionaura receberam em Niterói o Jean Carlo e o Fonseca em auditórios lotados com 600 a

800 pessoas de classe média que compravam os livros **Deus Negro** e outros como se compra água. Hoje Accioly é membro atuante do Meac.

O Pe. Orides Giroldo, pároco da Paróquia Cristo Rei, em Curitiba-PR, palotino, e seu amigo Pe. José Walter, um alemão; pagavam todas as notas fiscais dos livros da Editora, as despesas de viagens e davam uma gratificação em marco alemão que excedia o valor das notas. Uma generosidade que deixavam mais comprometidos na partilha com outros. Hoje, Pe. Orides tem mais de oitenta anos e ainda vai assumir uma paróquia grande em Umuarama- PR, residindo com o primeiro bispo a implantar o dízimo na diocese: D. José Maria Maimone.

Temos também a figura carismática e bem popular do Pe. Zezinho, cantor, que desde o início do Meac nos acompanha e incentiva. Diz Fonseca: “Visitei o Pe. Zezinho em sua casa por três vezes e fui recebido pessoalmente com honras de meaquino. Ele escreveu um livro para nos ajudar: SEU FILHO – um guia para os pais. Esse foi um carinho direto do Pe. Zezinho, que já fez mais de cinquenta anos de padre e tem uma participação efetiva na história do Meac, inclusive ministrando palestras em curso de Comunicação que o Meac promoveu por dois anos em Campos do Jordão - SP”.

Entre essas pessoas que “acolheram o Meac em suas casas” devemos, além do dever de orar por elas, dar uma significância histórica a elas. Inclua-se aqui o Wagner e a Célia, de Assis- SP, que antes de pertencerem ao grupo muito fizeram por todos os missionários do Meac na região onde moram. Diz Fonseca: “Wagner, Célia e seus filhos nos ensinaram que os espinhos não machucam as flores. Há uma convivência harmônica entre diferentes”.

José Antônio Fonseca

HISTÓRIA DE VIDA, UM POUCO DA MINHA CAMINHADA

Como conheci o MEAC (Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades).

Por volta de 1979 eu trabalhava em Arcos, uma cidade de Minas Gerais, a poucos Km de Belo Horizonte.

O Neimar e mais algumas pessoas do grupo vieram fazer uma palestra que teve muitos participantes; depois pude estar pessoalmente com eles perguntando mais sobre o trabalho e como era a missão. Me interessei em conhecer de perto, pois dentro de mim surgiu um desejo de me engajar no grupo. Marcamos uma data e fui com o casal da paróquia para conhecê-los; gostamos muito dos trabalhos. Decidi entrar no grupo, pois me chamou atenção a vida missionária, a evangelização (sem remuneração) com oração, simplicidade, humildade, apesar da diversidade dos carismas. O amor, diálogo e perdão; percebi que eram felizes e muito alegres. Tinham tudo em comum, não se preocupavam com dinheiro e viviam da providência.

Assim deixei meu trabalho pequeno para uma missão maior. Fui bem acolhida e no grupo eu ajudava em tudo, como, por exemplo, nas marcações de palestras, viagens com missionários, entre outros. Quando estávamos na sede em Campos do Jordão/SP, eu aproveitava para retiros e visitas a sanatórios tuberculosos e favelas. Os padres Franciscanos nos pediram para tomar conta de uma paróquia em uma comunidade em Nossa Senhora da Ajuda que ficava na vila Jaguaribe/SP. Lá, eu e uma senhora chamada Antônia, viúva, que também decidiu consagrar sua vida a Deus, recebíamos também visitas turísticas, que atendíamos e orientávamos sobre os pontos turísticos.

Além disso, foram aparecendo muitos convites para atendermos em outras cidades, como Brasópolis/MG, Santa Rita de Calda no interior de Minas, Nepomuceno, entre outros. Nosso grupo era pequeno, e como tínhamos vários convites, eu tive que me afastar do grupo em partes, pois não tinha como estar presente com mais assiduidade e o grupo não podia mais assumir missões além das que já tinha. Ficou a dona Antônia em Campos do Jordão/SP e eu e uma estagiária ficamos no Sul de Minas; depois ela deixou e eu continuei. Chegaram ao ponto de assumir uma das maiores missões e a mais difícil.

Essa missão foi por volta de 1986. Fui para a cidade de Cariacica/ES onde fica a colônia dos Hansenianos, conhecida como hospital Pedro Fontes. Uma colônia pobre, simples e

longe de tudo e de todos, com muitos preconceitos. Mas sempre tive contato com os missionários, não nos separamos.

Nessa missão abençoada, que foi um presente de Deus em minha vida, estou há 35 anos, estou bem feliz, assim como foi em todos os lugares por onde passei, pois quando fazemos a vontade de Deus somos felizes e realizados, Ele nos chama e nos capacita, a nós basta dizer sim como Maria: Amém.

Meu abraço carinhoso a todos, sempre unidos em orações.

Irmã Lúcia Maia

O MEAC E SUA MATURIDADE

por Bruno Domênico Rossi, vice presidente

Chegando às “Bodas de Ouro” do Meac, tendo já percorrido uma longa caminhada, superando muitas dificuldades e vencendo várias crises, e agora nos deparando com nova realidade, cada vez mais desafiadora, é muito justo que nos perguntemos: “Qual o futuro do Meac? Ainda tem lugar para o Meac na nova caminhada da Igreja?” A resposta a estes legítimos questionamentos me parece ser simplesmente esta: “Tudo depende da fidelidade do Meac aos ideais de seus fundadores. Assim como a credibilidade da própria Igreja depende de sua fidelidade ao Evangelho, o futuro do Meac depende da fidelidade aos princípios que inspiraram a sua criação, há cinquenta anos atrás”.

Por isso se faz necessário lembrar e tornar cada vez mais conhecidos os ideais do Meac, para que sejam assumidos e vividos pelos seus membros. Esta é a garantia, não apenas da sobrevivência, mas da fecundidade do Meac no futuro da Igreja.

Em 2003, sendo na época Diretor Nacional do Meac, publiquei um documento com o título “1972-2003: MEAC RUMO Á MATURIDADE”. Orientações para uma nova caminhada, conforme as orientações dos então recentes documentos da Igreja. Data: 26 de outubro de 2003. O Meac tinha completado 31 anos de vida. Ao completar 50 anos, avançando na idade e no amadurecimento, acho oportuno retomar, na forma mais sintética possível, alguns dos itens expostos naquele escrito. (*texto à frente, pág. 115/119*)

São eles: nossa história, nossa realidade, nossa espiritualidade, nosso carisma, nossa missão, nossos princípios, nossa ação missionária.

1. Na introdução da reflexão apresentada estava escrito: Não é por acaso que o MEAC existe.

O Espírito Santo suscitou nos seus fundadores e nos seus pioneiros o desejo e a disponibilidade para servir à Igreja, correspondendo às necessidades do seu tempo: evan-

gelizar, criar e animar comunidades. Atendendo aos apelos do Concílio Ecumênico Vaticano II, que redescobriu a identidade e a missão dos leigos, o MEAC nasceu como uma resposta onde os leigos se comprometiam a formar mais leigos empenhados na construção do Reino de Deus.

2. Referências históricas

Ao longo de meio século o MEAC tem realizado a sua missão de evangelizar e animar comunidades. No decorrer do tempo, com a expansão do MEAC por várias regiões do Brasil e fora do Brasil, ele tem correspondido à sua vocação de acordo com a realidade na qual foi se inserindo, usando os meios mais adequados: viagens missionárias, palestras, meios de comunicação social, implantação e animação da pastoral do dízimo em milhares de paróquias, no Brasil e no exterior, escolas de formação de lideranças, como a Escola Fé e Vida, ministério da visitação como as “Missões em seu lar” e, principalmente, a atuação dedicada e discreta nos serviços e pastorais das comunidades, onde os membros do MEAC estavam presentes.

Reconhecidamente o MEAC tem sido uma referência missionária tanto para a Igreja do Brasil como de outros países.

3. Nossa Realidade

Presente em várias partes do Brasil e alguns países da África, o MEAC conta com uma centena de membros. Tem grupos do MEAC em São Paulo (capital e interior), Bahia (Feira de Santana e Dias D’Ávila), Rio Grande do Sul, Amazonas (Grupo de Manaus) e na África, em Moçambique e Guiné Bissau.

Um “pequeno rebanho”, mas seriamente comprometido. Alguns dos membros do MEAC estão empenhados, prioritariamente, na animação da pastoral do dízimo, vista como meio de evangelização para despertar nos cristãos o espírito da partilha.

Todos os missionários do MEAC estão comprometidos com a comunidade de que participam, e há membros do MEAC

que se dedicam, de modo especial, à intercessão que, conforme o dizer do Papa Francisco, “é a ação missionária mais importante”.

O quadro geral do MEAC, contudo, está nos mostrando um real envelhecimento dos seus membros e a necessidade de uma renovação. É assunto para se pensar com seriedade e com bastante urgência.

4. Nossa espiritualidade

Nenhuma organização poderá tornar-se uma comunidade viva da Igreja a produzir frutos sem uma profunda espiritualidade.

Por isso, o MEAC é chamado a viver a sua espiritualidade característica conforme as orientações dos estatutos:

- a) Adesão a Cristo, o Missionário do Pai, seguindo o exemplo de São Francisco de Assis.
- b) Fidelidade à Igreja.
- c) Alimentar diariamente o espírito de oração através da leitura da Palavra de Deus.
- d) Colocar a Eucaristia no centro da nossa espiritualidade, devendo ser vivida o mais assiduamente possível.
- e) Amor filial a Nossa Senhora, Estrela da Evangelização.
- f) Devoção profunda a São José, esposo de Maria, pai adotivo de Jesus, padroeiro da Igreja e, ao lado de Nossa Senhora, exemplo de obediência à vontade de Deus e de entrega total ao projeto da Redenção, modelo de dedicação à família e ao trabalho e tudo no escondimento, na humildade e no silêncio: um verdadeiro espelho para todos os missionários leigos da Igreja de Jesus.

5. Nosso Carisma

O carisma é como o DNA de uma entidade religiosa, o que define a sua razão de ser, aquilo que a caracteriza.

O carisma do MEAC foi se revelando ao longo de sua caminhada e hoje poderia se definir assim: Associação de leigos cristãos a serviço da vocação de todos os batizados para a missão. Explicitando: Associação porque o MEAC constitui uma união de pessoas. Leigos, porque a laicidade

é a característica dos participantes do MEAC; cristãos, porque os membros do MEAC são discípulos de Cristo, que buscam viver a coerência da sua fé no Senhor; a serviço da vocação de todos os batizados para a missão, porque o MEAC tem por finalidade colocar-se a serviço de todos os irmãos para que eles também despertem a consciência do seu batismo e assumam a missão confiada a eles na família, na Igreja e no mundo.

6. Nossa missão

O carisma define a missão do MEAC. Ele tem por fim a formação de leigos. Trata-se de formar os seus membros, preparando verdadeiros missionários de Jesus Cristo e colaborar na formação humana e cristã dos demais membros da Igreja para que correspondam à vocação recebida no batismo.

7. Prioridade da nossa ação missionária

- a) Formação permanente dos próprios membros do MEAC, através de encontros frequentes dos participantes de cada núcleo, retiros ou jornadas de espiritualidade, cursos, estudo pessoal, participação na Escola Fé e Vida.
- b) Formação de lideranças nas paróquias por meio de escolas (como a Escola Fé e Vida), criação de centros de formação missionária, publicação e divulgação de literatura voltada para a formação humana e cristã do povo de Deus, uso dos meios de comunicação e, principalmente, fazendo bom uso das redes sociais em todas as suas modalidades.
- c) Evangelização por meio de visitas familiares e animação da pastoral do dízimo, dentro dos princípios da partilha e da solidariedade evangélica.
- d) Colocar-se a serviço da Igreja local e assumir com plena disponibilidade a missão que for confiada ao grupo MEAC ou a cada missionário individualmente.

8. Conclusão

Pelo Batismo, Deus nos chamou a ser e fazer discípulos do Senhor. Em comunidade, unindo nossas forças às dos nossos irmãos que caminham conosco na mesma vocação, teremos condições de realizar a missão que nos foi confiada. Aqui está o valor e a graça de caminharmos juntos, vivendo o mesmo ideal no MEAC. O MEAC é um dom do Senhor para a sua Igreja. Nós fomos convidados pela sua graça a participar e colaborar para que o MEAC realize a sua missão de evangelizar e animar comunidades. Na medida em que o MEAC cumpre a sua missão, nele cada um de nós se realiza e realiza sua vocação, e garante ao MEAC a certeza de que para ele terá sempre um lugar no Corpo Místico de Jesus Cristo.

Que a Virgem Maria, estrela da Evangelização, São José e os Santos que já lidaram nas fileiras do MEAC, acompanhem e iluminem nossa caminhada.

ENCONTROS INESQUECÍVEIS COM O PAPA JOÃO PAULO II

Existem acontecimentos em nossa vida que não se esquecem. O mesmo acontece na vida do Meac. Trata-se de dois encontros com o Papa São João Paulo II.

Na Vigília de Pentecostes de 1999, dentro do planejamento em preparação ao Ano Santo de 2000, o Papa quis reunir em Roma o maior número de Movimentos e novas Comunidades espalhadas pelo mundo inteiro como forma de celebrar os frutos do Espírito Santo que vivifica a Igreja.

Foram milhares de grupos vindos de todos os continentes, que naquele dia se concentravam na praça São Pedro e nos arredores do Vaticano. Discretamente, também o Meac estava lá, representado por cinco membros: Antoninho e a esposa Inês, o casal Artur Miranda e Margarida e Bruno Domenico Rossi. Para participar deste evento, o Meac se uniu aos membros do “Sodalite” do Peru, grupo missionário que assumiu a continuidade do trabalho da Pastoral do dízimo iniciado pelo Meac no país vizinho.

Foi um dia memorável, embora bastante sacrificado. O grupo entrou na praça de manhã, a fim de garantir um espaço, saindo já à noitinha depois da chegada, da bênção e da saudação do Santo Padre.

Além da oportunidade de conhecer tanta gente e partilhar com a multidão a alegria daquele encontro, foi possível ouvir a palavra dos mais famosos fundadores dessas novas experiências de vida: Chiara Lubich (Movimento dos Focolares); Kiko Arguello (Movimento Neo-catecomenal); Luigi Giussani (Movimento Comunhão e Libertação) e vários outros.

O momento mais importante, contudo, foi a chegada do Papa, passando no meio do povo e, depois, dirigindo a sua palavra enaltecendo o novo Pentecostes da Igreja, cujo frutos estavam aí representados por tantos movimentos suscitados pelo Espírito Santo.

A nossa alegria maior é saber que, entre esses frutos do Espírito Santo, estava também representado o Meac.

Em 2004 houve mais uma oportunidade do Meac participar de um encontro com o Papa São João Paulo II. Foi por ocasião de um congresso internacional promovido pela organização das igrejas da América do Norte, denominada “Administração dos bens de Deus”. Esta organização desenvolve uma espiritualidade e um trabalho de conscientização muito semelhante ao que é realizado pela Pastoral do Dízimo. Para o grande encontro realizado em Roma em maio de 2004, os organizadores do evento convidaram também a Igreja do Brasil, e a CNBB pediu ao Meac para representá-la, dada a experiência que o Meac tinha no assunto. O convidado foi Antoninho Tatto, mas devido a sua dificuldade de se ausentar por causa das condições de saúde de Inês, solicitou ser substituído por Bruno Domenico Rossi.

O tema a ser apresentado no congresso seria “A igreja e suas culturas na América do Sul e a experiência Pastoral do Dízimo na igreja do Brasil.” O texto foi preparado em conjunto com Antoninho e foi apresentado em Roma por Bruno diante de centenas de participantes: bispos, padres, religiosos e religiosas dos diversos continentes e até por representantes das

igrejas de outros ritos católicos. A repercussão do tema foi muito positiva no congresso. Feita a tradução do texto na língua italiana, o assunto teve grande aceitação também em outros ambientes, a ponto de um famoso sacerdote escrever: “Esta é a experiência da partilha que começa com os pobres”. O sacerdote referia-se à experiência do dízimo na igreja do Brasil.

O congresso da “Administração dos bens de Deus” teve seu momento alto no encontro com o Papa São João Paulo II na praça São Pedro, durante a audiência pública da quarta-feira. Os participantes do congresso tiveram o privilégio de ficar bem próximos do Santo Padre e, no final, tiraram uma foto com ele, como preciosa lembrança deste encontro.

Mais uma vez, discretamente, o Meac estava lá, junto do Papa, para lembrar que o lugar do Meac é permanecer no coração da igreja, bem unido aos seus pastores.

Bruno Domênico Rossi

DÍZIMO NA CAMINHADA DO MEAC

A IGREJA E SUAS CULTURAS NA AMÉRICA DO SUL

(Palestra proferida em Roma pelo missionário do MEAC Bruno Domenico Rossi no congresso internacional da organização “Administrar os bens de Deus” - Maio 2004)

Gostaria de iniciar esta exposição dizendo que muito se tem falado e escrito na América Latina nos últimos anos sobre este tema. Aliás, a própria caminhada da Igreja na América Latina está profundamente marcada pelo confronto com as culturas, desde Medellín, Puebla, Santo Domingo, procurando acertar o passo no processo de inculturação da evangelização. A própria teologia da libertação, nascida no continente latino-americano, tem tudo a ver com as culturas do seu povo. O quinto Congresso missionário latino-americano no Brasil em 1999, teve como tema central: “O Evangelho nas culturas”. O que colocamos aqui é, em grande parte, fruto destes ensaios. Lembro também que o tema da palestra sugere “culturas” e não apenas “cultura”, pois se trata de um continente que abrange uma grande variedade de povos e cada povo tem sua própria cultura, não obstante as semelhanças que possam existir entre os diversos povos da América do Sul.

A problemática da cultura em relação à fé cristã e ao anúncio do Evangelho é tão antiga quanto o cristianismo. A relação Evangelho-Cultura apresenta-se já na igreja primitiva, precisamente na fase de criação das primeiras comunidades locais e, com diferentes matizes, vem à tona durante toda a história da Igreja. O discurso de Paulo no areópago de Atenas é um exemplo da relação entre evangelho e cultura e de como pregar o evangelho em outra cultura. O problema da inculturação aparece na questão da circuncisão: para a comunidade de Jerusalém, o batismo só pode ser conferido aos circuncidados. Para as outras comunidades, e esta será a decisão tomada pelo Concílio de Jerusalém, a revelação de Deus em Jesus Cristo não se polariza na cultura de um povo, mas está aberta a todas as culturas.

No século IX, os Santos Cirilo e Metódio evangelizam o mundo eslavo, criando um alfabeto para possibilitar a tradução da Bíblia e dos textos litúrgicos à língua eslávica.

No século XVI, o beato Padre José de Anchieta aprendeu “a língua geral do Brasil” (Tupi-guarani), da qual escreveu a primeira gramática.

Padre Mateus Ricci, missionário jesuíta (1552-1610) embora não tenha encontrado a compreensão das autoridades da Igreja, adotou o modo de vida dos mandarins chineses, penetrando no fechado império da China e dele ganhando o respeito.

Se a realidade da inculturação é antiga, sua tematização teológica é relativamente recente. No 3º Sínodo dos Bispos, em 1975, os Bispos da África e da Ásia falavam “da necessidade de encarnar a fé e a vida cristã nas várias culturas dos diversos povos do mundo”. A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI (1975) encarou o tema do encontro da fé com as diversas culturas. Aliás, desde o Concílio Vaticano II, esta relação entre cristianismo e as culturas tem se tornado um dos grandes temas eclesiais. Os documentos *Gaudium et spes*, *Nostra aetate*, *Ad Gentes*, *Evangelii Nuntiandi*, *Catechesi Tradendae*, *Slavorum Apostoli*, *Redemptoris Missio*, são documentos fundamentais sobre a questão a nível universal e, para a América Latina, os documentos de Medellín, Puebla, Santo Domingo, além de textos de diversas conferências episcopais nacionais.

Reconhecemos hoje, a partir destes próprios documentos, que o cristianismo é uma experiência marcadamente cultural, embora, por vezes, durante séculos, nos tenha sido proposto como um fenômeno quase independente da cultura, até mesmo supra-cultural, dissociado do contexto e da vida, apenas um conjunto de ideias, valores e princípios, quando, na realidade, uma das características fundamentais do cristianismo é seu caráter encarnatório e histórico. Jesus Cristo e tudo o que Ele significa na totalidade do seu mistério, nos é enviado pela Trindade e nos é dado pelo Pai no quadro bem concreto da tradição de um povo. Ele foi judeu, galileu de Nazaré. Viveu no contexto próprio do judaísmo da sua época. Este será sempre um referencial indispensável para a nossa

compreensão tanto da dimensão histórica do cristianismo, como da sua configuração teológica e pastoral. O cristianismo, portanto, em sua característica humana, é uma vivência cultural. A concretização histórica da nossa fé cristã só se realiza efetivamente no contexto de uma ou mais culturas.

O cristianismo, na sua origem, tem a marca judaica que vai passando para uma transformação a partir das comunidades de judeus e não-judeus espalhadas no ambiente marcado pela cultura helenística do mundo greco-romano.

Com o passar do tempo, o cristianismo se organiza e vai se institucionalizando e cada vez mais se firmando como uma experiência monocultural. Este quadro cultural do cristianismo se consolida sempre mais na segunda metade do primeiro milênio da nossa era. Através de toda a Idade Média europeia, o cristianismo latino amadurece sua forma de ser ocidental. Um cristianismo forte define e constrói sua própria cultura, e pauta por ela a sociedade em que se encontra.

Toda a evangelização a partir do século XII, e até muito próximo dos nossos dias, difundiu este cristianismo, modelado por uma cultura. Trata-se de um cristianismo monocultural. Pela evangelização transmitia-se ao longo dos séculos essa fisionomia concreta do cristianismo ocidental.

A consequência maior deste fato foi uma simultânea justaposição entre o cristianismo, de um lado e, do outro, as culturas dos povos que iam sendo evangelizados, ao preço de uma crescente perda de suas próprias raízes culturais e religiosas.

Também na América Latina, o contato das populações indígenas com o Evangelho se fez mediante uma articulação íntima entre colonização e evangelização. Isto gerou o esvaziamento opressivo de muitas nações indígenas ou, até mesmo, uma forma de seu desaparecimento cultural ou de sua forçada submissão. De forma geral, nossa cultura latino-americana sofreu algumas fraturas, das quais ainda hoje se ressente.

A evangelização em nosso continente criou, inegavelmente, um substrato muito importante e persistente de religiosidade católica. Ela é parte integrante de nosso patrimônio

cultural. Sem ela não se pode entender o complexo conjunto de nossa formação social e de nossas identidades culturais latino-americanas e, ao longo de cinco séculos, este fundo religioso-cultural sobreviveu em meio às condições mais adversas, como por exemplo, as distâncias imensas em territórios como o Brasil com uma população dispersa e rarefeita e uma grave escassez de clero. Em praticamente todos os nossos países, a fé e suas expressões foram mantidas e conduzidas, em grande parte, pela iniciativa e a fidelidade do próprio povo. Este fato é característico da América Latina e a presença dos leigos na Igreja parte da fisionomia própria do nosso continente. Em algumas regiões da nossa América, o contato das populações negras com o Evangelho se fez sem a adequada evangelização e acompanhamento catequético. Predominou quase sempre uma assimilação sociológica das populações de origem africana pela Igreja e pela sociedade. Este processo levou a um sincretismo religioso que até hoje perdura.

Em todo este processo, em relação às religiões tradicionais, indígenas ou afro-americanas, o cristianismo desenvolveu e, em alguns casos realmente impôs, um modelo marcadamente monocultural que é a matriz católica romana de inspiração hispânica, pré e pós-tridentina. Tivemos duas fases neste processo: o da colonização, do séc. XVI ao séc. XIX e o da romanização, do séc. XIX até parte do séc. XX. Neste longo período que abrange quase toda a nossa história, o cristianismo na América Latina não é só uma experiência cultural, mas se torna também uma experiência monocultural. A chegada de cristãos católicos de diversos países da Europa ao longo do séc. XIX, não modificou, mas reforçou o modo cristão de ser e de viver já aqui instalado.

A implantação da vida religiosa em nosso mundo, sobretudo por meio das congregações religiosas e ordens internacionais, seguiu geralmente o mesmo paradigma. Até bem pouco tempo atrás, mantinha-se aqui a mesma visão do evangelho e do carisma religioso do lugar de origem. Da mentalidade homogênea, passava-se até à uniformidade em quase tudo: língua, trajes, arquitetura dos prédios e igrejas, formação

pessoal, os modos de julgar e agir. Apesar de presentes nas dioceses, solicitados e aprovados pelos bispos, os religiosos conduziram sua ação apostólica própria, às vezes sem muita inserção eclesial.

Tudo isto tem deixado feridas na Igreja da América Latina. Esta realidade monocultural convive ainda entre nós nas dificuldades e conflitos com as culturas originalmente ou eventualmente aqui presentes. Mais especificamente, constata-se uma real ruptura entre a fé que se professa e a cultura que se vive. Isto ficou mais evidente com o advento da modernidade, amplamente difundida no mundo inteiro, tanto nos ambientes urbanos como nos mais distantes recantos do mundo rural, através dos modernos meios de comunicação. A modernidade trouxe a secularização em todas as suas formas e com todas as suas consequências e, principalmente, a ruptura entre fé e a cultura.

Resumindo, fica claro que no continente latino-americano, e especificamente na América do Sul, se encontram pelo menos três blocos culturais que se inter-relacionam e se interpenetram: as culturas indígenas, as culturas afro-americanas e as culturas modernas. Cada uma dessas nossas culturas se traduz numa extraordinária multiplicidade de modos de ser, entender, agir, de se expressar e se comunicar.

É a partir desta realidade que se realiza a experiência central da evangelização na América Latina. A partilha do dom, que é Jesus Cristo, se dá neste complexo mosaico humano de multiplicidade cultural.

O Espírito Santo, neste novo Pentecostes da Igreja, iniciado oficialmente com o Concílio Vaticano II, nos tem ajudado a descobrir o verdadeiro sentido e os caminhos da evangelização. A América Latina, em comunhão com a Igreja universal, se abre para uma nova evangelização, uma evangelização inculturada. Os tempos mudam e a Igreja caminha na história. Existe hoje a consciência de que não pode haver plena evangelização sem real inculturação. Evangelização e inculturação não são duas realidades distintas, nem duas faces da mesma realidade ou do mesmo processo. A inculturação é uma qualificação da evangelização. Não se trata de

um modernismo teológico ou pastoral. É algo diretamente ligado à missão da Igreja: evangelizar. Inculturação é o processo de evangelização por meio do qual a mensagem do Evangelho se insere gradativamente em uma cultura.

O Evangelho vai ser vivido a partir das características próprias dessa cultura. Inculturação é o processo de evangelização pelo qual se lança ao solo da cultura a semente evangélica. Inculturação não é ato, mas processo, isto é, envolve história e tempo. É um processo ativo que exige mútua acolhida, diálogo, fidelidade, humildade e, sobretudo, conversão. É dentro deste clima de evangelização inculturada, que hoje preferimos chamar de “nova evangelização”, que nós olhamos a Igreja da América Latina: o seu engajamento, os seus desafios e os frutos que vêm aparecendo como presente de Deus para renovar a nossa esperança e reacender o nosso entusiasmo missionário.

O engajamento: todas as forças vivas da Igreja estão comprometidas no trabalho da nova evangelização. Os Bispos nas suas dioceses e nas Conferências episcopais, nacionais e regionais; o clero autóctone e os missionários estrangeiros, os religiosos e as religiosas, cada vez mais comprometidos e inseridos na vida do povo. Já lembramos que os leigos são um elemento fundamental na fisionomia da Igreja da América Latina ao longo da sua história. Hoje, a presença e a atuação dos leigos se manifestam sobretudo na ação solidária dos grupos e movimento laicais organizados, movimentos e correntes de espiritualidade, capazes de realizar em profundidade uma evangelização que não será mais “o verniz” do qual nos fala o Papa Paulo VI, referindo-se a uma evangelização superficial. Reconhecemos que, às vezes, faltam aos movimentos laicais, para aproveitar melhor todo o seu potencial, maior compreensão, preparo e apoio da hierarquia, o que em parte se justifica pela grande escassez de sacerdotes em terras latino-americanas. A pastoral familiar, nas suas mais variadas formas de atuação e agrupamentos, a pastoral missionária assumida por leigos comprometidos, as mais diversas formas de pastoral social, os grupos de renovação

carismática e a pastoral da juventude, para citar algumas entre as muitas agregações de leigos a serviço do Evangelho, mostram a grande vitalidade de povo de Deus comprometido com Jesus Cristo e sua Igreja na América Latina, ao lado dos seus pastores e das pessoas consagradas na vida religiosa.

Os **desafios**: muitos são também os desafios para a nova evangelização na América Latina. De um lado temos a dramática realidade de pobreza da imensa maioria de nossas populações; do outro a necessidade de uma inserção na realidade para que a evangelização seja inculturada e libertadora. Num mundo marcado pela injustiça, nossa ação missionária deve realizar a justiça e praticar a justiça o que significa expor a sua vida, a exemplo de Jesus e dos muitos mártires da América Latina. Nossa realidade latino-americana sofre, também, e este pode ser o maior desafio, o impacto avassalador da cultura moderno-contemporânea: ela nos chega por todos os meios e sobretudo pela avalanche de informação e comunicação. O fenômeno da globalização atinge não só as populações urbanas mas os rincões mais distantes do nosso interior. Pelos meios de comunicação, nossos pobres são violentados em sua visão de mundo, em seus critérios e valores de vida. A globalização dos meios de comunicação exige novas formas de comunicar o Evangelho e nem sempre a Igreja tem preparo e recursos para isto.

Outro grande desafio para a evangelização e a vida da Igreja latino-americana é a presença e a proliferação constante de seitas e igrejas pentecostais que vêm colher frutos num mundo onde a evangelização não conseguiu penetrar nas raízes das consciências. A fé é superficial (lembramos o verniz do qual nos fala Paulo VI) e os cristãos mudam de religião com a maior facilidade, levados por qualquer atrativo. Este fato, porém, é também um desafio no sentido de promover uma evangelização e uma catequese cada vez mais sólida, no seio da própria Igreja Católica.

Motivos de alegria e de esperança: A experiência da Pastoral do dízimo na Igreja do Brasil

Desde que a Igreja da América Latina, logo após o Concílio, ou mesmo antes dele, tomou consciência da necessidade de realizar uma nova caminhada, já se passou quase meio século. Medellín, Puebla, Santo Domingo podem ser consideradas etapas desta nova caminhada como Igreja latino-americana. Os frutos deste trabalho também são visíveis nas comunidades eclesiais de base, nas paróquias renovadas, nos movimentos e correntes de espiritualidade e de apostolado dos leigos, numa renovada consciência política do nosso povo, nas organizações populares, fruto de uma consciência crítica à luz da fé e da palavra de Deus, nos mártires que doaram sua vida e seu sangue pelos ideais do Evangelhos. Mas um dos frutos mais belos e que mais nos dá esperanças é o espírito de partilha do povo latino-americano, o que nos permite pensar numa igreja solidária, mesmo que seja pobre, aberta à comunhão, capaz de fazer com que cada pequena comunidade cristã deste imenso continente latino-americano se torne, a exemplo da primeira comunidade de Jerusalém, “onde a multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma”, verdadeira Igreja de Jesus Cristo, capazes de atrair com seu testemunho todos aqueles que o Senhor chama à salvação.

Dentro desta visão de uma Igreja aberta para a partilha, desejamos expor aqui a experiência nascida no Brasil, presente hoje na maioria das suas paróquias, na imensidão, deste país, e também já presente em dezenas de paróquias e dioceses de outros países da América do Sul e num bom número de comunidades de brasileiros dos Estados Unidos. Trata-se da experiência da partilha, como projeto de auto-sustentação da Igreja ou Pastoral do Dízimo, como expressão concreta de partilha. Esta experiência tomou corpo em 1982, pela iniciativa do Sr. Antoninho Tatto, missionário leigo do MEAC (Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades), depois de vários estudos e proposta da Conferência dos Bispos do Brasil e tentativas mais ou menos

bem sucedidas de organização do dízimo em algumas comunidades.

Esta experiência é a tomada de consciência de que tudo faz parte do maravilhoso Plano do Amor de Deus. Este plano começa com a criação do homem, é frustrado pelo pecado de Adão e Eva, mas Deus dá a ele continuidade, tendo sua complementação em Jesus Cristo que se doa totalmente para a realização deste Plano de Amor. A Igreja, fundada por Jesus Cristo, tem a missão de prolongar pelos séculos este Plano de Amor de Deus, com a força do Espírito Santo. Visando este fim, temos uma igreja toda organizada, presente no mundo inteiro. Uma Igreja que hoje é reconhecida pela sua postura, pelos seus princípios, pela sua fidelidade ao Fundador, como a instituição de maior credibilidade no mundo, produtora permanente de esperança e especialista em humanidade. Esta Igreja convida e convoca todos os seus membros a participar deste Plano. Todos têm espaço, têm possibilidade de trabalho e de se incluir no grande Projeto da Construção do Reino de Deus. Quantas lideranças envolvidas nos trabalhos paroquiais, animadas pelos padres sob a coordenação dos Bispos, seguindo as orientações do Papa, fiéis seguidores de Jesus Cristo, enviado de Deus Pai. É o efeito cascata do Plano de Amor de Deus em todos os níveis.

A experiência de partilha, que no Brasil chamamos tradicionalmente de Pastoral do Dízimo, faz parte desta participação de todos na construção do Reino de Deus, como resposta pessoal ao seu Plano de Amor. E depois de tantos anos de trabalhos missionários desenvolvidos pelo MEAC, incluindo a Pastoral do Dízimo, podemos afirmar que o Dízimo é caso consagrado. Para a autossustentação da Igreja e para dar a ela as condições necessárias a fim de realizar a sua missão, não precisa ir atrás de outras saídas financeiras. É dízimo e ponto final. O dízimo é a resposta. Nunca dissemos que se trata da única forma válida. Muitas paróquias e dioceses têm experiências positivas, que lhes proporcionam estabilidade econômica. Também nunca iremos afirmar que dar o dízimo e a oferta encerra o compromisso dos fiéis com a comunidade. Há implicações maiores e mais profundas entre as pessoas e

a sua Igreja do que simplesmente dar dinheiro para que se sustente. No entanto, queremos afirmar que o dízimo e a oferta respondem mais intimamente no coração das pessoas.

Quando se fala de contribuição para a Igreja, de doativos para a Igreja, ajuda, etc, estes termos não têm a mesma força espiritual que têm o dízimo e a oferta. Certamente tudo isso é bom e tem ajudado muito a Igreja em seus projetos de evangelização, através dos tempos. Certamente muita gente doou fortunas para a Igreja, considerando suas possibilidades, e tudo isso é louvável. O que queremos dizer, fruto de muitas pesquisas e de tantos testemunhos recebidos, é que o dízimo, mesmo não sendo a décima parte, dado conscientemente à Igreja, dá uma resposta interior definitiva. Preenche aquele vazio, aquela sensação de caso mal resolvido de gratidão a Deus. Podemos incentivar o nosso povo a dar oferta, a fazer caridade, a dar doativos. Com certeza estes gestos vão fazer muito bem a quem recebe e também a quem dá. Podemos dar as mais altas somas para as melhores causas deste mundo, mas sem ter compreendido bem o que é dízimo, seu profundo sentido religioso, sua raiz teológica e bíblica, algo estará incompleto, falho e mal resolvido.

Por que esta conclusão? Porque está claro que o dízimo é que abrange as grandes dimensões da vida cristã e da missão da Igreja: a dimensão religiosa, eclesial, social e missionária. Por isto não podemos deixar de dar a melhor das orientações, de fazer o melhor trabalho de conscientização sobre o dízimo.

A pastoral do Dízimo é uma proposta educativa, considerando as razões pelas quais as pessoas devem contribuir. Isto se dá quando é feito, e bem feito, o trabalho de conscientização, na razão de ser do dízimo, suas origens, história e sua íntima ligação com Deus, criador de todas as coisas. Jamais as motivações do dízimo devem ser as necessidades da paróquia, as despesas a pagar. A motivação deve ser sempre a íntima ligação com Deus, nossa pertença à Igreja e a alegria de participar na construção do Reino de Deus, com um pouco de tudo que Deus nos tem dado. Na pastoral do Dízimo, Deus é prioridade. Dar o dízimo deve consistir em

experimentar uma liberdade que dá muita alegria. Louvar o Senhor, reconhecer que tudo é de Deus, e contribuir com um pouco de tudo a Ele, através de sua Igreja, é uma honra muito grande! Isto responde ao que diz o Concílio Vaticano II: “É um dever e uma honra para os cristãos devolver os bens que dele receberam”. E também o que estabelece o Cânon 222 do Direito Canônico: “Os fiéis têm obrigação de socorrer às necessidades da Igreja, a fim de que ela possa dispor do que é necessário para o culto divino, para as obras de apostolado e de caridade, e para o honesto sustento dos ministros. Têm também a obrigação de promover a justiça social e, lembrados de preceito do Senhor, socorrer os pobres com as próprias rendas”.

A pastoral do dízimo é um trabalho educativo que deve levar a uma mudança de mentalidade, exigindo uma profunda transformação da nossa maneira de ser igreja, levando-nos a uma conversão. Na verdade, só haverá êxito neste trabalho pastoral, se houver conversão. Por isto mesmo, os frutos deste trabalho às vezes demoram a aparecer.

O MEAC vem realizando este trabalho de conscientização desde 1982 no Brasil. Há poucos anos o trabalho começou em alguns países da América do Sul, tendo sido traduzida para o espanhol parte da literatura produzida pelo MEAC. Algumas Dioceses do Peru já vivem a mesma experiência, naturalmente adaptada à sua realidade. O dízimo é uma realidade também entre os migrantes que formam as comunidades brasileiras dos Estados Unidos.

O sistema adotado não apresenta fracassos, quando o trabalho é bem feito e conta com a colaboração efetiva dos pastores e de uma eficiente equipe que assuma este trabalho pastoral, pessoas estas que nós chamamos de “ministros da partilha”. Apenas em menos de três por cento dos lugares onde temos feito este trabalho, os resultados não foram satisfatórios, ou pelo menos não foram os esperados ou projetados. Em todos os outros lugares, foram atingidos os objetivos traçados, e, na maioria dos casos, os resultados foram acima do que se esperava.

Para quem deseja conhecer com mais detalhe nosso método de trabalho, colocamos à disposição toda a bibliografia e, particularmente, os livros: “Dízimo Projeto de Amor” e “Dízimo, Expressão Forte de Comunidade”, para preparação das equipes diretamente comprometidas com pastoral do dízimo na paróquia, os missionários paroquiais do dízimo, “Dízimo Ministério da Partilha”, para formação das lideranças paroquiais, “Dízimo e Oferta na Comunidade”, um resumo dos textos bíblicos que tratam do dízimo e da oferta, livro este que na grande celebração realizada nas paróquias, é distribuído gratuitamente a todas as famílias.

Mas é bom considerar o que dizem os Bispos, no Estudo nº 8 da Conferência dos Bispos do Brasil: “qualquer mudança de sistema supõe coragem para correr riscos. Funcionando bem ou mal, um sistema existente traz segurança: qualquer mudança em direção a algo novo, acarreta insegurança.

“É possível que, até o sistema de dízimo crie raízes mais profundas, haja um período de dificuldade financeira, ao menos para certas comunidades. Mas será isso motivo suficiente para não se dar um passo adiante? Não estaria aí configurado o quadro do dever de assumir um certo risco, em nome da coerência, da fé e da pobreza? É necessário, porém, que se tenha consciência de que não há subsídio ou trabalho de conscientização por mais perfeito que seja, que anula totalmente o risco e a insegurança”.

Concluo apresentando as palavras de Antoninho Tatto, grande incentivador da pastoral do dízimo na Igreja do Brasil e de outros países da América do Sul, ele que hoje deveria estar aqui apresentando seu testemunho mas que por motivo superior lamentavelmente não pode estar presente.

Um sonho possível

Dentro deste Plano de Amor, portanto, é preciso contemplar a implantação da Pastoral do Dízimo para uma arrancada definitiva do processo paroquial. Com este projeto estamos falando em mudanças radicais em toda nossa Igreja para os próximos dez anos. Podemos tornar nossas Paróquias autos-

sustentáveis, com recursos e, por sua vez, tornando autossustentáveis as estruturas de nossas Dioceses. Meu sonho é ver, um dia, a nossa Igreja com recursos suficientes para realizar sua missão evangelizadora com eficácia. Isto acontecerá quando houver partilha na Igreja, com duas vias: recebendo e dando. Acontecerá quando uma Paróquia considerar um escândalo ter vultuosas somas depositadas em bancos sem ter o que fazer, enquanto outras não têm o necessário para as mínimas necessidades.

A maior de todas as recompensas de nosso trabalho missionário não é saber que estamos ajudando a muitas Paróquias e Dioceses a resolverem seus problemas financeiros. A resposta interior que Deus nos concede, a misericórdia de Deus em nossas vidas tem sido um grande presente. Mas ouvir de Bispos o testemunho de que, depois que optaram pela pastoral do dízimo, acreditaram no sistema e, com isso, as dioceses se tornam autossustentáveis, nos enche de alegria. Ouvir os mesmos bispos dizer que antes as dioceses dependiam totalmente de ajuda das entidades estrangeiras e agora podiam, com a ajuda de seu povo, realizar plenamente seu trabalho pastoral, nos enche de orgulho desse povo que, conscientizado, responde generosa e prontamente aos apelos da igreja. Com certeza, os projetos que não foram mais necessários naquelas dioceses, as entidades do exterior que costumavam ajudá-las puderam canalizar esses recursos para outras dioceses de outras regiões muito mais necessitadas.

Eis aí a verdadeira partilha, o verdadeiro espírito missionário. Sim, sonho com a independência financeira de nossa Igreja. Sonho com o dia em que no Brasil, com o dízimo, nossas paróquias canalizarão recursos para as paróquias mais pobres, para as regiões mais pobres até que, um dia, todas possam iniciar processo definitivo de envio de recursos, um dízimo, para as igrejas necessitadas de outros países. Este é o sonho, possível, se sonharmos juntos, como disse o bom amigo Dom Helder Câmara.

DÍZIMO EXPRESSÃO FORTE DE COMUNIDADE

Depois de muita resistência e luta interior, ao optar pela experiência do dízimo, em 1982, minha primeira intuição foi que, fora da comunidade, não há legitimidade para se propor a prática do dízimo.

Contra o dízimo, combater o dízimo e toda e qualquer forma de contribuição para a Igreja. Esta foi minha bandeira durante muito tempo.

De família pobre, necessitada das coisas mais básicas para a sobrevivência, não podia entender aquela coleta que o padre fazia, todo ano, por ocasião da festa do padroeiro. Também não compreendia e não aceitava aquela contribuição mensal dos meus pais na comunidade, naquela pequena vila onde morávamos. O padre vinha vez ou outra para celebrar a missa.

Além do fato de sermos pobres, fui envenenado com a ideia de que a Igreja era rica e tinha muito dinheiro. Tudo isso fortalecia a ideia que eu tinha, e que me convinha. Era uma boa desculpa para não me comprometer.

A participação na vida comunitária em nossas paróquias, o zelo dos sacerdotes com os quais convivi, o compromisso incansável de muitas lideranças, catequistas, ministros, as pessoas envolvidas nas pastorais, tudo isso me fez entender a mística bonita que a Palavra de Deus produz no coração das pessoas. O testemunho dessas lideranças me questionava, criava em mim a inquietação.

A Igreja fiel a Jesus Cristo, seu fundador, alimenta em nós sentimentos de unidade e compromissos de amor que nos levam a olhar a nosso redor, a ver as necessidades de cada pessoa, irmãos nossos, e numa intuição natural nosso pensamento se dirige para o alto, leva nossos pensamentos a Deus que, sabemos, sentimos, é o criador de todas as coisas, tudo é Dele, somos Dele.

Embora cada um de nós seja único, individual, não conseguimos viver sem a dependência, a comunhão com

outras pessoas. Isto não depende de nós, é determinação de quem nos criou, Deus.

A necessidade de conviver com outras pessoas, partilhar sentimentos e descobertas nos faz buscar, juntos, as necessidades comuns e a comunhão com Deus.

Quanto mais nos sentimos unidos e solidários uns com os outros, maior é a intimidade também com Deus.

Quanto mais nos sentimos em comunhão com Deus, maior é a sensação de bem estar, segurança, alegria interior, disposição para o bem, sensibilidade e discernimento para o essencial da vida.

Na prática do dízimo, em comunidade, manifestamos nosso compromisso de ajudar a manter os serviços necessários que são comuns e importantes, que concretizam o projeto bonito de Deus, de manter-nos unidos a cada pessoa, a cada irmão. Por isso, afirmar que dízimo é expressão forte de comunidade é constatar que estamos envolvidos num projeto de espiritualidade que tem consequências positivas, que ajuda as pessoas a serem melhores, mais unidas em seus objetivos e necessidades comuns e, o principal de tudo, é um projeto que salva. São consequências positivas para nós mesmos, para os que formam esta comunidade, e com um olhar para os que virão depois de nós para dar continuidade a esta experiência que nos fez bem e fortaleceu nossa fé.

A salvação é o que importa. “De que adianta ganhar o mundo inteiro se vieres a perder tua alma”, nos adverte o evangelho. Salva tua alma! É o grande objetivo. É dentro deste contexto que devemos sentir alegria de contribuir com nosso dízimo, para realizar o projeto de Deus em nós, para nós, com a nossa participação. Deus não precisa de nada, nós é que precisamos. Deus nos permite participar nesta realização de cada um de nós, com o que cada um tem e pode partilhar. Sem exigências, mas incutindo em nós a Sua graça, despertando em nós o desejo de participar. Isto acontece no processo de evangelização dentro da comunidade, na conscientização que vamos adquirindo na medida em que conhecemos a Palavra de Deus, nos ensinamentos catequéticos,

nas participações das liturgias e no envolvimento nas atividades realizadas na comunidade com o intuito de ensinar, reunir e unir todos os fiéis a um compromisso concreto na construção do Reino de Deus.

Colocar nosso dízimo neste projeto é gratificante. Se não conseguirmos fazer isso, entregar nosso dízimo na comunidade sem reservas, com alegria, não podemos esperar que algo mais sublime aconteça em nosso coração: espiritualidade, comunhão com Deus, salvação de nossas almas.

Não que o dízimo seja fundamental, indispensável para que o amor de Deus aconteça em nós. Deus nos ama de qualquer maneira. O dízimo é tão pouco, só uma pequena parte! Não tem sentido estarmos tão agarrados a este pouco. Mas como é difícil abrir mão! Quando o fazemos, é porque algo divino aconteceu dentro de nós.

Repetir este gesto, mensalmente, é uma experiência extraordinária que vale a pena fazer. Tudo faz parte de um processo, é preciso começar.

A perseverança na fidelidade da entrega do dízimo vai transformando nosso interior, vai levar a descobertas jamais pensadas. Como assim? São Paulo responde: “Poderoso é o Deus para cumular-vos com toda espécie de benefícios para que, tendo cada vez mais o necessário, vos sobre ainda muito para toda espécie de obras boas”.

As palavras de São Paulo indicam que toda prática de amor partilhado, vivido dentro do âmbito comunitário, traz realização plena, espiritual e material; a alegria na convivência com as pessoas vem completar nossa felicidade.

Descobrimos que a felicidade existe sim, mas na convivência comunitária, nunca individual, solitária. Só, ninguém consegue ser feliz. Não foi assim e para isso que fomos criados por Deus.

Nossos bens seguem a mesma dinâmica. Acumular simplesmente não traz vantagens. Com o passar do tempo percebemos que os bens adquirem um sentido maior quando são partilhados, quando nos levam ao convívio com outras pessoas.

Certa vez ouvi de um padre francês, no final de um encontro sobre o dízimo: “O dízimo nos ajuda a evangelizar, mas evangeliza também nosso dinheiro”. Acho que entendi o que quis me dizer.

Participar num projeto de Deus, com nosso dízimo, é elevar nossos bens a um nível superior, espiritual, místico.

O dízimo não é nada em si mesmo; adquire importância como resultado de nosso gesto, quando possibilita que toda comunidade tenha mais amor e gratidão a Deus. O que era meu se torna nosso. A alegria é grande porque constatamos o que nos diz São Paulo, citando Jesus: “Mais feliz é aquele que dá do que aquele que recebe”.

Ao viver a experiência do dízimo, é muito fácil ir além, fazer mais, participar mais na vida da comunidade, contribuir com os dons, exercer atividades que possam ser usufruídas por todos. Uma coisa não substitui a outra.

Dízimo dos bens e dízimo dos dons, significa gratidão total, alegria completa.

Em comunidade o dízimo cria coisas, possibilita realizações materiais que dão condições para exercer os dons espirituais, faz acontecer a evangelização.

Mas o dízimo de nossa participação nas pastorais, com nosso tempo doado, cria laços, une os corações e mentes em objetivos comuns, com visão comum, raiz profunda de sentimentos, expressão forte de comunidade.

Quando entendemos o dízimo como elemento importante na formação de comunidade e vemos na comunidade refletida a imagem mais nítida da vontade de Deus, estamos vivendo a melhor forma de consagração.

Consagrar o dízimo, consagrar nossas capacidades colocadas em comum. Estas coisas não são passageiras!

Elas marcam profundamente nossas vidas e vão além de nossas vidas, porque deixam marcas de fé em cada realização comunitária para os que virão. E vai muito mais além, se espalha pelo universo, pelo testemunho dos que vão pelo mundo afora vivendo em outros lugares, com outras pessoas, tudo o que aprenderam e viveram no nosso convívio. Que

dimensão bonita esta! Não guardar só para si, mas partilhar. Como Deus partilhou com cada um de nós, partilhamos também nós com todos da comunidade, nossa família ampliada, com mais pais, mais irmãos, todos unidos, um ajudando o outro. Imagem e semelhança de Deus! Parecidos com Deus, com gestos de Deus. Ficar fora disto? Nunca! Seria uma pena! O que acontece conosco quando compramos alguma coisa que queríamos muito? É uma grande alegria, não é mesmo? Mas com o tempo, no entanto, aquela alegria vai diminuindo, até acabar. Aquele bem que parecia a fonte de nossa felicidade é substituído por outros bens, e depois por outros, e nunca estamos satisfeitos. “O ouro aumenta a sede do ouro, e não a estanca.” (**Públio Siro**). A mesma coisa acontece com quem olha só para si mesmo, nunca se satisfaz. Quem partilha, quem tem preocupações com os outros, tem sempre sua alegria multiplicada, eternizada.

Deus quer que sejamos felizes sempre, não de vez em quando, por um período curto de tempo, mas sempre! A fórmula Ele nos deu na experiência da partilha comunitária.

Dois palavras antagônicas, dízimo e avareza. Avareza é ter mais, sempre mais, comprar para ser feliz. Comprar muitas coisas para tentar reconquistar a felicidade perdida com as coisas compradas do passado e que agora não significam mais nada. Comprar, ter, possuir! Escravidão! Nunca é o suficiente, sempre falta.

Dízimo é aprender a ser simples, sem constrangimento, é alegria de dar um pouco, um pouco só daquilo tudo que temos, que Deus nos deu. É muito simples e faz muito bem. Nos liberta, nos dá uma sensação de problema resolvido, de dever cumprido. Mais ainda, com o tempo a sensação de dever cumprido não conta mais, mas sim a sensação de ser agradecido a Deus pelo dom da vida, pelo prazer das coisas conseguidas.

Não é uma experiência fácil, é preciso ter resistência no começo. Nosso egoísmo, nossa avareza tem facilidade de fazer aquilo que nos dá prazer imediato, mesmo que dure pouco.

O dízimo tem que ser experimentado com paciência e determinação, sem pressa de resultados imediatos.

Como uma semente, o dízimo deve ser plantado, consagrado, em nossa mente e coração.

Precisa ser mentalizado e cultivado no coração, como expressão de gratidão.

Confiança em Deus. Sabemos que a semente para dar frutos precisa viver a experiência da morte. Se não ficar isolada no escuro, enterrada, solitária, não brotará, não encantará com seus primeiros brotos, com os galhos, as folhas, as flores, e, finalmente, oferece a sensação prazerosa do fruto. Cada coisa ao seu tempo.

O dízimo também requer seu tempo, precisa amadurecer, ter seu tempo de reflexão. Só depois acontece a entrega confiante, a alegria da participação generosa.

Minha experiência foi amarga, dolorida. Entregar no início 3% da minha renda provocava dor. Não é apenas força de expressão, dói mesmo. Meu coração não estava preparado para a generosidade, estava acostumado às pequenas alegrias passageiras de pequenas coisas conquistadas. Nem me dava conta que apenas conquistava alguma coisa e já sentia novas necessidades. Um círculo vicioso. Aquele dízimo inicial, mesmo sendo pouco, doendo muito, sem eu perceber produziu na minha mente e no meu coração frutos com sabor jamais experimentado.

Depois de 40 anos daquela primeira experiência, ainda sinto a alegria de tê-la vivido.

Esta é a diferença: a alegria não termina, a cada nova entrega do dízimo a alegria aumenta, vai produzindo nova confiança, tudo vai somando e sendo bom.

Todas as conquistas daí para frente são tidas como graça de Deus que se torna visível nas pequenas e grandes coisas. Tudo é graça de Deus!

Minha primeira grande descoberta foi o fato de que aquele valor que entreguei de dízimo não me fez falta. Ao contrário, agora, com a minha parte, eu conseguia quitar todos os meus compromissos. Já é uma coisa boa, vamos admitir. Mas aos poucos, o que percebi é algo mais extraordinário. O que foi acontecendo é que meus critérios nos gastos mudaram. Por isso dava para pagar tudo e ainda sobrava. Apesar da minha

renda ser pequena, era suficiente, e me senti feliz. Sendo feliz, o que realizava, o que fazia, dava melhores resultados.

Descobri que o dizimista tem algo mais que vem de Deus, que dá segurança, muito mais que o poder do dinheiro, mais alegria e gozo do que qualquer outra coisa, sexo e bens materiais de todo tipo. O que vem de Deus preenche necessidades com mais gosto e sabor que todos os alimentos e bebidas juntos. Estas coisas necessárias e importantes passam a ser vistas como novas conquistas vindas da graça e benevolência de Deus. É a experiência da vida, depois de passar pela experiência da morte. Só quem sofreu a dor sabe como é bom não tê-la. Ao contrário, quem vive a experiência do dízimo, descobre o que perdeu antes, como foi ruim não tê-lo experimentado mais cedo.

Quem buscou a felicidade no poder, no dinheiro, sabe como é falsa, como passa depressa. Ao contrário de quem vive a experiência da partilha, de modo especial entregando, consagrando seu dízimo na comunidade descobre algo inexplicável, da qual não quer mais abrir mão. Descobre que tudo o que fazemos para nós mesmos, acaba com a nossa morte, e tudo o que fazemos para os outros se eterniza.

A melhor forma de viver esta realidade é na nossa comunidade de fé. É lá que nosso dízimo passa a ser uma oferta voluntária, alegre, livre, fruto de conversão sincera. Não é uma experiência fácil. Porque não é qualquer coisa que entregamos, é algo de nós mesmos. Por isso os frutos desta entrega são sempre mais saborosos.

Na experiência do dízimo está implícita a generosidade do agricultor que abre mão de comer a semente para plantá-la.

Ele tem a ciência, o conhecimento dos resultados que constatará lá na frente, ao seu tempo, na colheita dos frutos, 30,60,100 por um.

Quem dá o dízimo é porque descobriu a transcendentalidade dele, o que vai além, onde vai parar, o que vai encontrar, o que vai produzir em comunidade: irmãos em Jesus Cristo.

É por isso que o dízimo deve ser ensinado.

É por isso que precisamos ser conscientizados e conscientizar a todos.

É uma bênção tão grande em nossa vida que não podemos deixar de proclamá-la.

Não partilhar esta experiência de Deus é privar as pessoas de grandes graças.

Dom Albano Cavalin dizia num encontro diocesano do dízimo em Londrina PR: “Sou bispo ladrão se não incentivar e ensinar sobre o dízimo, porque estou privando o povo de abrir-se para a graça de Deus, de receber as bênçãos de Deus”.

Toda dúvida e incertezas sobre a importância e validade do dízimo que eu ainda tinha, a partir daquele dia desapareceram, e tem sido meta definitiva fazer o dízimo acontecer no coração de muita gente.

Isto não significa que não teremos mais problemas, que não haverá mais dor.

Nem Jesus foi poupado do sofrimento, da morte.

Mas a fidelidade a Deus na obediência generosa, todo o sofrimento, tudo o que, à primeira vista, parece ser uma grande tragédia, se transforma em grandes graças, fonte de grandes alegrias.

Devemos consagrar, entregar nossos dízimos, não para ficarmos livres dos problemas, ou com outras intenções, mas sim porque sabemos que a gratidão agrada a Deus e atrai para nosso bem as Suas bênçãos. É muito bom descobrirmos que os problemas são oportunidades para a santificação.

Por isso, o dízimo não deve ser encarado como obrigação. Deus não nos obriga a nada, nos ama apenas. Com isso respeita nossa liberdade .

Mas o fato de Deus não nos obrigar a nada, de nos dar a liberdade de sermos ou não fiéis, não significa que não exige nada de nós. Exige sim, Ele é justo. É preciso que sejamos justos também. Quando Deus exige algo de nós é porque quer nos abençoar ainda mais. Dízimo é um canal extraordinário de graças, é uma fonte de alegria e bênçãos.

Antoninho Tatto

PROJETO DIOCESANO DA PASTORAL DO DÍZIMO

Antoninho Tatto

Desde 1982, a partir de minha própria experiência, o Meac orienta paróquias na implantação e manutenção do dízimo como projeto definitivo de autossustentação. Alguns fatos na comunidade, na família e, principalmente, o conhecimento da realidade difícil das paróquias que encontrei nas minhas viagens missionárias pelo Brasil me levaram a pensar no assunto e colocá-lo na vida privada, a serviço da Igreja. Mais de 4500 paróquias no Brasil e no exterior adotaram nossa pedagogia, com aproveitamento em mais de 97% das paróquias acima do esperado, no aspecto financeiro, e muito mais no sentido pastoral. A conscientização das lideranças e do povo foi o aspecto determinante para os resultados positivos. Minha conversão se deu com a reflexão dos textos bíblicos sobre o dízimo. Se a Palavra de Deus sobre o dízimo mudou minha cabeça, certamente mudaria a vida de muita gente. Daí nasceu este trabalho e a metodologia.

Projeto Missionário da Pastoral do Dízimo do Meac

O Dízimo é sinal de maturidade cristã, compromisso de fidelidade com Deus, com a sua missão e com os pobres. O Meac desenvolve um trabalho de Animação Missionária sobre o Dízimo nas Dioceses e Paróquias, com a finalidade de levar a Igreja à autossustentação, utilizando estratégias, com o objetivo de “levar todos os fiéis a uma participação concreta na construção do Reino de Deus”.

Objetivo geral: Despertar a consciência e a corresponsabilidade de cada fiel pela sua Diocese, por meio de sua Paróquia ou Comunidade, tornando-se sinal de unidade, gratidão, doação e serviço a Deus e à Igreja, descobrindo as quatro grandes dimensões do dízimo:

Dimensão Religiosa: Toda a preocupação da Igreja em expandir a fé, levando todo o povo à adoração, louvor e agradecimento a Deus.

Dimensão Caritativa: A preocupação com os mais necessitados, acolher Jesus nos pobres, num trabalho permanente de promoção.

Dimensão Missionária: A preocupação com a proposta missionária da Igreja, levando a experiência de fé em Jesus Cristo a todos os povos.

Dimensão Eclesial: Envolvimento amoroso como expressão forte de comunidade, amar a Igreja.

Objetivos Específicos: Ajudar as Dioceses a implantarem o dízimo segundo a Palavra de Deus e orientações da Igreja. Onde já existe o sistema do dízimo implantado, ajudar a fortalecê-lo.

Estratégias: Promover um encontro entre os Padres com o Bispo, para que haja unidade na forma de captação de recursos necessários para a manutenção da Igreja local, e estabelecer, ou conhecer, as normas da Diocese quanto à Pastoral do Dízimo. Promover encontros Diocesanos com todas as equipes da Pastoral do Dízimo de todas as Paróquias e Comunidades, dando uma visão panorâmica da Pastoral do Dízimo, apresentando a metodologia, destacando sua importância e relação com as demais Pastorais, dentro da Pastoral de conjunto. Propor a formação de uma Equipe Diocesana composta por representantes de cada Paróquia ou áreas, conforme a estrutura própria de cada Diocese.

Estabelecer um cronograma de implantação do dízimo em cada Paróquia, promovendo em cada uma um encontro de formação da Pastoral do Dízimo com todas as lideranças. Formar em cada Paróquia e Comunidade uma Equipe Missionária da Pastoral do Dízimo. Realizar a “Celebração da Partilha” em todas as Missas das Paróquias celebradas nos finais de semana, visando o despertar do tema dízimo junto a todo povo.

Linhas de Ação: Fornecer subsídios de formação permanente, tais como: Livros de formação das lideranças, de conscientização para as famílias, DVD sobre o dízimo para formação de lideranças, cd's com músicas com o tema

“Dízimo”, propor a “**Revista Anual do Dízimo, com calendário**” para as paróquias distribuírem às famílias, incentivar a criação de um Boletim Paroquial ou orientar na inclusão do tema “dízimo” onde já existe, incentivar, onde não existe, levando as Dioceses e Paróquias a implantar um sistema de Administração que visa o controle Administrativo, Financeiro e Pastoral.

Metodologia: Dízimo Projeto de Amor. Após o encontro diocesano com o bispo e os padres, a cada solicitação de paróquia para realizarmos o trabalho, encaminhamos uma planilha que chamamos de “Plano Pastoral”, com a qual coletamos informações para conhecermos a realidade da paróquia, os trabalhos pastorais que realiza e os recursos que tem para isso, o objetivo desejável, os recursos que julgam necessários. Após análise, enviamos uma “Planilha de Materiais” ideais que sugerimos para realizar o trabalho de conscientização. Na “Planilha de Materiais”, primeira parte, constam os subsídios para a Equipe Missionária do Dízimo e demais lideranças. Na segunda parte da Planilha estão os materiais para as famílias.

Equipe missionária da Pastoral do dízimo e lideranças

Recordamos que é muito importante, antes da ida dos missionários, uma boa preparação de todas as lideranças, (Secretária Paroquial, Catequistas, Ministros da Eucaristia, Coordenadores de Grupos, Conselho Paroquial, Coordenadores de Cursos, etc.) e de modo especial a equipe missionária da Pastoral do Dízimo. Para isso sugerimos:

1. Um encontro onde todos devem assistir ao DVD “Dízimo Um Acontecimento Feliz”; este DVD permite cópias gratuitas no site: www.meac.com.br.
2. Entregar para todas essas lideranças o livro “Dízimo Ministério da Partilha”. Para a equipe de Liturgia e Cantos, entregar o CD “Cantando a Partilha” a fim de ensaiarem as músicas para a “Celebração da Partilha”; este CD permite fazer cópia gratuita no site: www.meac.com.br.
3. Para os catequistas, entregar também o livro próprio do Dízimo Mirim, caso a paróquia queira iniciar este trabalho

com a catequese. Estas lideranças devem apenas assistir o DVD “Dízimo Um Acontecimento Feliz” e ler seus materiais.

4. Para a equipe missionária do dízimo, além do Livro “Dízimo Ministério da Partilha”, deve ser entregue o “KIT” completo, composto dos seguintes materiais: “Dízimo Projeto de Amor”, “Dízimo Expressão Forte de Comunidade”, “Dízimo e Oferta na Comunidade”, o DVD e os Cartazes. O coordenador deverá receber, ainda, um exemplar do livro “Dízimo Plano de Amor”. A equipe da Pastoral do Dízimo deverá seguir passo a passo os encontros indicados no livro “Dízimo Projeto de Amor”, que conduz à organização da Celebração da Partilha. É um manual que tem como objetivo a formação de equipes responsáveis para organizar a Pastoral do Dízimo nas Paróquias pelo método: VER, JULGAR e AGIR, dividido em temas.

O Tema 1, é a Apresentação do Projeto. Para pessoas especialmente convidadas, futura equipe missionária do dízimo, é apresentado o projeto paroquial para a Pastoral do Dízimo, suas necessidades, o que é a Pastoral do Dízimo, qual o objetivo principal desta pastoral. No final é escolhida a equipe definitiva.

O Tema 2, trata da Capacitação desta equipe. Bem preparados, poderão orientar e acompanhar os futuros dizimistas. No final deste processo terão estudado todos os subsídios que receberam no seu KIT. Antes, porém, haverá mais um encontro de todas as lideranças com as equipes do dízimo e com a presença dos missionários do Meac. É quando confirmamos se as lideranças estão realmente prontas, se as equipes estão bem preparadas e motivadas.

O Tema 3, Celebração da Partilha. As equipes, neste tema, vão aprofundar toda a metodologia apresentada no **DVD Dízimo um Acontecimento Feliz**, dividido em quatro partes distintas: **organização, celebração, implantação e manutenção.**

Organização: Processo de preparação de uma equipe bem formada e motivada para o lançamento ou fortalecimento da pastoral do dízimo com metas a serem atingidas de acordo

com as necessidades da paróquia. Neste período a equipe conhecerá também as necessidades financeiras da paróquia. Estarão preparados para levar o projeto ao povo.

Celebração: É o momento de apresentação do projeto para a comunidade. A Celebração é um momento forte de animação missionária sobre o dízimo feito por missionários do Meac em todas as missas de um final de semana, com folheto “Celebração da Partilha”, um folheto próprio com textos sobre o dízimo e a oferta. A cada texto os missionários dão as devidas explicações, testemunham e motivam a comunidade a compreenderem o verdadeiro sentido e finalidade do dízimo. Nesta ocasião é entregue para **cada família** o subsídio “**Dízimo e Oferta na Comunidade**”, um livro com todos os textos sobre Dízimo e Oferta com pequenas reflexões. Cada família é orientada na Celebração da Partilha a ler o livro, e só após a leitura fazer a opção de ser dizimista, para que seja uma opção consciente, preenchendo a ficha de adesão na última página do livro, tornando-se um dizimista fiel, alegre, comprometido com sua comunidade.

Implantação: Após a celebração, o povo está motivado e a equipe preparada para atender e orientar sobre possíveis dúvidas dos dizimistas. Estão também orientados para a conscientização permanente, apresentando novas reflexões a cada mês, bem como a apresentação dos resultados.

Manutenção: Implantado o dízimo e atingidos os objetivos traçados, a equipe está orientada a dar continuidade para manter o sistema com seus resultados de forma permanente. A equipe estará também orientada a dar continuidade ao estudo e aplicação do manual “Dízimo Projeto de Amor”, sabendo o que fazer uma semana após a Celebração da Partilha, na segunda, terceira e quarta semana, o que deve fazer no primeiro, segundo e terceiro mês e depois do quarto mês em diante.

MEAC e a Pastoral do Dízimo HISTÓRICO DE UMA CAMINHADA

Em 1971/72 um grupo de cristãos, provenientes dos meios de comunicação, começa a reunir-se para reflexão do Evangelho. Cantores, humoristas, escritores, atores que iniciam um trabalho de atendimento a pessoas que acham que a vida não tem mais sentido. Acompanhados e orientados pelo Padre João Drexel OMI, nasce a Comunidade dos Comunicadores Cristãos. Passam a ter como orientador o que viria a ser o Cardeal Dom Lucas Moreira Neves. Em 1977 são poucos os que continuam no grupo. Mas, com apoio especial do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, perseveram, juntam-se a outros e fundam o Meac, agora com Estatutos e personalidade jurídica. O trabalho se solidifica e é reconhecido de Direito Diocesano.

Um grupo de missionários leigos dispostos a evangelizar conforme suas condições em seu estado laical. Para isso reúnem-se periodicamente para a oração e reflexão sobre a Dimensão Missionária da Vocação Cristã que deve nortear a vida de todo batizado, pois “Todo Batizado é Missionário”, aprenderam com os documentos da Igreja.

Por onze anos viajam por todo Brasil, visitam todos os Estados, pregam o Evangelho e dão testemunhos do mesmo em mais de seis mil cidades.

No Brasil

Em 1982 iniciam mais um trabalho, o da Pastoral do Dízimo, que nasce da experiência de missionários sensíveis às necessidades da Igreja, percebendo que Dioceses, Paróquias e Comunidades não têm recursos, algumas nem o mínimo necessário, para desenvolver seus trabalhos de evangelização.

Como dissemos, leigos que desejam evangelizar em seu estado laical, portanto, mantendo-se em seus trabalhos profissionais. E é neste contexto que nasce o questionamento:
– Como estamos colocando nossos dons, recebidos de Deus, que nos ajudam nos processos de orientação a muitos empresários para resolverem os problemas financeiros e admi-

nistrativos, a serviço do Reino de Deus? Como podemos ajudar nossa Igreja?

O questionamento cresce, a angústia também. Um cristão não pode ficar alheio às necessidades de sua Igreja!

Comunicadores, administradores, contadores, jornalistas, músicos, artistas, todos reunidos num objetivo comum: evangelizar. Diante do problema, “como evangelizar melhor?” escrevem livros, pregam em toda parte, despertam milhares de pessoas, mas observam que o trabalho teria mais eficácia se, por onde passam, deixassem instrumentos que possam ajudar ao Pároco diretamente, e, em consequência, a toda a comunidade.

Partindo das orientações da CNBB, Assembleia de 1974, Pastoral do Dízimo, Estudo número 8, inicia-se o processo da Pastoral do Dízimo. Os próprios Missionários do Meac fazem a experiência de ser dizimistas.

Esta experiência tem reflexos tão fortes e extraordinários em suas vidas que passam a partilhá-la em suas viagens missionárias, em suas pregações. Já partilharam esta experiência em milhares de Comunidades no Brasil, resolvendo definitivamente o problema de autossustentação, com profundos resultados pastorais.

Os resultados são tão espetaculares no sentido de dar as condições necessárias para as Paróquias desenvolverem seus trabalhos pastorais, que não dá para entender como há Paróquias que ainda têm problemas financeiros, que ainda lutam para conseguir o mínimo necessário para sua sustentação. Como é possível que Paróquias ainda tenham dificuldades financeiras quando um método consagrado tem se mostrado tão eficaz em muitas comunidades? Por que ainda não está plenamente sendo utilizado? Por que ainda existem Paróquias que insistem em se utilizar de outros métodos, alguns claramente não recomendados?

Estados Unidos

Em 1994 é a vez de levar esta experiência para os Estados Unidos, Arquidiocese de Boston, em doze comunidades de que participam brasileiros. Dentro do Meac reina

uma grande expectativa: – Como será o resultado Pastoral e Financeiro? Logo surgem as primeiras notícias, dando conta de grandes coisas acontecendo. Os brasileiros respondem positivamente, muito além das expectativas. Mais significativo ainda o testemunho daquelas comunidades que, arrecadando muito mais do que necessitavam, enviam milhares de dólares por ano para projetos missionários. Mais de U\$ 30.000 no primeiro ano. Cada vez mais cresce a corresponsabilidade e a notícia se espalha. Agora é em Nova York, Washington, New Jersey e na Flórida, em várias comunidades. Em toda parte verifica-se que os resultados financeiros vão além do imaginado. De U\$ 7.000 (Sete mil dólares) que eram as entradas, com a aplicação do método, após o trabalho dos missionários do Meac, passam à média de U\$ 27.000. Sim! Vinte sete mil dólares. Evidentemente, este resultado extraordinário não teria sentido profundo se fosse simplesmente financeiro. Ele tem como consequência melhores condições para desenvolver o trabalho de evangelização que se traduz em maior participação dos brasileiros nestas comunidades. Inicialmente, comunidades com 150 a 200 participantes, nos anos seguintes, quando retornamos, encontramos mais de 1000 participantes com várias pastorais organizadas. Sem falar do apoio que estas comunidades prestam aos imigrantes, tanto material como social e espiritualmente. Testemunhos de sacerdotes e leigos são muitos, e cada vez mais confirmando que a Palavra de Deus partilhada faz surtir os devidos resultados na vida das pessoas. De cada lugar é maravilhoso receber testemunhos dos sacerdotes, manifestando seus agradecimentos, mas acima de tudo, a admiração pelas maravilhas operadas e as transformações pastorais que o dízimo provoca.

Peru

Mas o dízimo funciona só com os ricos? Claro que não. Se assim fosse, não teria funcionado e não seria um grande exemplo de partilha no Brasil.

Vamos para o outro lado, agora em Lima, no Peru. Uma Diocese pobre, muito pobre mesmo, a Diocese de Callau que tem à frente Dom Ricardo Irizar.

Vários encontros de preparação do Meac com os missionários dos Sodálitis, e todo apoio e carinho de Dom Irizar, o trabalho é iniciado com prontas respostas concretas de todo aquele povo pobre que agora sente orgulho e testemunha a alegria de participar como dizimista na Igreja, que agora vê crescer e se fortalecer. É lançado até um livro só de testemunhos das pessoas de cada Paróquia daquela Diocese. Em cada testemunho um grande louvor a Deus pelas maravilhas que cada um experimenta. Testemunha a coordenação Diocesana que “a fidelidade à metodologia foi a grande responsável pelo bom êxito da Pastoral do Dízimo em nossa diocese que agora se espalha em outras regiões do Peru”.

Moçambique

Agora foi a vez da África. Pe. José Geraldo, Orionita em Maputo, pede ajuda. O Arcebispo, Dom Francisco Chimoio, deseja o mesmo para toda a Arquidiocese. Uma delegação de sete pessoas, com Pe. José Geraldo, vem ao Brasil. Ficam entusiasmados com a ideia e, principalmente, com a filosofia do dízimo. Querem iniciar logo o trabalho que, depois de uma intensa preparação com livros, vídeos e Cd's acontece com a presença do missionário do Meac, Antoninho Tatto, durante 10 dias. Encontros com lideranças altamente motivadas, atentas a cada palavra, a cada gesto. Participação espetacular, com perguntas e observações jamais experimentadas em 24 anos de trabalhos missionários sobre o dízimo por parte dos missionários do Meac.

Da extrema pobreza surgem os mais eloquentes e emocionantes testemunhos por parte dos sacerdotes e, de modo especial, do povo.

“Agora somos felizes”. “Agora sinto orgulho de minha igreja”. “Vejo que nos afastamos de Deus, agora temos oportunidade de retornar de forma responsável”. “Jamais teria pensado no dízimo a não ser como instrumento de arrecadação, vejo agora que é o que menos conta; é uma bênção para nossa Igreja e para nós do povo”. “Acredito firmemente que o dízimo vem nos trazer pistas para a verdadeira libertação, nós que

somos escravos da pobreza e das ajudas humilhantes a que somos submetidos”.

E por aí vai. Não dá para lembrar tudo agora, mas a seu tempo teremos a oportunidade de partilhar mais trabalhos missionários sobre o dízimo por parte dos missionários do Meac.

Pe. José Geraldo nos envia os primeiros resultados, as primeiras pessoas que se inscreveram como dizimistas, nos dando contas que lá, entre os pobres dos mais pobres, o dízimo começa a dar respostas que brotam do coração generoso.

É mais uma experiência que vem confirmar a eficiência da metodologia baseada estritamente nas orientações dos nossos pastores e na eficácia da Palavra de Deus aplicada na vida das pessoas de boa vontade e desejosas de viverem a fidelidade a Deus e à Sua Igreja.

“Olá, Tatto, tudo bem? Maravilha para nós aqui. Ontem foi o dia do dízimo na nossa paróquia. Aqui foi escolhido o segundo domingo do mês para isso. Fizemos a celebração do dízimo com os cantos. A arrecadação do dízimo para mim foi surpreendente: 9.820.500,00 meticais, e o ofertório 489.500,00. Total = 10.310.000,00 meticais. O nosso plano financeiro previu 15.000.000,00 de meticais, mais ou menos. Já foram cumpridos 2/3 da meta. Já pagamos alguns bancos novos que chegaram”.
(e-Mail do Pe. José Geraldo dia 12/06/06).

“Oi Tatto, tudo bem? Eu tenho duas alegrias. Qual que você quer saber primeiro? A primeira é que D. Chimoio pagou o material na íntegra.

A segunda notícia é que neste domingo entrou mais dízimo que não havia entrado na semana anterior, (4.000.000,00Mt) Total: 13.820.000,00. Quase alcançamos a meta já no primeiro mês. Já pagamos quase todos os bancos que adquirimos. Obrigado”.
(e-Mail do Pe. José Geraldo dia 19/06/06).

Guiné-Bissau, África

Guiné-Bissau, momento especial para esta igreja particular. Guiné-Bissau é uma República, situada na Costa Ocidental da África.

Viveu uma guerra sangrenta contra o sistema colonial português que durou 11 anos, de 1963 até a data em que Portugal veio a reconhecer a sua Independência, em 10 de Setembro de 1974.

Em 19 de Junho de 1979 foi Ordenado o primeiro Bispo da Igreja Católica deste País, que veio a falecer em 1999.

Para além da Igreja Católica, existem na Guiné Bissau muitas outras Igrejas onde se fala do Dízimo com toda a normalidade, isto é, como coisa que já faz parte da vida de cada membro dessas igrejas.

A Igreja Católica da Guiné-Bissau tem hoje 3 Bispos, sendo um diocesano com um auxiliar na Diocese de Bissau e um na Diocese de Bafatá, a Leste do País, um pouco mais de 100km de Bissau – Capital.

O Dízimo que é um dado adquirido noutras Igrejas existentes, cá na Guiné-Bissau era bem desconhecido no seio dos Católicos.

Há contudo pessoas que falam tímida e esporadicamente do Dízimo entre católicos. Essas pessoas, ou são estrangeiros, vindos de países ou de outras igrejas não católicas onde o sistema do Dízimo está em vigor.

Atualmente, a Igreja Católica está crescendo em número de Bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos em geral. Aos senhores Bispos não param de chegar pedidos para abrir capelas ou mandar comunidades de religiosos ou religiosas nas diferentes e até nas mais longínquas aldeias da Guiné.

O elevado número de missionários e congregações estrangeiras existentes no País, levou um grupo de leigos (nomeadamente Dr. Francisco Aleluia Lopes Júnior, mais conhecido por Dr. Chico e sua esposa, Maria Domingas Monteiro Tavares Lopes, mais conhecida por Dona Gota, Dr. Mamadú Bangura e sua esposa, Maria Assunção Tavares Bangura, mais conhecida por Sunça, a se questionarem sobre o seguinte: Como é que poderemos suportar e manter a Igreja, as suas estruturas e os seus sacerdotes nativos, quando os missionários estrangeiros não estiverem mais aqui?

A conclusão de tal questionamento era de aquela família contribuir para comprar um veículo de transporte público

(táxi) para prover as necessidades da Igreja local e do seu clero.

A intenção era louvável, mas difícil de se tornar realidade. Estamos num País com muita carência.

Pondo-me a par da situação e refletindo juntamente com esses leigos, a nossa conclusão desembocou sobre a necessidade de implementar o sistema do Dízimo na Igreja Católica da Guiné-Bissau.

Esta nova conclusão foi bem aplaudida por todos e eu, como Padre Diocesano, tomei o engajamento de pesquisar na Bíblia, noutros documentos da Igreja e até mesmo na Internet, sobre tudo o que dizia respeito ao Dízimo.

Foi aí que descobri que o Dízimo tem fundamento Bíblico. Encontrei também na net o senhor Antoninho Tatto, do MEAC – São Paulo - Brasil, grande missionário do Dízimo, conhecido quase em todo Brasil e no mundo afora.

Pela sua generosidade, o senhor Antoninho Tatto acabou por nos enviar livros, alguns da sua própria autoria, todos falando sobre o Dízimo.

Esta descoberta e este donativo foi para nós motivo de grande regozijo. Passando palavra de boca em boca, acabei por encontrar um grupo maior de leigos com pés no chão, firmes e determinados em abraçar o projeto da Pastoral do Dízimo na Igreja Católica da Guiné Bissau.

Juntamente com o grupo desses leigos, fizemos caso, com o consentimento dos senhores bispos de Bissau e Bafatá, de convidar o MEAC na pessoa do senhor Antoninho Tatto, para vir falar aos Católicos da Guiné sobre a bondade do Dízimo na vida da Igreja e de cada cristão em particular.

O convite foi aceito; o senhor Antoninho veio à Guiné-Bissau e ficou conosco apenas sete dias, uma semana (de 25 de Junho à 02 de Julho de 2013).

Na Bíblia, sete é o número da perfeição, geralmente com ênfase espiritual.

Nesta ótica, os sete dias que o senhor Antoninho Tatto passou conosco foram excelentes e carregados de mensagens perfeitas e convincentes sobre a vantagem da implementação do sistema do Dízimo enquanto Projeto Diocesano com

finalidade de construir Comunidade e/ou levar o povo a se aproximar mais de Deus e a amá-lo nos irmãos.

Durante a sua estada na Guiné, o senhor Antoninho Tatto tinha nas mãos um calendário cheio de atividades: palestras e reuniões com diferentes movimentos da ação pastoral da Igreja Católica da Guiné-Bissau.

De todos os encontros, saía sempre da boca do senhor Antoninho Tatto a seguinte expressão:

“Dizimista consciente, não com o calor da emoção.” Apesar de tudo isto, houve pessoas, participantes destes encontros que disseram: eu serei como o senhor. Isto é, apóstolo do Dízimo; Dizimista não só convencido, mas totalmente convertido ao sistema do Dízimo enquanto sinal de fé, de obediência e gratidão a Deus de quem nos vem tudo o que temos e a quem devemos devolver com alegria parte de tudo o que Ele nos dá.

Hoje em dia, muitas pessoas, inclusive alguns missionários, se revelam como já convencidos de que o Dízimo é, na verdade, a “meta” que todas as Dioceses, Paróquias e Comunidades devem atingir. Pois, contribuir com o Dízimo é (repetindo literalmente as palavras do senhor Antoninho Tatto), um modo de participar mais ativamente na construção do Reino de Deus. Ou ainda, é o modo de mostrar que somos adultos e responsáveis diante dos problemas presentes da comunidade onde vivemos.

Estas últimas definições do Dízimo agradam a muitos guineenses e são elas que justificam a constante adesão ao Dízimo.

Em jeito de conclusão, só me resta dar graças a Deus por me ter permitido ver com meus olhos e tocar com minhas próprias mãos esta nobre Pastoral que é o Dízimo, que está transformando a consciência e a vida de muitos cristãos católicos da Guiné-Bissau.

Neste momento, estamos sendo muito solicitados para sensibilização e implementação do sistema do Dízimo em diferentes comunidades. O Dízimo está acontecendo na Guiné-Bissau como uma mais valia. Agora é que vamos ser Igreja, dizem alguns. Porque vamos poder tomar conta das

nossas coisas: nossas estruturas religiosas, nossos pobres, órfãos, viúvas, doentes... vamos poder caminhar com nossos pró-prios pés enquanto Igreja Família.

A nossa convicção é que Deus vai sempre acompanhando e abençoando esta pastoral para a maior glória do seu nome entre os homens.

Pe. António Imbombo,
1º Coordenador da Pastoral do Dízimo, Guiné Bissau

NOSSA MÃE NEGRA

Terminou em meados de fevereiro de 2017, na diocese de Cametá, PA, um congresso especial do dízimo.

Comemoravam os vinte anos de prática consciente do Dízimo naquela diocese. Contavam com a presença de Antoninho Tatto, idealizador e companheiro desse movimento evangelizador, que vem dando novo sentido à fidelidade ao dízimo dentro do catolicismo, através do MEAC, esse grupo de leigos evangelizadores do qual também faço parte. Temos algo em comum a partilhar, após tantos anos pregando sobre esse assunto.

Bem, não quero aqui aparecer como dono de uma verdade ou doutor no assunto. Não é essa a razão desta minha partilha. Mesmo porque algumas linhas não seriam suficientes para lhes narrar, com fidelidade, tudo o que nos aconteceu e vem acontecendo ao longo desses anos todos, não só no campo pessoal ou comunitário, não só na Igreja do Brasil, mas há muito extrapolando fronteiras e nos desafiando a ir em frente, sempre em frente, apesar das críticas, apesar das incompreensões, da ironia, de tudo... Pregar sobre o dízimo com coerência, sem distorções, sem rótulos disso ou daquilo, é realmente um desafio. Mas, decorridos tantos anos, nós do MEAC temos apenas uma obrigação: levantar nossos braços em louvor e dizer com humildade: obrigado, Deus, por nos ter usado dessa forma.

O que motiva, afinal, esse momento de gratidão? Aquilo que Tatto presenciou em Cametá e, instantaneamente, partilhou com o grupo através de nossa rede de comunicações internas. Quatro fotos! Ao fundo a estação Tucumã de Cametá. No centro, dezenas de jovens enfileirados, seguindo um manto vermelho a lembrar uma artéria do coração humano – aquela que irriga, bombeia e devolve o precioso líquido da vida. Tudo bem representativo ao lembrar o coração da partilha que hoje representa essa pastoral nas igrejas onde dízimo se tornou uma prática sadia e libertária, mas que nos assusta ao deparar com a figura de uma jovem à frente dessa procissão. Bela e sorridente, ela se veste totalmente de negro. E a legenda do

Tatto conclama: “Vejam aí, retratando Nossa Senhora do Dízimo”. Então me dei conta de algo: a negritude do manto de Maria: “Meu Deus, você é totalmente negra! O que isso quer dizer?”

Pois é, Fonseca. Veja aonde sua santinha já chegou! Para quem desconhece mais esse título de Maria, explico rapidamente:

Em trabalho de animação do dízimo em Moçambique, Fonseca e Bruno, dois outros dos nossos, encantaram-se com a imagem negra da Mãe, esculpida em madeira nobre e típica daquele continente, o ébano. De cor negra e extremamente maciça, a imagem foi doada aos nossos missionários, que a batizaram imediatamente como Nossa Senhora do Dízimo. Passou a acompanhar as pregações do Fonseca e logo recebeu permissão de D. Fernando Figueiredo, então bispo de Santo Amaro e orientador do Meac, para ser invocada sob o título sugerido. São muitos os milagres atribuídos a essa invocação, mas esse assunto focaremos noutra oportunidade.

Por enquanto, fica o eco de minha exclamação diante da alegria que aquelas fotos proporcionaram a todos nós. “Meu Deus, você é negra”. A mesma constatação do autor de **Deus Negro**, outro dos nossos. A constatação mais que natural daqueles que conhecem o milagre das cores, o disco de Newton às avessas... A mistura de tons e raças, a soma de todas as cores, a mistura dessas, que resultará na luz total, na pureza e alvura de Maria. Sim, a soma de todas as cores e raças, a mistura dessas, resultará sempre no inverso do que vemos, a pureza de Maria, o anonimato desta ao ordenar que seguíssemos apenas os ensinamentos do seu filho, que fizéssemos o que Ele nos mandasse, resultava agora no encanto do ébano talhado por um anônimo do povo: Nossa Senhora do Dízimo.

Apenas e tão somente para nos dizer, hoje: O Dízimo é a soma de tudo o que temos e somos, que se coloca anonimamente num recipiente comum: a comunidade. Esta lhe devolverá as cores iniciais, através de ações concretas nas dimensões comunitária, social, profética e missionária dos nossos dízimos.

Wagner Pedro Menezes

MARAVILHOSAS EXPERIÊNCIAS DO DÍZIMO 2022 CELEBRANDO 50 ANOS DE HISTÓRIA DO MEAC

Quantas histórias nestes 50 anos de caminhada! Cada missionário tem a sua. Cada um viveu momentos extraordinários, experiências que jamais serão esquecidas.

As manifestações de carinho e reconhecimento de Bispos, Padres e leigos, líderes de comunidades, mostram que valeu a pena a iniciativa lá atrás, quando “ninguém ousaria pensar em formar um grupo de leigos para sair evangelizando de cidade em cidade, sendo que só mais tarde, bem mais tarde, a Igreja incentivaria iniciativas semelhantes”, como nos dizia um bispo.

Dentro desta caminhada, um destaque para a “Pastoral do Dízimo”, iniciada em 1982. Quarenta anos de experiência em mais de 4.500 paróquias no Brasil, centenas de comunidades em diversos países, trazendo de volta à Igreja a mais genuína forma de contribuição das famílias para participar efetivamente do projeto de Evangelização da Igreja.

A inspiração para esta retomada do dízimo nasceu dentro da Igreja, com nossos bispos sensibilizados com as lutas de cada padre em suas paróquias preocupados em fazer o melhor trabalho, com as menores possibilidades, com os mais escassos recursos. As contribuições espontâneas e as taxas sugeridas por ocasiões especiais como casamentos, batizados e outros serviços solicitados à Igreja não correspondiam às reais necessidades, na maioria das paróquias. Em algumas, ainda assim é até hoje. Os bispos indicam o caminho, dão as diretrizes para fazer do dízimo um ato de Amor a Deus. E é lá, em 1982, mês de abril, que o Espírito sopra dentro do Meac, acontece a experiência do dízimo, aos poucos toma corpo e se espalha pelas comunidades, completando 40 anos de história com respostas definitivas para o coração dos que buscam sinceramente manifestar sua gratidão a Deus. Na conscientização feita em cada comunidade, cada pessoa descobre a forma e sente o momento de viver a experiência de contribuir com seu “dízimo”, o que, com sinceridade e generosidade, decide entregar na Igreja onde participa e é

alimentado espiritualmente. Como aconteceu com o Sérgio. Homem correto, gerente de banco dedicado, sempre pautado pelos princípios do trabalho honesto. Por causa disto, os bons resultados em seu trabalho incomodam, e talvez a inveja tenha sido a causa de sua demissão. Ele não se incomoda, apesar da grande preocupação da esposa. Meses antes tinha estado em visita ao Santíssimo Sacramento lá, no Sacrário daquela Igreja histórica. Ajoelhado rezando, dá-se conta da precariedade dos bancos da velha igreja. Em seu coração vem a cobrança, como poderia esta igreja ter bancos bons, estar mais bem conservada se nós os católicos não contribuimos? Começou dando seu dízimo generoso. Agora, apenas alguns meses depois desta bela iniciativa, que trouxe paz a seu coração e alegria na sua vida, a experiência inesperada e fatal do desemprego com todas as consequências da idade e a dificuldade de oportunidades de novos empregos. Aparece a oportunidade de comprar um barco, viver do turismo, vocação do lugar. Lança mão de todos os recursos da indenização, começa do zero e vai refazendo de forma extraordinária, sua vida, ganhando muito mais agora e com muito mais prazer. Mas por pouco tempo. Uma tempestade na noite e seu barco é arremessado sobre as rochas não sobrando nada. Sem reservas financeiras, agora só restava a certeza de que sempre poderia começar de novo. Mas seu compromisso assumido naquele dia, na intimidade, ele com sua consciência diante de Deus, deste não abriria mão; lá estava ele todo mês com seu “dízimo”. E agora, alguns anos depois, ele está me contado sua história de sucesso, dando testemunho de sua fidelidade a Deus.

“Quando vi meu barco todo espatifado nas rochas pensei, agora está tudo acabado. Mas logo me veio à mente que Deus sempre pode estar nos mostrando outro caminho, outra solução que só vamos enxergar se mudarmos a direção do nosso olhar. Precisava continuar, mas como? Um amigo soube do acontecido e me disse que procurasse a Caixa Econômica. Impossível com minha ficha, eu jamais aprovaria, como gerente de banco, uma ficha igual à minha, mas nem para comprar uma lancha, quanto mais um barco. Mas fui e

pedi um grande empréstimo, para um barco muito maior e melhor. Aprovada a ficha sem nenhuma restrição. Inacreditável! Comprei o barco que hoje você conheceu, faço o trabalho como você viu, com minha esposa, com meus amigos e dos resultados você agora é testemunha. Eu tenho certeza que sempre fui conduzido pelo amor de Deus. Como posso não manifestar minha gratidão dando pelo menos um pouco de tudo na minha Igreja? O dízimo mudou tudo na minha vida”. Pe. Glênio que já tinha me falado sobre o assunto, estava conosco naquele jantar maravilhoso, e ouvia tudo com ar exultante de alegria pela vida bonita do Sérgio e Marlene.

É apenas mais um testemunho dos milhares que ouvimos nesta nossa caminhada. O dízimo não é um negócio com Deus, é um negócio de Deus, é uma coisa de Deus, querida por Deus, para nos levar a Deus.

Lá em Fernando de Noronha, a cada dia, Pe. Glênio está diante do desafio de evangelizar sem os recursos necessários para aquela realidade. Mas não deixa de fazer o que é possível, sem se lamentar, dando testemunho apenas, contando com Sérgio, Marlene, Cida e tantos outros que já entenderam que toda aquela exuberante beleza natural é infinitamente inferior à beleza interior que nasce da gratidão de cada coração com seu Deus, que tudo criou.

Aquelas missas rezadas a cada dia às 18hs, lá no alto do morro, na pequena capela de São Pedro, com os turistas que por acaso passam por lá, percebem o movimento, e são logo convidados a participar, ou por pessoas que nos passeios ouviram falar do padre surfista que “celebra uma Missa linda” e vão para conferir, e acabam vivendo uma emoção pessoal como eu e Fernanda vivemos. Pe. Glênio pede para olharmos para o sol se pondo, lindo sol, beijando o mar infinito. Diz: “impossível não agradecer a Deus, não reconhecer Seu poder e grande amor por nós. Cada um faça seu ato de louvor e agradecimento. E agora, o que cada um de vocês quer celebrar nesta hora?” Coisas lindas são ouvidas. O ambiente propicia a voos nas alturas, ao encontro com o criador agradecendo a vida, a oportunidade de estar ali e testemunhar tantas belezas jamais vistas. Permite ainda a cada um descer ao mais

profundo do seu íntimo e arrancar de lá qualquer resquício de mágoa ou questão mal resolvida e concluir que não vale a pena alimentar tais sentimentos, pois o Deus da vida nos quer felizes. Agradecimentos, só agradecimentos e celebrações é o que se ouve. No final, uma certeza, sem aquele momento, aquela missa, seria como conhecer uma belíssima obra de arte sem saber quem fora o autor.

O dízimo na Igreja é para isso, para que em cada lugar haja alguém dedicado para manifestar o amor e a vontade de Deus para todos. O dízimo é para dar oportunidade para cada pessoa viver o intenso amor de Deus em qualquer parte, em qualquer circunstância, na família, no trabalho, a passeio, nos momentos tristes e nas alegrias. Fica o exemplo: assim como fizeram Sérgio e Marlene, sem ninguém pedir, olhe para as necessidades de sua comunidade.

O Meac, depois de 50 anos, continua com esta proposta porque descobre, a cada ano, que o dízimo continua sendo assunto que incomoda. Incomoda a Igreja quando mal entendido; pode atrapalhar sua missão que é evangelizar, dando a impressão de que está interessada em bens materiais, poder e ostentação. Mas incomoda também aos fiéis, que ficam com a sensação de estarem sendo enganados por uma Igreja que “exige” deles o que não deve. No entanto, a Igreja quer orientar seus fiéis para que tenham plena certeza e consciência tranquila por manifestarem amor e gratidão a Deus, ajudando a instituição querida por Deus, para levar cada pessoa a conhecê-lo e ser salva.

Antoninho Tatto

A PALAVRA DE DEUS NO LIXO

Até no lixo ela faz efeito. Se você tem dúvidas, leia até o fim

Em 1982 a Editora O Recado publicava, pela primeira vez, o livro **Dízimo e Oferta na Comunidade**. Seu autor, um administrador de empresas e missionário leigo, tornava pública sua preocupação com a prática do dízimo, que até então era entendida apenas no seu aspecto financeiro, “para sustentar as obras da Igreja”. Mas sobre a possibilidade de uma “experiência com Deus” pouco se falava ou quase inexistiam testemunhos convincentes. Antoninho Tatto resolveu viver essa experiência e testemunhá-la, através de livros e palestras. Até aqui, nada de tão extraordinário, não fosse a grande aceitação que suas palavras e escritos provocaram no seio da comunidade católica. Um ano depois o grupo missionário se unia em torno desse desafio (até eu, então postulante do grupo) e começávamos aqui uma grande maratona de pregações sobre o assunto.

Cinco anos apenas já eram 80 mil exemplares distribuídos, quando se publicou um complemento com o título **Dízimo: Expressão forte de Comunidade**. Comentei em suas páginas internas: “Este é um trabalho do qual não nos esqueceremos com facilidade. Principalmente porque nos induz a um compromisso pessoal”. Seria mesmo? Pois vejam alguns exemplos.

Pregando um dia na cidade de Ibirarema, SP, uma senhora, humildemente trajada, fez questão de uma conversa comigo. Nesta, narrava sua vida sofrida e sua luta para sobreviver, vendendo coxinhas de porta em porta. Naquele dia tinha compreendido que algo lhe faltava: a prática do dízimo. “De hoje em diante vou separar meu dízimo de tudo aquilo que eu vender”, afirmou. Meses depois, escreveu-me uma carta testemunho, dizendo de suas conquistas, até de seu casamento na Igreja (um sonho que sempre tive, dizia ela), que saía da quase mendicância para uma vida menos atribulada. Ainda vendendo coxinhas, mas agora só por encomendas para festas. E sempre separando sua décima parte como dízimo de gratidão.

São os pequeninos do Reino nossos melhores mestres. Senão, vejamos: Em agosto de 2009, Leonardo Francisco Ramos, de Angra dos Reis, escreveu-nos um testemunho de arrepiar. “Trabalho na Coleta de Lixo de minha cidade há sete anos. Achei este livro (Dízimo e Oferta...) quando passava recolhendo o lixo da Igreja Católica”. (Ah, quanto lixo, não é? – mas, apartes fora, continuemos). “Levei pra casa e comecei a ler. Em quatro dias terminei e achei muito interessante”. Parou nisso? Claro que não.

Leonardo continua: “Passei a ser dizimista fiel há quatro anos e tive a experiência de prosperar”. Seu longo testemunho passa por várias etapas, desde a constatação de que antes o dinheiro não sobrava, mas depois... Acordo trabalhista inesperado, controle melhor das finanças, momentos de muitas conquistas e algumas dificuldades, superação e até insegurança. “Eu assumi ser fiel e não fui... Hoje percebo o quanto é importante ser fiel à palavra de Deus e resolvi tentar de novo, não porque é uma obrigação para mim e sim uma escolha que fiz”. Uma escolha que fiz... O dízimo consciente, noutras palavras. Tem plena consciência de que aquele amontoado de papéis impressos, achados no lixo, determinaram sua mudança de vida.

Esse livrinho simples, já traduzido para o Inglês, Espanhol, línguas nativas da África e outras, no Brasil já superou a marca de três milhões de exemplares. Isso mesmo, três milhões! Um best-seller do catolicismo, que a mídia desconhece, mas o coração sensível dum simples coletor de lixo soube valorizar. Leonardo concluiu seu testemunho com uma oração: “Abençoe, Senhor, os missionários do MEAC, dê sabedoria a cada um deles. A tua palavra diz: “Quem pede, recebe”. Que os corações dos seres humanos se abram para a obra de Deus, assim como o meu se abriu...”

(Testemunho comprovado por Frei Alonso e Edmilson, da Paróquia N. Sra. Do Carmo, de Angra dos Reis, RJ; carta original, manuscrita, e guardada no Meac como relíquia preciosa).

Wagner Pedro Menezes

RESPONSABILIDADE MISSIONÁRIA DE TODO BATIZADO (Inspirado no livro *Missões*, Pe. Fabiano Kachel-SVD)

O Papa Leão XIII, século 19, já alertava que a Igreja não pode ter fronteiras. Uma Igreja missionária, obra do Espírito Santo com a colaboração dos homens. Cada cristão deve ser missionário. Cada um deve dar e pedir. Dar cada um conforme pode, sem constrangimento, com alegria, com generosidade. Ao mesmo tempo, deve pedir conforme acredita. Ligar-se a um grupo missionário é a forma mais prática e segura para realizar a missão. O missionário deve sentir o peso do clamor dos que têm fome e sede da Palavra e, ao mesmo tempo, o pesar por tantos que desconhecem o amor de Deus. São milhões os que não creem em pleno século 21. Depois de dois séculos, desde as exortações de Leão XIII, parece que só o mundo andou e a missão ficou para trás. Na verdade, a humanidade se multiplica, a Igreja se empenha, os missionários atuam, mas as diferenças aumentam. Falta mais empenho de mais gente. É preciso desenvolver um trabalho de despertar novas consciências missionárias para a demanda sempre crescente. Em 1919 era um bilhão o número dos pagãos. Em 2015 são mais de quatro bilhões. Isto deve nos assustar. Onde vamos parar?

O Papa Bento XVI aponta caminhos para o desnível missionário diante do grave problema de um mundo sem Deus.

Primeiro pedir as bênçãos de Deus, sem as quais não se alcançam resultados necessários. Não abrir mão da presença do Espírito Santo, como orienta São Paulo em 2Tes 2, 13.

Segundo, olhar para o sofrimento dos missionários. Não basta admirar e louvar seus trabalhos, é preciso ajudá-los em suas necessidades. Missionário cansado, doente, pouco motivado é responsabilidade de todos. Com isso o Papa indica o **Terceiro** ponto, que é a generosidade que deve mover cada cristão, cada qual segundo suas possibilidades.

O Papa Pio XII, diante dos desafios da guerra que aterrorizava o mundo, vê nas missões a possibilidade de melhores dias, uma vez que os homens precisam ser exortados para a

fraternidade e entendimentos mútuos. Ele estimula para o testemunho da fé e da gratidão. São dons divinos capazes de transformar os corações. Insiste no tripé: oração, caridade e vocações.

Oração: Suplicar sem cessar a Deus pela conversão do mundo, das almas em permanente angústia.

Caridade: Se as orações são sinceras, as obras acompanham. A ajuda material é um sinal forte de comunhão cristã. Ajudar aqueles que estão na linha de frente, no compromisso direto da evangelização.

Vocações: Ajudar aquela pessoa que se sente chamada ao trabalho missionário para que possa aperfeiçoar-se e se sinta apoiada para ir ao encontro da necessidade de propagar a fé com o seu testemunho e a palavra.

O Papa São João XXIII coloca na linha da ação evangelizadora todos os cristãos. Para isso, pede que haja formação, não só dos consagrados, mas também os leigos. “Todo cristão deve estar convicto do seu dever fundamental e primordial, o de ser testemunha da verdade em que crê e da graça que o transformou”. Coloco aqui nossa situação de missionários leigos do Meac, que tivemos nossas vidas transformadas pela Palavra de Deus que nos foi pregada. Nosso testemunho deve agora impregnar e tocar outras gentes para que vivam a mesma experiência. O Papa lembra que, se nosso testemunho fosse pra valer, não seriam necessárias palavras. Chega a dizer que se nos comportássemos como cristãos, não haveria mais pagãos. Quando olhamos ao nosso redor, nas nossas casas, no trabalho, na comunidade e no mundo que frequentamos e vemos tantas coisas erradas, tantos desvios de conduta e tão pouco caso pela fé e pelas coisas de Deus, devemos olhar para nosso comportamento. Quanto precisamos mudar! Quanto precisamos crescer na fé a ponto de testemunhar tão fortemente que seremos capazes de atrair por “osmose”, como fala o Papa Francisco. Devemos nos convencer de que temos responsabilidade com o mundo. Por isso devemos conhecer a realidade ouvindo os clamores daqueles que precisam de ajuda. O Papa São João Paulo II seguiu na mesma linha de olharmos para a triste realidade de um mundo secu-

larizado que precisa do testemunho dos que creem e, de modo especial, da oração confiante e da oferta, bem como o do próprio sofrimento. Foi na cruz que Jesus levou a cabo Seu projeto de salvação da humanidade. Se não testemunharmos este fato, como haverá salvação daqueles que desconhecem tal doação? Além do testemunho pela oração e o sacrifício, a ajuda material deve chegar aonde os missionários doam suas vidas. Sempre haverá cooperadores com as missões onde houver bons testemunhos de missionários.

Antoninho Tatto

DEPOIMENTOS

“Caro Antoninho e companheiros do MEAC. Graças e Paz no Senhor Jesus!

Em silêncio e preces tenho acompanhado a sua peregrinação no testemunho e no serviço do Evangelho.

Neste início de ano e de um tempo novo, com palavra amiga e fraterna, desejo estar presente nas dores e alegrias do seu caminho.

Caros companheiros e “irmão muito querido”, nossa vida cristã, pessoal ou comunitária, é sempre pascal. Onde se vive a Fé, a Páscoa é celebrada:

- pão abençoado e o vinho bebido entre companheiros e amigos;
- cansaço e medo, solidão e angústia nas noites da missão;
- esmagamento da vida entregue para que todos tenham vida, sempre mais vida;
- silêncio na Terra abraçando a semente;
- a esperança vencendo as grandes razões da descrença, da traição, da omissão e do cinismo;
- e, Festa da Vida comemorando a derrota das forças do Nada!”

Os horizontes da Fé são mais amplos que a agitação de um dia. No dom do Batismo, continuem caminhando a serviço do Reino, acreditando sempre na Força da Vida e nos companheiros das veredas e estradas que serão transformadas em grande Caminho.

“Não tenham medo, rebanho pequenino”. Ele está sempre presente no irmão caindo e levantando na peregrinação da vida.

Com sua oração e fraternidade, serei mais forte nas dores e alegrias da minha jornada, sonhando com o grande e definitivo dia em que para sempre reinará a vida.

No abraço da esperança, desejo-lhes todo bem no Senhor da Vida.

Dom Mauro Morelli

1º Bispo da Igreja Católica

em Duque de Caxias e São João do Meriti - RJ

PS: O “irmão muito querido” é uma referência ao Antoninho Tatto, companheiro fiel e amigo sempre presente nos seis anos e meio de minhas andanças a serviço do Reino na Região Sul da Arquidiocese de São Paulo.

Na ocasião da preparação do Jubileu Áureo do MEAC

Com a celebração do Concílio Ecumênico Vaticano II, ocorreu na Igreja Católica aquilo que, à época, se denominou como “aggiornamento”, quer dizer, uma atualização com vistas a que a Igreja pudesse anunciar o Evangelho, com melhor desempenho e eficácia. E, dentre as realidades que já não mais respondiam aos anseios da modernidade que se impunha, encontrava-se o regime beneficencial, sobre o qual se asentavam as bases do sustento do trabalho evangelizador que, então, se realizava. No regime beneficencial, a massa de bens à disposição da pessoa jurídica paróquia, supria as necessidades de sustento do culto e de seus ministros. Contudo, com a supressão do regime beneficencial, importava que a comunidade eclesial buscasse novos meios de prover aos custos que a evangelização exige para ser levada a cumprimento.

A aplicação das decisões do Concílio Vaticano II pela Igreja no Brasil, trouxe consigo a tomada de decisões ousadas por parte dos nossos bispos, reunidos em sua Conferência Episcopal, no caso, a CNBB. Aos poucos, as comunidades eclesiais foram se apercebendo da necessidade de eliminação de Estipêndios e Taxas, e um retorno ao modo como os textos bíblicos trabalhavam com a manutenção e subsistência “das coisas do Senhor”. Assim, se procedeu ao retorno à intuição bíblica do dízimo, compreendido a partir do apelo do apóstolo Paulo a que, na comunidade dos crentes, cada fiel deve “dar segundo a generosidade do seu coração”. Por isso, a comunidade foi se conscientizando de que a retribuição do dízimo não tem caráter meramente monetário, de acumular recursos para se prover a um fundo, senão que, os fins que o justificam são todos de cunho evangelizador, nas dimensões que

comportam as opções eclesiais, quais sejam, a eclesial, social, religiosa e missionária.

As lideranças eclesiais se deram conta das novas exigências e da resposta à qual a implantação do dízimo responderia eficazmente; porém, restava ainda a conscientização da imensa maioria dos que compunham as comunidades de fiéis. Um trabalho lento e paciente começou então a ser realizado. Mas, ainda hoje, grande parte das paróquias no Brasil não possui esta prática implementada, embora esteja em franca expansão pela ação das pastorais do dízimo, pois se trata de procurar “atender às necessidades materiais da Igreja, cada qual segundo as próprias possibilidades”.

Dentre as iniciativas para a conscientização das comunidades paroquiais, no intuito de animação da pastoral do dízimo, ou de implantação nos locais onde esta era inexistente, é que temos também o MEAC – Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades. Trata-se de uma associação de caráter laical, com sede na cidade de São Paulo (SP), e que, como informa sua própria denominação, tem como objetivo a evangelização e a animação das comunidades católicas em todo o Brasil. E mesmo fora do Brasil, já que conta com grupos em Guiné-Bissau e Moçambique, ambos situados no continente africano.

O MEAC foi fundado em 1972, e pretende, em 2022, comemorar suas bodas de ouro de serviços prestados às Dioceses e Paróquias, seja no Brasil, seja nos pontos de missão **ad gentes** supramencionados. Enquanto beneficiário do trabalho evangelizador do MEAC nas paróquias por onde passei e atuei como Pároco, sou muito grato, sobretudo, ao missionário Sr. Fonseca, que há tantos anos labuta aqui pela região centro-oeste.

Parabéns MEAC! Obrigado Sr. Fonseca!

E, vamos em frente... muitos outros trabalhos de implementação ou de animação das pastorais paroquiais do dízimo pelas paróquias deste generoso Brasil os aguardam.

Brasília, 09 de abril de 2019.

Dom Valdir Mamede

Bispo auxiliar de Brasília – DF

UMA INESQUECÍVEL RECORDAÇÃO

Pe. Jerônimo Gasques

Era o final do ano de 1983. Voltava de um trabalho pastoral com a juventude e retornava à minha diocese de Presidente Prudente. Era momento de começar algo novo em meu ministério. Assumia uma vasta região do oeste da cidade. Tudo para fazer e sem as mínimas condições econômicas para iniciar o trabalho de pastoral e para suprir algumas dificuldades iniciais.

Já conhecia um pouco sobre a experiência do dízimo, mas tudo era uma iniciação e com poucas perspectivas, pois estávamos iniciando algo que poucos conheciam ou a que não davam atenção.

Reuni o conselho de pastoral para buscar luzes naquele fundo de poço onde estava mergulhado, em busca de claridade. As opções, naquele tempo, eram as festas, as quermesses e algumas promoções que mal supriam as pequenas dificuldades da população. Tudo estava para ser feito. Não adiantava ter pressa, pois o povo também não tinha como oferecer algo diferente.

Tive a ousadia de falar sobre o dízimo e me monitorei dos trabalhos que tinha à disposição: livros, DVDs e alguns cartazes oferecidos pelo MEAC. Era o que existia naquela época. Parecia pouco, mas era suficiente. Alguns duvidaram do sucesso ou eficácia pastoral. Confiamos na proposta daqueles livros que eram nossa '*bíblia*' de estudo naquele tempo.

Os materiais do MEAC foram uma luz benfazeja para aquele momento inicial. Começamos a estudar e a conhecer os materiais; surgiram os encontros de formação, de espiritualidade, de catequese, os grupos de leituras, os retiros, reuniões de instrução e, aos poucos, fomos implantando a experiência do dízimo nas onze comunidades.

[Os livros de A. Tatto foram: **Dízimo e Oferta na Comunidade e Dízimo, Expressão Forte de Comunidade** e a fita de vídeo **Dízimo e Oferta na Comunidade**)

Houve aquele tempo de conscientização e o perigo de se falar do dízimo que, para a maioria, era uma novidade. Alguns

já faziam a experiência e isso tornou a realidade mais amena. Aos poucos, as pessoas foram aderindo ao dízimo. Os livros e os DVDs eram inspiradores para todos os grupos. O trabalho era grande e tínhamos em frente a construção de capelas, da matriz, do centro social, das salas para a catequese e reuniões etc.

Inspirados nas informações do MEAC, começamos por aplicar aqueles conselhos bíblicos e a retomar os testemunhos de dizimistas comprometidos com a comunidade. De início, alguns duvidaram da eficácia do dízimo, outros resistiram enquanto puderam, mas a maioria aderiu à nova experiência. O povo já estava cansado de fazer quermesses, e com poucos resultados pastorais e econômicos; tudo parecia em vão e as coisas não caminhavam.

O dízimo veio abrir aquele 'mar vermelho' que se encontrava caudaloso e fechado ao mesmo tempo. Começaram os afazeres, os trabalhos em mutirão com os grupos. A comunidade foi dividida em pequenos grupos aos quais chamávamos de grupo de base. Aos poucos foi surgindo a pastoral do dízimo, a pastoral social; a pastoral da mulher; naquele tempo foi uma bela luz para dar incentivo às mulheres da comunidade.

A nossa paróquia era dedicada a São Francisco e aproveitamos da deixa franciscana para implantar, naquela região, uma experiência de simplicidade franciscana e o carisma da fraternidade. Criamos a pastoral da ecologia e começamos a divulgar esse trabalho na região.

Tudo crescia de forma admirável. Parecia um milagre a cada dia. Não se fazia menção das dificuldades, mas tínhamos a certeza de que estávamos no caminho certo. Mais tarde convocamos o MEAC para vir nos ajudar na reflexão; estive conosco o Wagner, da cidade de Assis, e foi um momento abençoado com a sua presença e experiência que nos uniram nas realizações.

Começamos a nos inspirar em alguns escritos. A própria comunidade fazia seus materiais para o mês de junho, dedicado como 'mês do dízimo'. Os setores assumiram de tal forma a experiência, que em um ano já tínhamos tudo organi-

zado e com frutos a saltar aos olhos. Começaram as construções, uma atrás da outra.

No ano de 1994 publico meu primeiro livro sobre o dízimo, na Editora O Recado; e daí a uns anos já estava junto com os missionários do MEAC refletindo e participando com eles em algumas assembleias. Eles foram meus companheiros de jornada decimal nestas décadas todas. Fizemos inúmeros trabalhos juntos; compartilhamos de muitas histórias de vida e de ideias revolucionárias no campo da experiência do dízimo. Com o MEAC, e outros, produzimos o primeiro documento junto à CNBB (Doc. 106). Foi um sucesso e algo ilustrativo como reconhecimento por esse trabalho profícuo e específico. O MEAC instruiu e iniciou centenas de dioceses na experiência do dízimo.

Trouxe, para o campo de missão, a tarefa de equilibrar as finanças das comunidades. Não inventaram uma ‘teoria’ sobre o dízimo, mas buscava-se na Palavra a fonte, e beberam daquela água impoluta. Algo fora do comum, se não fosse a graça de Deus infusa naqueles homens e mulheres de Deus; cortaram o Brasil e avançaram para o exterior no sentido de anunciar uma boa nova de esperança às Igrejas. Certamente, avalio que houve bastantes sofrimentos!

O dízimo foi e continuará sendo uma experiência a que sempre haveremos de dar continuidade. A Igreja, no Brasil, tem muito a agradecer a esses missionários leigos que se tornaram baluartes e sentinelas da experiência.

O MEAC também inspirou inúmeros pregadores a divulgar essa experiência. Eles foram a primeira ‘escola missionária’ brasileira campeã nessa tarefa da divulgação do dízimo. Acredito que o seu entusiasmo estava na Palavra de Deus que nunca lhes faltou em força e graça.

Contribuíram, com a Editora O Recado, para a publicação de livros que traziam indicações preciosas aos seus leitores. A minha comunidade tem bebido dessa água pura e de uma encosta que nasceu daquele pequeno grupo entusiasmado de leigos dispostos a fazer do dízimo uma missão. Foram extraordinários na percepção e inauditos no acontecimento.

De todas as admirações fica, por final, a intuição bíblica que eles sempre tiveram em mente; sempre em consonância com a Igreja e na trilha do seu caminhar. Não inventaram um ‘movimento’ para se locupletarem de benesses, mas sacrificaram suas famílias nessa missão. Só posso dizer que são e serão sempre abençoados. Obrigado, muito obrigado.

Como diz a Palavra: “Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos” (Provérbios 16,3).

Amigos para sempre

A minha palavra é um testemunho diante do serviço do Meac. Talvez eu represente todos os padres, enquanto os meus sentimentos são os mesmos dos demais, que acreditam no Meac. As consequências desse “namoro” começam depois que chegaram às minhas mãos alguns dos livros do Meac. Logo surgiram pessoas interessadas, que ensaiaram na Paróquia de Pau dos Ferros – RN, uma equipe do dízimo. Inscreveram-se como colaboradores. Para nós, o Meac era Antoninho Tatto. Tínhamos aquela ansiedade de conhecê-lo. Para nossa comunidade o trabalho do Meac foi uma novidade, que renovou, semeou sentimentos novos, de pertença e responsabilidade. Não ficaram apenas na pastoral do Dízimo, mas em todas as pastorais. A paróquia tomou uma feição nova, com certa tranquilidade e segurança. Daí para frente não parou mais. O trabalho está sempre crescendo. Diante de nossa experiência, outras se entusiasmaram, até a própria sede da diocese, que resolveram, todas as cinco, implantar o dízimo, quando então conhecemos outros missionários do Meac. Aquela imagem do Toninho apenas tomou outra dimensão. Conclusão: o Meac nasceu pela ação do Espírito. Mesmo com todas as limitações humanas, Deus delas se serve para impulsionar todas as ações do Reino. O Meac está hoje na Igreja do Brasil como resposta a esse grande desafio. Quatro mil cidades visitadas nos levam a uma responsabilidade de reconhecimento. Quero expressar o sentimento da Igreja do Nordeste, de gratidão ao Meac.

Pe. Luiz Sampaio do Rego - Pau dos Ferros - RN

MEAC, UMA BÊNÇÃO PARA A IGREJA NO BRASIL

Nos meados dos anos 1980 ouvi falar de um tal de MEAC. De início julguei que se tratava de uma Congregação Religiosa. Depois fui informado que se tratava de um grupo de leigos que se dedicava a anunciar o Evangelho. Surpreendi-me porque, mesmo tendo passado muitos anos do Concílio Vaticano II, era raro encontrar um grupo de leigos dedicado à evangelização. Mais admirado ainda fiquei por eles pregarem sobre o dízimo. Pensei: “Mas que gente corajosa! Nem os padres falam deste assunto”.

Foi então que, tendo Dom Frederico Helmell, nosso primeiro bispo diocesano, tornado-se emérito, foi-nos dado como pastor Dom Albano Cavallin, até então bispo auxiliar de Curitiba. Assim que tomou posse, chamou-me para assumir a Coordenação Diocesana de Pastoral. E um dia me disse: “Encontre o número do telefone do Antoninho Tatto, do MEAC, e o convide para vir aqui falar sobre dízimo em nossa próxima Assembleia Diocesana”. E assim se deu.

A presença do Tatto, e de outros missionários do MEAC, foi uma bênção para a nossa Diocese, que até então sobrevivia apenas de taxas, espórtulas e festas. Ficamos encantados com a tranquilidade e a coerência com que os missionários do MEAC falavam sobre o dízimo e seu lugar na Igreja. Assumimos de imediato o compromisso de dar os primeiros passos, e eles, prontamente, se dispuseram a nos assessorar.

Foi uma longa caminhada, que continua até o presente momento. Com eles aprendemos a ser dizimistas e, hoje, todas as nossas 47 paróquias, com mais de mil comunidades, continuam sendo dizimistas. Tudo começou com aquele telefonema.

Depois disso, tivemos uma convivência produtiva, uma amizade que com os anos ganhou em profundidade e partilha na caminhada da Pastoral do Dízimo nas Igrejas particulares do Brasil. Sinto-me honrado de conhecer o MEAC, e agradeço constantemente a Deus por tê-lo posto em nossa história diocesana.

Elenco, a seguir, algumas características que, neste tempo de celebração, é importante ressaltar, para melhor dar graças a Deus pelo MEAC.

1. Testemunho

Os membros do MEAC vivem o que anunciam, o que os torna, de imediato, credíveis. Não estou afirmando que são perfeitos; ninguém de nós o é. Contudo, eles buscam ser o que ensinam. Podem falar sobre o dízimo de cátedra, pois todos são, desde que começaram o MEAC, dizimistas.

2. Missionários

Estão, desde a origem, em saída. Sempre estiveram em conformidade com o Concílio Vaticano II, que pediu uma Igreja que busque as pessoas e não fique passivamente as esperando. O MEAC está, hoje, caminhando plenamente em comunhão com a CNBB e o Papa Francisco, indo para onde as ovelhas estão. Muitos missionários, em todo o Brasil, foram formados pelo MEAC ou nele se inspiraram.

3. Entusiasmo

Ao conhecer o MEAC, ficamos admirados com o ânimo com que se dispõem a servir as dioceses e paróquias. Enfrentam as estradas mais hostis, e até a ausência delas. Pode-se dizer, sem exagerar, que percorreram todo o Brasil e assessoraram dioceses por muito anos, prestando-lhes um serviço inestimável.

4. Dedicção

Há os que fazem suas atividades apenas como profissionais, o que não é pouco. O MEAC, contudo, sempre demonstrou ter uma vocação, no sentido de chamado, e a ela é fiel até hoje. Seus missionários não representam ser o que é o MEAC, mas são o próprio MEAC. Por isso, o serviço que prestam é sempre o de entrega a Cristo e àqueles que os convidam como missionários da sua Igreja.

5. Espiritualidade

Ao conhecer os missionários do MEAC, logo se percebe que não são pessoas que têm apenas a cabeça cheia de ideias e ideais, mas que também têm o coração ancorado em Jesus Cristo. São pessoas de oração, de missa, dentro do possível, diária. É da Eucaristia e da Palavra que o MEAC tira sua força

evangelizadora, motivo pelo qual anunciam Jesus com convicção pois, antes de falar Dele, falam e vivem intimamente com Ele.

6. Segurança

Os missionários do MEAC não são franco atiradores. Eles argumentam com base em estudos, especialmente dos documentos da CNBB e, é claro, da Sagrada Escritura. A Diocese ou Paróquia que os recebe pode ficar tranquila, segura de que as orientações que eles propõem têm lastro no que anuncia a Igreja.

7. Têm família e formam famílias na fé

Nós, sacerdotes, temos todo o nosso tempo à disposição para a missão que assumimos. Os membros do MEAC, contudo, têm família, e ela se torna coevangelizadora, inclusive sacrificando-se com a ausência dos pais. Podemos afirmar, sem exagerar, que as famílias dos missionários do MEAC são autenticamente famílias evangelizadoras, que formam as famílias na fé, isto é, as comunidades por elas missionadas. São famílias de sangue dedicadas a famílias na fé.

A lista poderia continuar, mas creio que não devo me estender mais. Em suma, o MEAC é uma bênção de Deus para a Igreja no Brasil. MEAC, obrigado! Deus os abençoe!

Padre Cristovam Iubel

Guarapuava – PR

Visita de Antoninho Tatto a Floriano - PI

A Diocese de Oeiras/Floriano-PI recebeu Antoninho Tatto. Não se esqueçam: Antonino Tatto é um nome que na linguagem católica quer dizer “Dízimo”. Bem, então o Dízimo veio até nós para falar sobre Antoninho Tatto. A inversão dos termos não altera o resultado, porque um e outro conduzem à transformação da história da nossa igreja, fazendo-a consciente, liberta, obediente. Mais: com um e outro se chega fácil “... às ovelhas desgarradas da casa de Israel.”

Naqueles dias, o nosso Bispo, D. Augusto, que nos dignificou com a sua presença constante, as Paróquias com os

seus padres e as Comunidades, por suas pastorais, lá estivemos aprendendo como se trabalha e como se ama o Dízimo.

Na manhã do dia 11, o encontro foi mais pessoal, os nossos padres estiveram com o Sr. Antoninho Tatto. Não precisa dizer que muitos deles sentiram arder suas orelhas.

Já nas etapas vespertina e noturna deste mesmo dia, e matutina do dia 12, destinaram-se a nós leigos. Também não precisa perguntar quantos tijolos já mandamos para São Pedro. Se é que mandamos! Cabe refletir: Pregar o dízimo sem ser dizimista, é parecido como rezar sem ser de joelhos.

O dia foi concluído com a concelebração da Santa Missa, festivamente cantada.

O sucesso do encontro repousou em três momentos bem distintos. É que, ao desembarcar em Floriano, bem que o Tatto não se esqueceu de trazer na bagagem três coisas: a Bíblia, a vivência e a didática. **Uma**, porque a fonte do Dízimo é essencialmente bíblica; **dois**, porque sem exemplo pessoal o sermão não vale, e a **três**, porque sem uma forma alegre e divertida, convencer o outro a pôr a mão no bolso, é complicado. E o Tatto foi mais uma vez mestre nisso tudo.

Os dois dias nos sacudiram, mexeram, nos inquietaram. Isto mesmo. Nos sentimos inquietos, mexidos, sacudidos. Indubitavelmente o ponto alto. Fomos como que invadidos por uma cobrança com prazo de pagamento. Urge a implantação do Dízimo. Se assim não fosse, vã seria a vinda.

Importante revelar uma grande descoberta acerca do que nos falou: “O resultado pastoral do Dízimo é maior que o financeiro.” Verdadeiramente não se tinha esta consciência. E isto nos alegrou. Até porque dissipa aquela ideia que lá fora se tem de ser a igreja venal.

A primeira etapa dos trabalhos de implantação da pastoral do Dízimo em nossa Paróquia foi deveras coroada de êxito. A segunda etapa está programada já para este mês de julho, com a chegada da Equipe Missionária do MEAC. Vivemos o anseio desta vinda.

Batista Rios (Juiz)

Dízimo e Cuiabá, obrigado Meac

Quero louvar e agradecer a Deus por este grupo maravilhoso, que realizou um projeto missionário fantástico, na Paróquia Coração Imaculado de Maria, aqui em Cuiabá.

Realmente foi uma experiência das mais valiosas que tivemos dentro desta paróquia. Por várias razões. Primeira, porque com a implantação do dízimo ficou claro para nossos fiéis que o dízimo é Palavra de Deus, é mandato divino.

Portanto, um projeto com alta finalidade religiosa. Em segundo lugar, o projeto missionário da implantação do dízimo favoreceu e contribuiu para a aproximação de muitos fiéis da igreja, entendendo o verdadeiro sentido do dízimo, porquanto uma pessoa dizimista é uma pessoa convertida para a comunidade. Então o dízimo é uma grande força evangelizadora na igreja, hoje. Em terceiro lugar, conseguimos substituir as festas que eram os meios e instrumentos de arrecadação, pelo dízimo, que se torna muito mais fácil, prático e pastoral. As festas sempre traziam confusões, encrencas, ocasião para vendas de bebidas alcoólicas, o que dividia muito nossas comunidades. O dízimo veio substituir todas estas iniciativas festivas. Quarto ponto, conseguimos dar outro foco para as festas. Celebramos o dízimo e uma confraternização partilhada, com todos os membros da comunidade, no dia do padroeiro. Os meios naturais de sustentação e arrecadação são todos com o dízimo. Então, quero agradecer a Deus pela presença do Meac na paróquia e pedir a Deus que continue abençoando este projeto maravilhoso para o Brasil todo. Penso que este é o caminho para a igreja. É um caminho de que não devemos retroceder, porque é caminho da Palavra de Deus, um projeto evangelizador de que nós precisamos tanto. Deus abençoe e guarde a todos vocês. Força! Um abraço.

Pe. Deusdethe Simões de Almeida (02/2021)

MEAC – 50 ANOS

Falar a respeito do MEAC para mim é muito fácil. Vivo o MEAC desde a infância. Sou o primeiro “Meaquino” da segunda

geração, isto é, fui o primeiro filho de missionários a trabalhar como Missionário do MEAC.

Recordo-me vagamente, aos meus quatro anos de idade, quando acompanhei pela primeira vez meu pai (Arthur Miranda) em uma Missão. Depois disso, durante minhas férias escolares, era comum acompanhá-lo. Em Campos do Jordão, na adolescência, ajudava no Bazar Deus Negro (Sede do MEAC); eu datilografava (muitos jovens hoje não fazem ideia do que seja isso) as etiquetas e envelopava os livros do “Clube do Livro Cristão”.

Com dezessete anos, quando o MEAC vivia uma nova fase, tornei-me membro e passei a fazer o trabalho de implantação e conscientização do dízimo, aliás, fui completamente apaixonado por este. Durante minha capacitação para realizá-lo fiz questão de viajar com todos os missionários que faziam esse trabalho na época, com a intenção de criar minha identidade própria e, ao mesmo tempo, absorver o melhor de cada um.

Em 1995 me casei e minha esposa (Vanda Célia) também passou a fazer parte do MEAC; juntos visitamos inúmeras paróquias Brasil afora.

Trabalhei intensamente no MEAC até o ano de dois mil e dezessete, completando trinta anos de trabalho missionário. Hoje vivo em uma propriedade rural em Taubaté, interior do estado de São Paulo, e tenho me dedicado à vida na roça.

É impossível falar do MEAC sem citar alguns nomes: Neimar de Barros (ex-produtor do Silvio Santos), nosso fundador, grande líder e o leigo mais conhecido do Brasil nas décadas de 70 e 80; Arthur Miranda (comediante de TV) teve papel determinante na consolidação do grupo, pois no início o MEAC era bastante fechado, sendo ele a porta de entrada para muitos missionários; Jean Carlo (o cantor cego de voz afinadíssima) um cara fantástico, impossível não gostar dele; Além do Padre John Drexel (Oblato de Maria Imaculada) nosso Diretor Espiritual. Estes foram os pilares iniciais do MEAC.

Outros nomes fundamentais: Manuel Rouxinol (o Português da Editora “O Recado”) que embora não seja membro oficial do MEAC é considerado por nós grande

companheiro e missionário; e Antoninho Tatto (meu padrinho de casamento) que teve importante papel na organização burocrática e jurídica do grupo, e na elaboração do trabalho de conscientização sobre o dízimo. Além de muitos outros membros que ajudaram nosso grupo a fazer história.

O Carisma do MEAC é a Comunicação e a Animação Missionária. Assim, como acontece com as congregações, o MEAC deve sempre voltar às suas origens para não perder a essência de seu Carisma, inspirado pelo Espírito Santo e esculpido na história através do trabalho árduo de tantos missionários que dedicaram suas vidas nesses 50 anos de caminhada. Parabéns MEAC.

Arthur Jorge

GRATIDÃO MEAC!

Era o ano de 1978. Eu morava na zona norte de São Paulo e minha Paróquia era a Menino Jesus, do Tucuruvi. O Neimar de Barros tinha ido lá para fazer uma palestra. As pessoas falaram pra ele: este moço gosta muito de cantar, convide ele para cantar na sua palestra! O Neimar, no meio da sua apresentação, me chama, e eu canto uma canção que na época era um grande sucesso com Antonio Marcos. A canção se chama ORAÇÃO DE UM JOVEM TRISTE, de autoria do Alberto Luiz. Após a minha apresentação, o Neimar me fala: Você bem que poderia viajar comigo; eu prego e você canta. O que você acha? Eu falei que tinha um emprego. Eu trabalhava numa concessionária Volkswagen na época. Quando eu fui dar a notícia para o meu chefe do que tinha ocorrido, ele falou: Eu esperava que a qualquer momento isso fosse acontecer. A música é a sua vida. Vamos fazer o seguinte: Você vai com esse Neimar, mas você tem 3 meses de retaguarda conosco, caso não dê certo sua vida na estrada, você volta. Seu emprego está garantido. Eu correndo fui avisar ao Neimar de que eu poderia viajar com ele. Peguei meu violão e, nossa primeira viagem, foi ao Rio Grande do Sul; eu, Neimar e o Bodão. Bodão era o apelido do irmão da esposa do Neimar, a Dedé. Foi uma viagem longa, mas de muita descontração. O Bodão era muito brincalhão. Fomos até Bento Gonçalves, nosso primeiro destino, brincando sobre o sotaque gaúcho e as expressões como “Bá tchê!”. Foi uma viagem inesquecível. Rodamos toda serra gaúcha e também toda campanha, até Uruguaiana. Tenho até hoje um ponche que comprei na Argentina. As palestras do Neimar eram sempre lotadas. Muitas vezes ficava mais gente fora das igrejas do que dentro. Meu encantamento com o Neimar era enorme. Ele era portador de uma unção na pregação que eu nunca tinha visto em alguém. Viajamos por quase oito meses juntos. Tínhamos muitas reuniões de formação em Campos do Jordão sob a orientação do Padre Jhon Drexel. As viagens se dividiam com o Neimar, com o Antoninho Tatto e com o Arthur Miranda. Quanta beleza nesses irmãos de caminhada. Em cada paróquia era como

uma festa a nossa chegada. Lembro de uma vez, em Paim Filho-RS: eu estava acompanhando o Antoninho Tatto. Ao chegarmos à cidade, fomos recebidos em cima de uma caminhonete e fizeram uma carreata por toda cidade soltando fogos. O Antoninho, sendo gaúcho, despertava nos gaúchos uma identidade para se viver uma vocação. Até hoje tenho guardada no meu coração a maneira como ele falava da sua relação com seus pais, e isso tornava o ambiente em um retiro espiritual para as famílias. As pessoas choravam, eu percebia, mas, não era de tristeza, era um choro por conhecer de perto um testemunho do amor de Cristo por alguém que se converteu. As pregações do Antoninho eram como semente no meu trabalho com as famílias que se sucederam. O Arthur era portador de um coração de paz. Nele sempre havia uma palavra de agregamento, nunca de confronto. Certa vez, eu estava acompanhando o Arthur numa pregação na cidade de Barbosa, no interior de São Paulo. No meio da palestra um senhor muito “distinto” se levantou e falou: senhor Arthur, o sr. não acha que para uma pessoa se tornar um pregador deveria ser mais letrado?

Meu Jesus!! Eu estava bem ao lado do Arthur e fiquei todo envergonhado daquela situação tão carregada de soberba. O Arthur olhou para aquele senhor e disse: eu também penso como o senhor. As pessoas letradas são muito mais preparadas para conduzir uma palestra. Mas, eu não sei porquê, Deus olhou para mim e falou: vai ser um pregador e dá testemunho do evangelho. Fala da tua conversão. E eu, que não sou letrado, estou fazendo o meu melhor para que Jesus seja conhecido por todos. Por outro lado, talvez pessoas letradas como o senhor não tenham esta disponibilidade.

Naquele instante eu vi o ESPÍRITO SANTO falar pelo Arthur. As pessoas começaram a aplaudir o Arthur, eu comecei a chorar e, para não ser diferente, o Arthur contou uma piada, todos riram, inclusive aquele senhor, e assim a palestra continuou. Como é bonita a Ação de Deus no missionário!

O MEAC está em mim como a minha família. Mesmo não estando nas reuniões ou participando dos projetos, sinto que o meu coração é MEAC. Sou daqueles leigos teimosos,

que enfrentam o pó da estrada com gratuidade, e isso fez de mim um testemunho vivo da PROVIDÊNCIA DIVINA. Nunca fiz sucesso, nunca ganhei dinheiro para acumular, mas Deus sempre providenciou ANJOS que me dão a retaguarda que necessito. Acho que vou morrer (ou viver) com este propósito.

Poxa gente! Gostaria de escrever tanto sobre estes 50 anos do MEAC. O problema é que eu não sou escritor. Sou rezador. Minha canção é sempre uma prece que se faz missão. GRATIDÃO MEAC!

Antônio Cardoso

AI DE MIM SE EU NÃO EVANGELIZAR (1Cor. 9,16)

Experiência transformadora do MEAC, na Comunidade Católica São Tarcisius, em Framingham, Massachussets, Estados Unidos.

Uma comunidade, onde todos se conhecem e vivem juntos há muitos anos, tem suas várias dificuldades para desenvolver um projeto missionário que dê grandes resultados. Imaginem uma comunidade de pessoas imigrantes, totalmente desconhecidas, chegadas de todos os Estados do Brasil num país onde se fala um idioma totalmente diferente e o protestantismo é a religião dominante! Diante de uma realidade como esta, como é importante confiar que Jesus tem que ser o centro da comunidade e o elo entre todas as diferenças.

A comunidade Católica dos brasileiros, São Tarcisius, em Framingham, nasce com algumas poucas pessoas. Desde seu começo passava por diversas situações de necessidades tanto de formação como financeiras. Vale relatar uma experiência. Compramos os equipamentos de som e microfones no cartão de crédito de um irmão evangélico, porque não tínhamos recursos para tanto, e, todos os meses no último domingo, fazíamos uma vaquinha para pagar a dívida com o irmão, a quem sempre fomos muito gratos. Decidiu-se então criar uma equipe de dízimo, e esta foi a ponte para adquirirmos os materiais do Antoninho Tatto e, posteriormente, o convidamos para implantar o Dízimo e o MEAC nesta comunidade. Em poucos anos a comunidade estava já bem estruturada e com muitas equipes e pessoas envolvidas nos mais diversos serviços. Surgiu a inspiração de começarmos um grupo de Missionários do MEAC nesta comunidade.

Da primeira vez, fizemos uma formação com um grupo menor para plantarmos as primeiras sementes. Da segunda vez, fizemos uma formação mais longa e com um grupo de quase 30 futuros missionários. Quantas maravilhas Deus operou. Seja pelo exemplo dos Missionários do MEAC, (alegres, sinceros, mostrando sua espiritualidade e sua humanidade em cada pregação) seja pela formação recebida

ou pelo Amor de Deus derramado nos corações de cada uma daquelas pessoas sedentas de se preparar e seguir de perto o Senhor, as maravilhas foram sendo operadas. Somente quem viveu naqueles tempos sabe o quanto fez a diferença ter uma comunidade onde o centro era o discipulado e a missionariedade. Uma vez concluída a formação, foi feito o envio de cada um destes missionários e missionárias. E, dois a dois enviados para renovar a comunidade, começando com suas equipes (internamente) e depois, visitando os prédios e casas onde moravam os brasileiros, organizando e dando cursos bíblicos, preparando os batizados e convidando para uma celebração da Eucaristia no próprio local onde viviam, em seus apartamentos, criando as pequenas comunidades de base nos mais diversos bairros. Assim, crescíamos internamente com as formações e, externamente, sendo conhecidos e divulgando o Evangelho de Jesus, praticando a acolhida, a caridade e apoiando a todos os necessitados. Deus deu a resposta a seu tempo. A comunidade se fortaleceu; as equipes cresceram (tínhamos mais de 250 voluntários entre todas as equipes e em torno de 40 missionários do MEAC liderando estas equipes) os dizimistas aumentaram, os recursos também e a comunidade era modelo para as outras comunidades que bebiam das formações e do que nesta comunidade se fazia. Para descrever todos os “milagres” acontecidos naquela comunidade, precisaríamos de um livro para descrever tudo. Em resumo, dou graças a Deus por ter vivido uma experiência tão rica, tão forte e tão evangélica/missionária. Hoje, após quase 30 anos, ainda temos no seio desta comunidade, como as maiores lideranças, atuando e renovando a comunidade Católica de São Tarcisius, estes mesmos missionários/as.

Agradeço a Deus por ter escolhido cada um de vocês Missionários do MEAC e tê-los enviado pelo mundo em MISSÃO. Vocês transformaram tantas vidas, tantas comunidades em muitos países, mas acima de tudo, deram a oportunidade de outros fazerem a mesma experiência e viverem da mesma maneira que vocês.

Roque Renato Pattussi

Ex- Sacerdote, que atuou na comunidade Católica
São Tarcisius de Framingham de 1992 a começo de 1998

UM CONVITE PARA FAZER HISTÓRIA QUE MUDOU MINHA VIDA... Não vos chamo servos e sim amigos... Jo 15,15

Quando recebi o convite do Tatto para participar dessa obra celebrando os cinquenta anos do Meac, além de lisonjeado, me senti como que abraçando uma tarefa fácil e prazerosa, tanto que me comprometi a entregar o texto na mesma semana. Estava enganado. Peço perdão pelo atraso na entrega. Não foi por procrastinação, falta de ideias ou algo semelhante. Deparei-me com uma deficiência pessoal que é conseguir construir com palavras o que me é muito caro ao coração. O coração do Meac e o meu pulsam na mesma missão. Mesmo não participando mais do grupo como missionário, atravesso os mesmos desertos e bebo nas mesmas fontes que todos os 'meaquinos'. E assim inicio minha declaração de respeito e afeto a esse 'cinquentão' cheio de realizações em seu curriculum.

O Meac não possui casa, fazenda, casa de formação para chamar de sede. Onde estiverem seus missionários, seu único e maior patrimônio, ali estará tudo o que esse grupo possui. Nunca fez propaganda de si mesmo para fazer trabalho em Paróquia ou Diocese alguma, e se algum missionário incorreu nessa prática, contrariou uma orientação básica do Meac. Em quinze anos no Meac nunca liguei para uma paróquia ou diocese oferecendo meus trabalhos; aprendi que esse deve ser o termômetro de nosso 'serviço' à Igreja. Minha vida missionária ainda é pautada nessa regra. Seu maior legado não está no bem enorme que fez e faz à Igreja, através do dízimo, mas no que promove entre e em seus membros. Ouso apoderar-me do que nos diz o Documento de Aparecida: Os missionários do Meac são "homens e mulheres da Igreja no coração do mundo, e homens e mulheres do mundo no coração da Igreja" (209).

Somos, permitam-me a autoinclusão, maturados na missão. Aprendemos com os erros e acertos uns dos outros, não temos receio de pedir perdão quando erramos, representamos uns aos outros onde quer que estejamos. Longe de sermos santos, somos provas vivas do amor e misericórdia

de Deus, pois é no que há de mais humano em nós, que o divino se manifesta e age com a graça vivificante. Somos os amigos do Noivo (Gn 24), há cinquenta anos temos cumprido com um pacto feito com o Pai celeste: irmos em busca de uma noiva para seu filho Jesus. Há anos repetimos o ato de nos sentarmos à beira do poço e dizermos às 'Rebecas' da vida: Dá-me de beber (Gn 24,17). Cinquenta anos de anúncio da boa nova sobre o Dízimo e outros temas. Celebro, com todos os missionários a paciente e contínua ação de Deus em nossas vidas, pois somos, ao mesmo tempo, 'amigos' e 'noivas' do noivo Jesus. Pelos resultados ousa dizer que muitas noivas foram conduzidas a Jesus pelo nosso empenho missionário. Eu sou uma testemunha disso.

Deus tem métodos estranhos de agir. Hoje, recordando nossas reuniões anuais, pego-me a questionar: Como o Senhor conseguiu fazer isso dar certo? Não podia ter escolhido 'Eliezeres' melhores? A começar por mim...? Mas querem saber? A distância e o tempo não foram capazes de nos separar. Nem mesmo a morte. Inês, Valdice, José Geraldo, Irani continuam vivos em minhas melhores memórias. Não tem como esquecer a irreverência do Sérgio, o humor inteligente do Arthur e Arthurzinho, as parábolas do Fonseca, a sabedoria profética do Wagner e da amizade incondicional da Célia. Dos arrojos do Gandi, do jeito querido e acolhedor da comunidade da Bahia. Quem nunca viajou com o Alvinho ou conviveu com ele, jamais saberá o que é um irmão bom caráter, do bem, por essas virtudes conquistou o coração da missionária mais doce, a Dalva e o meu. Odilmar e Rosana, Bruno e Marilene, Adroaldo e Erika e todos que não citei aqui, mas que 'por certo estarão presentes noutros textos, estão também registrados em minha história.

O Meac não seria o que é, sem a presença intelectual e ponderada do Rouxinol, com quem tive conversas muito prazerosas. Ele fez com que eu me apaixonasse pela leitura. É um dos poucos homens que conheci na vida que leu os grandes clássicos e tinha paciência e prazer em partilhar seus saberes. Um cidadão de humor cítrico (ironia inteligente), mas de quem sinto muita falta.

Com relação ao Tatto e tudo o que ele representa para mim, precisaria de um livro. Não o farei aqui, mas permitam-me um parágrafo a mais. Eu trabalhava na Associação do Senhor Jesus como âncora do programa, **Louvemos ao Senhor**, veiculado semanalmente pela rede Bandeirantes de Televisão. Em reunião de pauta, Padre Eduardo Dougherty sugeriu que tratássemos o tema dízimo. Não demorou para que nossa produção descobrisse Antoninho Tatto, reconhecidamente, já nos anos 80, como um dos especialistas, não apenas sobre o tema, mas por ter desenvolvido know-how metodológico para a implantação do projeto com êxito nas diversas realidades paroquiais no Brasil.

Meu conhecimento sobre o dízimo era zero. Tatto aceitou o convite de pronto e, sem colocar empecilho algum, em agosto de 1989 deslocou-se de São Paulo a Campinas. Passamos o dia juntos, preparamos a pauta e gravamos. Fiquei encantado com seu testemunho de vida, com a paixão com que descrevia o projeto do dízimo e seus efeitos benéficos para as paróquias. O que marcou minha vida de modo indelével foi a chama missionária que ele acendeu em meu espírito. Chama que se mantém acesa até os dias de hoje. A missão já me era tema caro, não trabalhava com Padre Eduardo apenas pelo salário. Ouvir sobre o MEAC, o modo como os trabalhos missionários se davam, a autonomia e o empoderamento laico, aliás vale ressaltar, aprender tudo isso com um cristão leigo, casado, bem-sucedido profissionalmente, um visionário cheio de fé, despertou em mim todos os sentidos. Imagino que o Tatto tenha percebido o impacto que causou, pois sem rodeios, o que é próprio de sua natureza, me convidou a acompanhá-lo em missão na cidade de Cambé, Paraná.

Fui para essa missão sem conhecer os demais missionários, tive a felicidade de conhecer a Inês, que viria a ser grande amiga e intercessora. Tatto e eu conversávamos sobre tudo. Os assuntos fluíam e minha sensação era de que ele tinha respostas às minhas inquietações espirituais. Eu sonhava em ser missionário, mas não sabia direito o que isso significava e tudo o que ele me dizia fazia sentido para mim e encontrava

eco em meu coração. Ele me fez um convite a fazer história e, é claro, aceitei participar do Meac, e isso mudou minha vida.

Isso se deu aos vinte cinco de janeiro de 1990; desde então, nunca mais deixei de ser dizimista e também missionário. Há trinta anos conservo um voto apenas, e que mesmo fora do Meac, continuo a renovar diante de Deus, todo dia 25 de janeiro: nunca dizer não a Ele. Se um trabalho surge e eu tenho a data disponível, a missão está sempre em primeiro lugar. Há elementos no meu ser missionário que aprendi no convívio com o Tatto.

Creio não haver no grupo ninguém que tenha brigado tanto com ele quanto eu, mas nunca brigamos por questões pessoais, sempre por uma causa maior que nós mesmos. Queríamos fazer o melhor, fosse nas pregações, nos vídeos, nos programas de rádio, nas produções para TV, na literatura, enfim... Tatto sempre foi um cara além de seu tempo, por isso, suas ideias não envelhecem, é um profeta racional e um visionário apaixonado pela missão. Acompanhá-lo exige nervos calmos e muito fôlego. Sempre digo que somos 'Paulo e Barnabé' do dizimo. Mesmo tomando cada qual seu caminho, a missão nos une. Serei eternamente grato ao Tatto, pois não há nada que me faça tão feliz quanto a missão. Sou igualmente grato ao Meac, por ter me forjado no exercício da missão.

Leitor, leitora, como vocês puderam observar, minha dificuldade descrita no início de minha partilha se justifica pela complexidade que se dá na minha relação com o Meac, pois que minha vida pode ser refletida antes e após o Meac. O que faço e o que sou se fundem. Muitas vezes, quando me perguntam o que faço, não me identifico como empresário, ou diretor de TV, mas como missionário. Quando sou questionado sobre como se deu minha formação, e é uma pergunta recorrente em minha vida missionária, minha resposta sempre é: assim como amar se aprende amando (Drumond), a missão se aprende no exercício dela. Há uma alegria que só o anúncio do Evangelho é capaz de proporcionar, nos exorta Papa Francisco. Assim, encerro desejando aos missionários de hoje e aos que virão, tempos de profetismo, eclesialidade e ação pastoral. Que o Meac persevere na formação cristã missionária

e recordando o pensamento do santo Papa Paulo VI, quando diz que não há nada que se relacione ao humano que seja estranho à Igreja. Que nossas fragilidades humanas sejam acolhidas como matéria prima para a construção da vocação missionária, que jamais se perca de vista o valor da obediência e que nada do que fazemos, se nos pareça sacrifício em prol da Igreja, mas oportunidade de convívio íntimo e de amizade entre Criador e suas criaturas.

Recebam todo meu amor e gratidão!

Aristides Luiz Madureira

EXPERIÊNCIA COM OS MISSIONÁRIOS/AS DO MEAC

No ano de 1989 ouvi o testemunho interpelativo de alguns dizimistas. Eles diziam que devolviam 10% dos rendimentos e contavam sobre as transformações que ocorreram em suas vidas depois que se tornaram dizimistas. No ano de 1998, recebi o convite da coordenação pastoral da Arquidiocese de Manaus, para um projeto piloto do MEAC na Paróquia N. Sra. Rainha dos Apóstolos. Topei o convite e seguimos fielmente as orientações e a preparação para a vinda dos missionários. Durante a preparação descobri algumas pérolas sobre o dízimo. Uma delas é a possibilidade de todos se aperceberem membros ativos da Igreja. Cerca de 10% dos fiéis das comunidades assumem os serviços da catequese, liturgia etc. E os outros 90%? Eles se sentem membros ativos quando se tornam dizimistas. A reimplantação do dízimo na Paróquia N. Sra. Rainha dos Apóstolos reanimou os fiéis. Despertou a participação de mais pessoas e elevou o dízimo em cerca de 70%. Foi uma surpresa em todos os aspectos. Estávamos agora conscientes de que a implantação séria do dízimo renova as comunidades e as redime financeiramente, ou seja, a solução pastoral e financeira das comunidades, paróquias e dioceses passa pela pastoral do dízimo. A partir da experiência bem sucedida em Manaus, continuei a evangelização sobre o dízimo, em consonância com o MEAC, em todas as paróquias onde servi. Cito a Paróquia Divino Espírito Santo, em Campo Grande-MS. Cito, sobretudo, a reimplantação conjunta nas oito paróquias e/ou Áreas Missionárias do setor 4 da Arquidiocese de Manaus. Organizamos conjuntamente as oito paróquias e/ou Áreas missionárias. O resultado pastoral e financeiro foi excelente. Na Área Missionária da Ponta Negra a transformação pastoral e financeira foi muito além do esperado. A Área Missionária contribuía com R\$ 250,00 mensais junto à Arquidiocese. Depois de 6 meses de reimplantação do dízimo, a Área Missionária da Ponta Negra contribuía com aproximadamente R\$ 5.000,00 junto à Arquidiocese. Por último cito o Santuário N. Sra. de Fátima de Manaus. Havia 189 dizimistas. Depois da presença dos missionários e até a chegada da

pandemia do coronavirus, havia 435 dizimistas. O ânimo das lideranças e dos paroquianos também aumentaram muito. O dízimo liberta das promoções e festas para arrecadar dinheiro. Sem a necessidade de festas comerciais, as lideranças podem se dedicar integralmente à catequese, liturgia e aos diversos serviços das comunidades. As festas acontecerão com a partilha de cada pessoa ou família. As pessoas gostam e se sentem valorizadas com a partilha. Sou imensamente grato ao Antoninho Tatto, Bruno e Marilene, Fonseca, Arthur Miranda, José Pimentel e a todos os missionários e missionárias do MEAC. Não teria sido possível iniciar e manter muitas atividades evangelizadoras nas paróquias por onde passei sem a contribuição do MEAC. Ademais, um dizimista consciente o será por toda a vida. Bem-vinda a alegria que brota no coração dos dizimistas, bem-vinda a orientação bíblica para as questões pastorais e financeiras, bem-vinda a disponibilidade de tempo para evangelizar. Muito obrigado.

Pe. Milton Both

Pároco e Reitor do Santuário N. Sra. de Fátima em Manaus

EXPERIÊNCIA COM O MEAC

Meu irmão, Antoninho Tatto. Aí está alguma coisa que senti com relação ao MEAC. Foi uma experiência de muitas graças que vivi no meu quarto ou quinto ano de Sacerdote. Ajudou-me bastante como Pároco nos trabalhos de Evangelização.

Conhecemos o Meac através da chegada e permanência entre nós dos Missionários itinerantes Raimundo, Valdice Oliveira e Zezinho, dando origem à Comunidade Nossa Senhora do Carmo, tendo como diretor espiritual D. Fernando. Sentimos, desde o início, a dedicação e seriedade do trabalho desenvolvido por eles, haja visto a implantação do Dízimo em nossa Paróquia e comunidade.

Foi muito gratificante para a nossa cidade a presença do Meac. Através deles veio o curso de Bíblia para leigos, promoção do curso de Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística, inclusive a implantação da Renovação Carismática Católica na Paróquia com a presença de Adalbi.

É importante ressaltar a simplicidade em que eles viviam. Reuníamo-nos frequentemente na Paróquia e, aos poucos, o grupo foi crescendo (como fermento na massa), até que a sede inicial foi erguida.

Procuravam dar apoio a todos os que estavam em dificuldades espirituais e materiais, incluindo jejum e oração com alguns deles.

Com a presença do Meac, a implantação do Dízimo foi feita em outras Paróquias, em outras cidades, dirigidas pelos Capuchinhos, estendendo-se a outras Paróquias da Diocese, na Bahia inteira.

Frei Carlos André Oliveira

Muitíssimo obrigado pelo seu depoimento Frei André. Tenha certeza que o senhor foi um grande alicerce na vida missionária do Meac, de modo especial dos missionários itinerantes, núcleo de Feira de Santana. Seu acolhimento, apoio e direção espiritual foi tudo o que eles precisavam naquele momento para cumprirem uma jornada das mais bonitas na nossa história do Meac.

Antoninho Tatto

Bons Amigos

Como frade carmelita e como beneficiado também do maravilhoso trabalho do MEAC, recentemente na nossa Paróquia de Angra dos Reis, fico muito feliz desta amizade do MEAC com o Frei Carlos Mésters. Sabia que tinham algo em comum e é por isso que, o que ambos fazem, produz muitos frutos para o Reino. Bendito seja Deus.

Frei Alonso Gustavo

O MEAC EM NOSSA VIDA

Testemunho de Bruno Domenico Rossi e
Marilene José Basto Rossi - Dias D'Ávila (Bahia)

Foi-nos solicitado um testemunho pessoal em relação ao MEAC, do qual participamos desde janeiro de 1993, integrando o grupo de Dias D'Ávila (Bahia). Durante muito tempo nos esquivamos de dar um depoimento, achando que não seria tão interessante, mas seguindo o exemplo de muitos irmãos, achamos que deveríamos expressar o que sentimos.

O MEAC tem sido para nós a grande oportunidade que o Senhor, na sua infinita misericórdia, nos proporcionou para resgatar e dar um novo sentido à nossa vida.

Somos egressos de uma experiência de vida religiosa, tendo sido Bruno membro da ordem dos Frades capuchinhos e exercido o ministério sacerdotal durante quinze anos e Marilene religiosa de uma congregação franciscana. Por motivos exclusivamente pessoais, buscando preencher a falta de uma família e buscando uma resposta em outra experiência de vida, solicitamos a dispensa das obrigações inerentes ao nosso estado e optamos pela vida secular em família. O pedido foi acolhido com relativa rapidez e, no mês de março de 1978, foi celebrado o nosso casamento com a bênção da Igreja.

A primeira preocupação foi encontrar um trabalho para os dois, a fim de garantir o futuro da família recém-formada.

Tornamo-nos funcionários da prefeitura de Camaçari, um município em plena efervescência pela implantação do Polo Petroquímico do nordeste dentro de seus limites geográficos, e lá permanecemos por mais de trinta anos, até à nossa aposentadoria, exercendo diversas funções, entre as quais também a de professores.

Deixar o ministério sacerdotal ou a vida religiosa não significava para nós afastamento da Igreja nem renúncia ao ideal que sempre nos tinha animado. Nosso desejo era o de vivê-lo de outro jeito. Foi por isto que logo assumimos um intenso trabalho pastoral e comunitário na cidade de Dias

D'Ávila, onde tínhamos estabelecido nossa residência, e na redondeza. Recebemos o apoio e o incentivo dos Padres que cuidavam da pastoral local e a aceitação da grande maioria do povo católico. Contrariando os receios de muitos membros da própria Igreja, o povo não se escandalizava pelo fato de sermos um casal formado por um padre e uma religiosa que fizeram uma opção de vida diferente.

De nossa parte, contudo, sempre houve um certo receio de encontrar resistência ao nosso trabalho, pelo menos fora dos limites do nosso ambiente. Isto nos causava um natural constrangimento. Foi quando, providencialmente, chegou para nós o convite, feito pelos irmãos do grupo missionário de Feira de Santana, na pessoa de Raimundo Vieira e Valdice, para conhecer o MEAC.

No dia 25 de Janeiro de 1993 participamos da assembleia do MEAC em São Paulo e, na presença do Bispo Dom Fernando Figueiredo, assumimos o compromisso pelo período de um ano, mas que já se renova anualmente há quase trinta anos. A partir desta data, tudo foi diferente, pois agora sabíamos que fazíamos parte de uma organização abençoada pela Igreja e tínhamos sido acolhidos pelo Bispo que a representava. Estávamos no coração da Igreja e tudo o que a partir de agora realizássemos não seria mais em nosso nome pessoal, mas como representantes do MEAC. Isto nos dava mais segurança. O MEAC já era muito conhecido e apreciado pelo trabalho que realizava, sobretudo na animação da pastoral do dízimo que estava colhendo bons frutos nas paróquias do Brasil onde os missionários do MEAC tinham marcado sua presença.

Já havia um núcleo do MEAC organizado em Dias D'Ávila quando fomos chamados para nos dedicarmos também ao trabalho de animação do dízimo, colaborando com os demais missionários do MEAC que já prestavam este serviço. Isto significou para nós o abrir-se das portas para a realização do nosso sonho missionário. Começamos a viajar pelo Brasil afora, tendo hoje visitado quase todos os Estados do Brasil e alguns países no exterior, como Estado Unidos, Moçambique e a Itália, buscando sempre despertar no povo de Deus, por meio da Palavra de Deus, a consciência de pertença à Igreja e do com-

promisso com o Reino de Deus. O dízimo é apenas um sinal deste compromisso do cristão.

Em toda parte fomos recebidos com carinho, tanto pelos leigos como pelos padres e pelos próprios Bispos. Temos a certeza de que não teria sido assim se não estivéssemos ligados ao MEAC que representávamos no nosso trabalho missionário. O próprio fato de ter conhecido e estabelecido amizade com centenas de sacerdotes e até de Bispos foi para nós uma graça especial.

A convivência com os irmãos do MEAC, os encontros fraternos e alegres com todos eles nas assembleias anuais ou nas visitas aos diversos núcleos espalhados pelo Brasil, tem sido motivo de grande satisfação e de crescimento espiritual, sobretudo pela troca de experiências de vida. Sofremos com nossos irmãos nos momentos difíceis que o MEAC tem atravessado, lamentamos juntos os irmãos que nos deixaram e juntos nos alegramos pelas vitórias alcançadas.

Acreditamos que a celebração dos cinquenta anos, seja uma das grandes vitórias do MEAC, num tempo que se caracteriza pela precariedade e a volatilidade até dos próprios movimentos da Igreja.

Agradecemos a Deus pela graça de fazer parte do MEAC, e aos irmãos que nos acolheram e nos ajudaram na caminhada. Esperamos poder retribuir um pouco dando o melhor de nós, dentro das nossas limitações humanas, para que o MEAC possa corresponder sempre aos seus ideais no serviço à Igreja e na construção do Reino de Deus.

Bruno Domênico Rossi e Marilene Rossi

HISTÓRIAS NA HISTÓRIA

Jubileu é sempre um grande acontecimento na vida das pessoas, na história da humanidade, e é uma marca extraordinária de um pequeno grupo de missionários leigos, que se inicia em 1972 e chega a 2022. Em cinquenta anos, com centenas de missionários evangelizando, algumas dezenas viajando milhares de cidades no Brasil, e alguns países de vários continentes, conheceram, viveram e protagonizaram muitas histórias. São tantas que não poderiam ser contadas num único livro. Optamos então por algumas, deixando que o futuro nos indique o que deva ser lembrado, somando com novos elementos, que contarão uma nova história. Mas há uma história que, não à toa, se parece muito com nossa vocação de Meac, missionários leigos. Conheci esta história um dia, não lembro como foi, mas quis o destino que fizesse parte dela num determinado momento.

Um dia o sr. Arlindo saiu da comunidade ribeirinha, dirigindo-se à cidade grande: Seria Oriximiná? Estando na praça olhava ao redor admirado por tudo o que via. Absorto em seus pensamentos, quicá quais? Chega um homem, começam a conversar e, no final da conversa animada que marcou profundamente a ambos, o estranho lhe oferece um pequeno catecismo de bolso recomendando que aprenda tudo o que nele tem e que ensine para todos da comunidade. O Arlindo fez uma promessa: aprenderia, ensinaria e, se um dia aquele homem fosse na sua comunidade, ele lhe daria um presente, coisas que ele produzia. E lá foi o Arlindo feliz com seu tesouro no bolso. Cumpriu a promessa, ensinou catequese para todos da comunidade. Depois de muito tempo, já tinha ensinado tudo o que conhecia pelo catecismo, Arlindo foi à beira do rio, esperou, esperou, até que avistou um barco bem longe. Fez sinal e aquele barco se aproximou. “O que deseja, precisa de algo, posso ajudar”? Sim, preciso que na volta me traga uma encomenda, um catecismo novo. “O quê!? Catecismo!?” Sim, o meu já está velho, rasgado e já ensinei tudo, preciso de um novo. Aquele homem do barco, com uma maleta, foi ao encontro do Arlindo, tomou conhecimento de toda sua história. Foi

quando disse que era padre e estava visitando as comunidades ribeirinhas. O Arlindo mal podia acreditar. Convidou o padre para ficar um pouco na sua casa, conhecer a comunidade. Mandou aviso para todas as pessoas da região e, naquele lugar, o padre ouviu em confissão, fez batizados, celebrou casamentos e celebrou a Santa Missa. Alegria maior não poderia acontecer no coração do Arlindo. Ao despedir-se, o padre tirou de sua maleta uma Bíblia, um catecismo novo e atualizado, deu de presente para o Arlindo, pois sabia que a missão continuaria. Inês e eu fomos a convite do Pe. João Mors SVD a Oriximiná onde pregamos durante quinze dias na cidade e em oito comunidades. Para chegar a cada comunidade precisávamos de muitas horas de barco. Numa destas comunidades, sempre acompanhados de um padre que celebrava a missa, fiz minha pregação como sempre. Mas neste dia resolvi contar a história do Sr. Arlindo. No final da palestra uma senhora da comunidade levantou e disse que conhecia muito bem aquela história, era aí, naquela comunidade, na casa do Arlindo, onde agora eu e Inês estávamos. Ela confirmou que o Arlindo catequizou a todos até morrer. Havia lá também uma mulher de 76 anos, que disse que tinha remado oito horas seu pequeno barco, estava lá para “ouvir a mensagem do missionário para levá-la a toda sua comunidade”. Terminadas as atividades, fomos convidados a almoçar, toda comunidade reunida embaixo das árvores, com mesas improvisadas, abundância de comida, peixes assados e outros frutos da terra. Cada um trouxe o que tinha e todos nos saciamos e ainda sobrou para que cada família levasse para casa muito das sobras. Antes de sair daquele lugar que, para Inês e para mim, era o paraíso, vieram duas senhoras e me disseram: “Nós queremos dar um presente para a esposa do missionário, podemos?” Sim claro. Chamei a Inês que conversava com um grupo de moças e elas entregaram os presentes: dois ovos, duas laranjas e um ouriço. Ouriço é um côco que tem dentro quatro castanhas do Pará. Inês caiu em prantos por tanta singeleza daquelas mulheres. Nunca esquecemos aquele momento. Até hoje tenho aquele ouriço guardado entre as muitas lembranças recebidas em missão.

Retornamos para Oriximiná, fizemos à noite a última palestra e, na madrugada do dia seguinte, seguiríamos viagem para Óbidos e Alenquer. Já era mais de meia noite quando fomos dormir. Mal tínhamos deitado, eu logo adormeci. Fui acordado pela Inês. “Padre João está te chamando”. Nessa hora!? Abri a porta e ele disse; “está aqui um jovem que acaba de chegar de uma comunidade, veio remando muitas horas, foi enviado pela comunidade para que vocês gravem uma mensagem. Quem era aquele jovem? Era daquela comunidade da mulher de 76 anos que tinha ido assistir a palestra na casa do Sr. Arlindo no dia anterior. Inês e eu, não sei como fizemos e o que falamos naquela fita cassete. Entregamos para aquele jovem que agarrou com as duas mãos aquela fita e saiu correndo. Pela manhã, saindo da cidade na carroceria de um caminhão que nos levaria a Óbidos, passamos pela praça, e lá estava aquele jovem dormindo num banco, esperando amanhecer.

Certo dia o Walter, missionário leigo de outro grupo, trabalhava na Verbo Filmes com Pe. Conrado, veio no meu escritório e disse que me conheceu no Pará. Estavam lá fazendo um filme e, visitando uma comunidade no domingo, na hora da celebração, a animadora da comunidade colocou sobre o altar um gravador e todos ouviram a mensagem que Inês e eu tínhamos gravado. Ao lado do altar estava, num quadro, o cartaz com minha foto.

Então, amigos de tantas jornadas, leigos, sacerdotes, bispos, milhares e milhares que encontrei em cinquenta anos de missão, e irmãos do Meac, tenhamos sempre em nossa vida o catecismo à mão: pode ser que o Arlindo se encontre conosco em qualquer praça da vida, e se o entregarmos a ele, o viverá e ensinará durante toda a vida. Estou convencido de que há muitos Arlindos em nossas comunidades que só não são missionários porque não houve quem neles confiasse e lhes entregasse o catecismo como proposta de vida.

Antoninho Tatto

JESUS ATOLADO

Entre as muitas viagens missionárias, aquelas em que fazíamos uma programação, normalmente 10 a 12 dias, uma me deixou inquieto por muitos anos. Estava comigo o Toninho de Barros, um grande compositor e que animava com suas músicas ao violão nossas palestras e encontros. Toninho de Barros compôs muitas músicas. Nunca fez sucesso nos meios de comunicação, mas foi um grande defensor da natureza, das minorias. Muito envolvido em suas composições com as lutas sociais dos anos de 1980. Sua música: “Não chore por mim, Amazônia” sempre arrancava aplausos e causava admiração. Bem dentro do espírito do Meac, em muitas coisas muito à frente dos tempos, Toninho traduzia bem com seu talento artístico o carisma. Nas viagens, não perdia oportunidade para compor à medida que as situações se apresentassem ou fatos despertassem nele alguma atenção especial.

Estávamos em Minas Gerais, a caminho da cidade de Caputira. As estradas estavam péssimas, uma temporada de chuvas fortes e prolongadas havia destruído o asfalto de centenas de quilômetros. Lá estávamos nós a caminho de Caputira, com muito cuidado, desviando de buracos, passando por muitos desvios e só com a graça de Deus continuávamos, apesar da chuva torrencial. Nossos cálculos para chegar a Caputira seria por volta das 16h, mas já se aproximavam as 18h, chegaríamos em cima da hora para a palestra programada na igreja. A menos de 5 quilômetros nos deparamos com um atoleiro, um caminhão caçamba carregado de areia nele afundado até a carroceria. Pelo menos 20 homens com um trator tentavam liberar o caminho. Ainda chovia muito. Ficamos esperando, dentro do carro, preocupados com o horário, sem possibilidade de comunicação com o padre. Não havia celulares como hoje! Com a chuva intensa, não podíamos enxergar o que estava acontecendo à frente, no atoleiro, pior agora que já estava escuro. Acendi os faróis da famosa Belina, e com a chuva que tinha dado uma trégua, fomos observar mais de perto. Qual não foi nossa surpresa ao descobrir que todos tinham ido embora com o trator, deixando apenas o motorista que já estava

conformado em passar ali a noite. Quando me aproximei, perguntei onde estavam as pessoas com o trator. “Foram embora, não conseguimos tirar o caminhão, agora só amanhã”. Falei que éramos missionários leigos, que faríamos uma palestra na igreja às 20h. “Sim, eu sei, o padre vem divulgando há muito tempo e o povo está entusiasmado pelo evento. Eu mesmo já deveria estar lá para participar”. E como fazemos para chegar até a cidade? A que distância estamos? “Olha moço, faltam cinco quilômetros, mas não tem jeito não, só se forem a pé”. Voltei para o carro, falei para o Toninho de Barros e, como sempre, passou a mão na barba longa que tinha e ficou me olhando. Na inocência disse: Vamos ajudar o motorista a tirar esse caminhão. Vamos, disse o Toninho. E lá fomos nós arregaçando as calças enfrentando o atoleiro. Não adiantou arregaçar as calças até os joelhos, afundamos até a cintura na lama. Analisamos a situação e, sem pensar muito, disse ao motorista: Vamos colocar estes paus aqui escorando a caçamba; você liga o caminhão, levanta a caçamba até eu gritar. Assim fez. Com isso os pneus traseiros ficaram um pouco suspensos. Colocamos pedras e paus em baixo e mandamos abaixar devagar a caçamba. Agora você arranca com tudo! Assim fez e o caminhão saiu do outro lado nos deixando cobertos de lama até o último fio de cabelo. Do outro lado do atoleiro o motorista gritou, “Não estou acreditando! Como foi possível, se passamos horas tentando?” Caminho aberto, agora era nossa vez de passar naquele atoleiro com uma Belina carregada de livros e os equipamentos de som que o Toninho usava. Bem, se Deus tirou aquele caminhão, poderá fazer mais com uma Belina. Aceleramos e entramos com tudo, com toda força do motor, espalhamos lama por toda parte, cobrindo literalmente o carro de lama. Sem conseguir enxergar onde estávamos parei o carro assim que senti que estávamos em terra firme. Estávamos do outro lado, prontos para seguir nossa viagem diante do espanto daquele motorista que não cansava de agradecer e comentar como tudo foi possível. Seguimos as orientações daquele homem e fomos embora. Chegamos à Igreja, muita gente, carros estacionados por todo lado. Estacionamos e descemos do carro cobertos de barro.

Ao lado vimos uma torneira. Retiramos os excessos de barro da cabeça, do rosto e dos braços, raspamos das roupas o que foi possível, já eram 20:30h, estávamos muito atrasados. O padre estava lá na frente animando o povo para que permanecesse no local. Foi avisado que tínhamos chegado e, muito entusiasmado, comunicou ao povo que se manifestou aplaudindo. Entramos na igreja pela lateral, fui andando naquelas condições que me encontrava. Toninho atrás com o violão na mão, lá fomos caminhando. Claro, os olhares se voltaram para nós. Uma senhora comentou, “Como podem entrar aqui desse jeito!”. O Padre, feliz, nos chamou à frente do altar e nos apresentou. Tomei o microfone e disse: quero pedir desculpas pelo atraso, choveu muito no caminho, e tivemos um imprevisto num atoleiro quando encontramos um caminhão trancando a passagem. Precisamos ajudá-lo a sair, por isso demoramos, por isso senhora, estamos nestas condições. Não poderíamos vir aqui falar de Jesus e deixar Jesus atolado na pessoa daquele motorista. O povo ficou em pé, aplaudiu muito. O grupo de jovens começou a cantar um hino de louvor. Fizemos a palestra como previsto, Toninho cantou como nunca, o Padre estava visivelmente emocionado. Quando terminamos, o Padre nos dirigiu palavras muito amáveis e deu seu testemunho. Ordenado há pouco tempo, da Congregação dos Padres Sacramentinos, recebeu no dia da ordenação um broche que é uma réplica dourada de um Ostensório. Tirou aquela relíquia e colocou no meu peito. “Esta lembrança é para que não se esqueçam do que aconteceu aqui nesta noite. Guardo comigo, mais de 30 anos depois, esta preciosidade. Apresentou-nos o prefeito com toda sua família. Ficamos ainda algum tempo conversando com as pessoas, autografando livros. O prefeito e sua família nos acolheu em sua casa de onde nos despedimos após o jantar. De madrugada saímos retornando pelo mesmo caminho. Ao chegar naquele atoleiro, com as águas baixadas pudemos ver a dimensão de tudo o que tinha acontecido na noite anterior, o que mais de vinte homens com trator não conseguiram, os Anjos deram jeito. Seguimos nossa jornada missionária, que não foi mais a mesma, depois daquele dia especial.

Antoninho Tatto

UM SONHO E UMA DESCOBERTA

Visitar a Terra Santa sempre foi um sonho que, um dia, tinha que acontecer. Chegou esse dia, final de setembro e início de outubro de 1985. Fomos, um grupo de brasileiros, entre eles Neimar e Dedé, Arthur e Margarida, eu e Inês. Jamais me esqueci daquela jornada visitando os Lugares Santos em Israel, Santuários da Europa como Fátima, Lourdes visitas a cidades como Assis, Roma e outras. Inesquecível! Como está sendo inesquecível a oportunidade que tive de estar em Israel pela segunda vez, agora com Fernanda, minha filha Kátia e o genro Fábio.

Daquela primeira viagem, nossa primeira parada foi em Madri, e só na hora do almoço é que tivemos contato com todo grupo de brasileiros para aquela histórica viagem. Foi no almoço. No restaurante do Jamon, famoso por ter seu teto e paredes forrados com enormes peças de Jamom, o mais famoso de Madri. Transcorria o almoço com conversas descontraídas, apresentações, conhecimento dos companheiros dos próximos 32 dias.

À nossa frente um casal que logo identificamos, pelo jeito bom de falar, que eram mineiros. Não sei por que, ao dizerem que eram mineiros, fiz um comentário paralelo, que não tinha nada com o momento, e muito menos com qualquer assunto. Vocês são mineiros? Um missionário nosso esteve em Minas fazendo uma série de palestras. Já no fim da viagem pregou numa cidade, não lembro se citei a cidade, e no final da palestra apareceu um cara e disse que todos que quisessem comprar livros e não estavam prevenidos, podiam pegar e ele pagava. Foi uma loucura, acabaram com o estoque e ainda este tal sujeito levou os dois missionários para casa e agora eram amigos. Foi quando o mineiro à minha frente, com um sorriso simples, disse: Pois é, veja como o mundo é pequeno, aquele cara, aquele mineiro, sou eu. Eu não podia acreditar, mas lá estavam o Joaquim Cabral, conhecido como Quincas, e a Terezinha. A nossa conversa foi longe e durou 32 dias. Não nos separamos em nenhum momento, tudo vivemos de forma muito intensa naquela viagem, fazendo da visita, naqueles Lu-

gares Santos, um encontro interior muito profundo entre nós, impregnado de história de tempos idos que agora passariam a fazer parte de nossa história. Nossa amizade continuou após a viagem, sempre nos comunicando. Em muitas oportunidades ficamos juntos na Fazenda Barreiro, em Campanário, MG, por vários dias, eu com minha família, criando um laço muito forte dos nossos filhos com Quincas, Terezinha e os mais de 30 meninos que eles adotaram e criaram como filhos amados. Antes, porém, do encontro com toda a minha família, um dia fui convidado para fazer palestra em Campanário, para a comunidade local, e de modo especial para a juventude de um grande colégio. Perguntei para uma irmã: – A senhora conhece o Quincas?

Sim, conheço muito, ele é nosso pai. Quis saber mais sobre “ele é nosso pai.” A irmã então me contou o que significava o Quincas para aquele convento. Ele abastecia com tudo o que precisavam e de modo especial com produtos de sua fazenda. Não demorou muito e a irmã me chamou e disse: – Olha, o Quincas já chegou, está na plateia. No final da palestra ele veio ao meu encontro, chorava muito. Que alegria encontrá-lo, depois daquela inesquecível viagem! Me disse que eu ficaria na casa dele naquela noite. Fiquei feliz em poder conversar mais com ele, lembrar de tantas coisas boas que vivemos juntos e, principalmente, por encontrar novamente a Terezinha. E lá fomos nós para a fazenda. Era muito escuro. Uma ou outra lâmpada acesa, não dava ideia de onde eu estava. Entrando na casa, percebi que havia muita simplicidade. Me conduziu ao andar superior, mostrou-me o quarto onde passaria a noite. Dormi muito feliz por tudo o que estava acontecendo no final de toda aquela programação que tinha vivido. Já era dia quando acordei. Não havia movimento na casa, ou, pouco movimento. Mas lá longe ouviam-se vozes, muitas. Depois descobri que eram os meninos ordenhando as vacas, muitas vacas, centenas. Ao sair do quarto, desci as escadas e fui fazendo descobertas. A primeira foi um casal de idosos, bem velhinhos, os dois cegos. Foram acolhidos por Quincas e Terezinha, pois não tinham onde e com quem ficar. Tinham lá seu quarto no andar térreo. Uma pequena sala

e a cozinha. Nenhum quarto a mais. Conclusão imediata: dormi no quarto do casal. Onde dormiram eles? E os meninos, aos montes? Próximo da casa, uma outra casa simples, mas muito bem cuidada, lá era o dormitório e o refeitório dos meninos. Após tomar café com muita conversa alegre, fomos para fora da casa e descobri a imensidão que era tudo aquilo. Uma fazenda de gado leiteiro, de cavalos Campolina, uma beleza de propriedade que contrastava com a simplicidade daquela casa. Tudo contrastava com a simplicidade de ser e viver daquele casal rico, de muitas posses, mas muito mais rico em seu ser. Quincas mal assinava o próprio nome, Terezinha tinha sido professora. E aí estavam eles, vivendo naquele espaço com muito trabalho e com muitos ideais postos em prática, a prática da caridade. Cada criança que aparecia na fazenda encontrava acolhida, ganhava um pai e uma mãe, Quincas e Terezinha. Qualquer criança que aparecia na região, encontrada por padres, freiras, autoridades, acabava na Fazenda Barreiros, onde, além de receber o carinho de uma família, encontrava muitos irmãos, acolhimento, escola, e tudo o que é necessário para uma criança se desenvolver saudável e feliz. Todas aquelas crianças aprendiam, desde cedo, a ordenhar as vacas, a montar em cavalos. Chegaram a formar uma “escola de peão” fazendo apresentações com cavalos adestrados, que dançavam e faziam exhibições lindas. Um ou outro garoto tinha o dom de cantar e, era um show nestas apresentações, ao cantarem em pé sobre os cavalos músicas do Pe. Zezinho. Esta escola de peão foi retratada num programa da Globo, apresentado várias vezes em nível nacional e fez parte de uma novela. Certa vez, Quincas foi chamado a depor no Juizado. Fora denunciado por exploração de mão de obra infantil. Diante do Juiz ele assumiu que sim, que ensinava os garotos a ordenhar e a montar cavalos. Se estou fazendo coisas erradas doutor, pode buscar as crianças para o senhor fazer a coisa certa.

Nunca mais teve problemas. Aquelas crianças, além de tudo, ao chegarem à fazenda, ganhavam um presente, uma bezerrinha. Essa bezerra crescia e, quando tinha bezerrinhos, faziam parte do patrimônio da criança. Assim, quando jovens

feitos, ou adultos, poderiam iniciar seu próprio plantel, seu negócio. O tempo foi passando e, vez ou outra, eu, Inês e nossos filhos passávamos até 10 dias com eles. Éramos acolhidos com muito carinho, agora numa outra casa, bem grande, aconchegante, com muitos quartos, varandas, uma sala grande para acolher todo mundo, mais de 30 crianças, e quem estivesse por lá. Uma cozinha muito bem montada de onde, a cada manhã, saíam bolos fresquinhos para o café. Como era bom tudo aquilo! Mas tudo isso que nos oferecia, tinha um preço, exigência do Quincas e de Terezinha. Toda noite as crianças, após jantarem, vinham para a grande sala e, lá, eu tinha que ler uma passagem do Evangelho e fazer uma reflexão com todos. Ao domingo todos íamos à missa na cidade. Ao retornar, todos para a gruta encrustada no morro onde eu tinha que fazer uma palestra. Quanta ternura, quanta doçura no olhar de tantas crianças atentas, e quantas emoções vivemos lá. Foram muitas estas visitas com tudo isso acontecendo. Certo dia recebi um telefonema do Quincas. Estava muito triste. Havia feito uma programação de doze dias para um dos nossos missionários e agora não podia cumprir com aquele compromisso. Tudo programado, cada dia numa cidade e, em alguns dias, em duas cidades. “Não pode ser cancelado, você precisa fazer este roteiro, atender essa gente, e só pode ser você, por isso e por aquilo...”. E lá fui eu durante 12 dias, de cidade em cidade, acompanhado pelo Quincas, encontrando multidões em praças públicas, igrejas, clubes. No primeiro dia, saímos de Campanário rumo a Coronel Fabriciano. Paramos para abastecer a caminhonete. Quincas abriu o porta malas do carro, tirou diversos livros, e entregou ao frentista para que distribuísse aos colegas e familiares. Vai marcando aí, me disse. Durante todos os dias, a cada momento em que estávamos sós, no carro em viagem, no quarto e em todo e qualquer momento, foi me contando, entre lágrimas e sorrisos, sua história. E, que história! Parece que estou escutando ainda hoje narrando cada fato de sua vida, cada etapa, desde a juventude até aquele momento que agora construíamos juntos. Tinha um grande tesouro, a sua família. Cada filho era uma pedra preciosa aos seus olhos, e bálsamo para seu coração,

muitas vezes ferido. Só havia gratidão em suas lembranças. O sofrimento que tivera era sublimado pela lembrança das conquistas e pela fé que sempre fortaleceu seus dias. Um homem de fé, que acreditava firmemente num grande amor que o acompanhava desde todo o sempre. Não tinha vergonha de falar de Jesus, de Deus, daquilo em que acreditava. Derramava-se em lágrimas durante as palestras e, ao final de cada uma, vinha perto e dizia, muito obrigado. Sempre agradecia. Aquilo me deixava contente, animado, entusiasmado para pregar ainda melhor. Me contou como e porque estava casado com Terezinha, sua primeira namorada, seu primeiro amor. Guardo desse homem, em meu coração, muitas histórias que fortaleceram meu casamento, que deu rumo a tantos momentos difíceis que enfrentei.

Foram doze dias de aprendizado intenso, bebendo da sabedoria de um homem maduro na fé, na vivência humana, na vida profissional e no convívio com as pessoas. Tinha sempre uma palavra de ânimo, comunicava paz com suas histórias de vida, com os percalços que ficaram para trás. De tudo tirava proveito, lições de vida e não guardava para si, partilhava com gratidão e alegria. Em tudo dava graças a Deus. Testemunhei numa manhã na fazenda, numa das visitas com toda a família, que um dos meninos veio a galope no cavalo e disse: seu Quincas, a vaca deu cria, é uma bezerrinha e ele tirando o chapéu, gritava, graças a Deus. Veio outro e disse, uma vaca caiu na ribanceira, tá morta. Tirando o chapéu, olhou para o alto e disse, graças a Deus. Comentei com ele certo dia sobre isso, mesmo nas coisas ruins você dá sempre graças a Deus. Sim, disse ele, tenho que dar graças a Deus sempre, e aí de mim se não fosse o chicote de Deus.

Explica melhor isso: – Olha meu filho, se não fosse o chicote de Deus, eu seria o pior dos homens.

Era uma maravilha estar com ele, conversar sobre todo e qualquer assunto. Na sua simplicidade, homem que não teve oportunidade de estudar, transmitia muita sabedoria. É pena que não posso contar alguns fatos que conheci da vida do Quincas. Acredito, sinceramente, que foram confissões que devo guardar no coração e lembrar com saudade, gratidão.

Mas digo com emoção, alguns doeram, sangraram e até hoje sinto o quanto o fez sofrer. Mas ele tudo perdoava. Tinha pela Igreja um profundo amor, acreditava nela, fazia o que determinava sem questionar, obedecia certo que nas suas determinações estava a vontade de Deus. Quanto aprendizado naquele curso intensivo de doze dias. Quando retornamos da viagem, os dois estávamos contentes, gritávamos dentro do carro como crianças, cantávamos desafinados com todos os pulmões, músicas do Pe. Zezinho. Aliás, Jean Carlo, um dos nossos missionários, grande talento, cantor cego de muitos sucessos, dizia que eu era tão desafinado que desafinava até respirando.

Terminou nosso roteiro, precisávamos voltar à nossa rotina, eu na empresa e na família onde Inês, como sempre, era a grande fortaleza. Ele, para cuidar da fazenda, sua família, seus meninos, suas vacas e cavalos. Mas antes tirou do carro os livros que sobraram da viagem. Me entregou um cheque assinado em branco. “Veja quanto é todos estes livros, os que distribuí durante a viagem, coloque junto as despesas que teve para chegar até aqui, e agora voltar, preencha o cheque e muito obrigado pela oportunidade de estar contigo nestes dias”.

Assim foi, em cada posto de gasolina, em cada casa, a cada pessoa que conversava ou que conhecia, entregava livros. Tinha um propósito. “Eu não sei pregar, mas preciso evangelizar, senão o chicote de Deus me alcança”. A casa da fazenda, a casa grande, era ponto de parada obrigatória para qualquer um dos missionários do Meac quando passassem pela região. Naquela fazenda, as irmãs e os padres de Campanário faziam encontros, retiros de jovens, centenas deles, aos finais de semana. Era lugar para o Padre, o Bispo, descansarem das lutas de cuidar do povo de Deus. Era lugar de acolhimento de quem precisasse na região, seja para trabalhar ou simplesmente para matar a fome. Isto é apenas a ponta do icebergue de uma figura ímpar que nós, os missionários do Meac, encontramos nos cinquenta anos andando pelo mundo: um ser humano pelo qual temos uma profunda gratidão. Irmão na Igreja, irmão no Meac e em seus trabalhos.

Antoninho Tatto

CONCLUSÃO

Reflexão: Por Antoninho Tatto, com comentários de Wagner Pedro Menezes.

O Missionário:

Diante dos desafios, dificuldades, não evoca para si a glória de sofrer pela causa, se esforça para superá-las ou conquistar o que é preciso. Se alegra quando vê os frutos e faz festa para celebrar. Ao divulgar o que faz, quando conta para os outros suas experiências, não o faz para se gloriar, mas para declarar, testemunhar a beleza e validade do trabalho missionário. É para inspirar.

Jesus nos declara: Vós sois o Sal da terra, Luz do mundo. A propósito desta afirmação, Pe. Adroaldo Palaoro SJ, faz uma belíssima reflexão, propícia para nós.

O sal não pode salgar a si mesmo, não lhe é útil para nada. Mas é imprescindível para o alimento, para ressaltar seu sabor. O humilde sal é feito para os outros, para que os outros sejam eles mesmos. Ele garante o sabor, com a condição de que se dissolva. O sal é um dos produtos mais simples, mas imprescindível para nossa alimentação, dá sabor à comida e conserva os alimentos. O sal atua no anonimato. Na quantidade certa no alimento, nem lembramos dele. Mas quando falta sal no alimento ou tem demais, aí sim lembramos dele.

Não se pode comê-lo diretamente. Se não há comida, o sal é simplesmente veneno. O que importa não é o sal, mas a comida temperada com sal. Quando a comida tem excesso de sal se faz intragável. A dose tem que estar bem calculada. O sal tem uma identificação com o mar. Há uma atração de vida. O sal deseja sempre saber sua identidade. Só a descobrirá quando entrar no mar, sua fonte de vida. Mas ao contato com o mar, percebe que derrete, se consome. Mas não se perde, não deixa de existir, ao contrário se fortalece e se enche de mais vida, se torna maior, se torna ele mesmo, o sal, o próprio mar. *(Boneco de sal: Frei Edilson)*

Wagner: *Quem ignora o mar, ignora a vida. Mesmo aqueles que nunca o viram pessoalmente, não conhecem sua imen-*

sidão, não sentiram ainda sua brisa refrescante ou suas ondas borbulhantes, têm, no inconsciente, uma ideia a seu respeito e imaginam sua grandiosidade, sua beleza. No interior, quando criança, mesmo sem nunca ter visto o mar, procurava ouvir seu som que – segundo nossa inocência – era prisioneiro no eco do interior de um simples e pequeno caracol. Aquele estranho som nos dava ideia da magnitude do mar. Mesmo distante dele, sabíamos de sua grandeza.

Assim somos nós. Há uma identificação natural entre nós e Deus que precisa ser explicitada. Descobrimos que somos incompletos, buscamos, sempre mais, o grande, o perfeito. Não nascemos para pequenas coisas. No Batismo somos inseridos no grande projeto de Deus, em Jesus Cristo. A Igreja nos indica um caminho a seguir, diz que precisamos caminhar nele. E o caminho é Jesus. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Para encontrarmos nossa identidade precisamos entrar neste caminho, nos inserir em algo que nos consome, mas que, ao mesmo tempo, nos completa e dá sentido a nossa vida. Esta identidade só será plenamente conhecida quando a entrega é total. Já não sou eu quem vive, é Cristo quem vive em mim, declara São Paulo. O missionário, na inserção, não se perde, se encontra, se fortalece e se completa. Mas como o sal, o missionário, para ser eficaz, deve desaparecer. Desaparecer em sua forma pessoal, mas ser percebido em sua substância, testemunha de Cristo, que interfere na vida das pessoas, lhes dá sentido na vida. Mas diferente do sal que não serve nada para si mesmo, o missionário, sua ação, é eficaz para si, para que sua salvação e para os que é sinal, é testemunho.

Wagner: *Nosso grande embate diante dos desafios é a incerteza da vitória, a insegurança diante do inimigo ou mesmo a relutância... Quando isso se dá no campo da fé, somos derrotados antes mesmo do inimigo nos ameaçar. Na vida missionária, quando deixamos eclodir o medo, a incerteza, estamos renegando a fortaleza de Cristo em nós. Ao contrário de Paulo, que se deixou transubstanciar em Cristo – nele a comunhão plena o fez forte, destemido – para enfrentar com*

serenidade os desafios da missão, dando perfeita continuidade ao que foi o trabalho evangelizador do próprio Cristo. Por isso sua missão se sagrou perfeita, exuberante, eficaz. E brilhou em seu apostolado fervoroso, com o testemunho de vida e da vida oferecida em holocausto.

A Luz não serve para si mesma, mas para revelar o que está no escuro, o que precisa ser visto, o que já existe. A escuridão nos paralisa; tudo está aí, mas não podemos nem nos mover. Uma pequena luz põe as coisas em seu devido lugar, nos faz capazes de contemplar a beleza presente em tudo. É como o primeiro momento da Criação: “Faça-se a luz”, e a partir daí o caos foi se transformando em cosmos.

A Igreja nos possibilita o trabalho missionário não para sermos vistos, aplaudidos, aclamados, mas para possibilitarmos que ela seja vista, e nela todos possam descobrir sua essência, portadora da mensagem de Jesus.

Deus revela, potencia, ilumina, dá sabor. A pessoa que vive descentrada de si mesma torna-se um canal por onde passa a mesma luz divina. Não a impede, não a retém e nem se apropria dela, mas permite que a Luz divina ilumine tudo.

Ser luz, significa explorar nossas possibilidades humanas e espirituais e pôr toda essa riqueza a serviço dos demais. Devemos ter cuidado de iluminar, sem deslumbrar.

Ninguém é “a” luz, mas tem um pouco de luz. E todos compartilhamos mutuamente a luz que vem de Deus. Nossa pequena luz reforça e ativa a luz presente no outro.

Não podemos esquecer outro aspecto importante nas duas imagens usadas por Jesus. O sal, para salgar, tem que desfazer-se, dissolver-se, deixar de ser o que era. A lamparina ou a vela produzem luz, mas o azeite ou a cera se consomem. O Evangelho nos questiona: Como devemos ser sal e luz? “Para que vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai”. A única maneira eficaz para transmitir a mensagem é a ação, são as obras. Uma atitude verdadeiramente evangélica se transformará inevitavelmente em obras.

Wagner: *Nesse aspecto, a glória não nos pertence, pois dela somos meros instrumentos. O semeador é Deus, que usa de nossas fragilidades para espalhar as sementes. Quando muito, espalhamos junto a cizânia, a erva daninha que nosso desleixo no trabalho coloca junto com a boa semente que Deus nos confiou. Mesmo assim, a providência permite que o campo desabroche e produza seus frutos à sombra das nossas “cizânias”, nossa negligência com a obra – para só então separar o joio do trigo, o que é bom do que é ruim. Mas o bem é maior. Sempre vence. Por isso, mesmo com nossas imperfeições, devemos encarar o trabalho confiantes de que seus frutos virão, bem ou mal semeados.*

Grupo: Meac

Deve ter como meta ser um centro permanente de envio de missionários. A importância do grupo Meac é ter participação ativa orientada e em comum. O Meac deve ser uma força motriz que testemunha e ajuda a testemunhar a vitalidade das paróquias.

Não deve acreditar que, uma vez estabelecidas as regras para o grupo, essas tenham validade eterna e que todos permaneçam para sempre fazendo sempre a mesma coisa, da mesma forma. A novidade sempre aparece, pois o Espírito sustenta a novidade que renova.

O exercício da democracia passa pela rotatividade de comando. Depois de certo tempo, a rotina de comando só serve para fortalecer as ferrugens das ideias e a vaidade perversa. Para não corrermos os riscos de tais perigos é importante olhar e ouvir as experiências que surgem nas diversas regiões e de modo especial, os de longe dos centros de comando.

Novas ideias e formas de Evangelizar surgem tanto dos velhos como dos novos companheiros. Aquele faz, por isso aplaudo o que faz. O passivo não é humilde, é preguiçoso. Ainda precisamos crescer muito nisso.

Para isso precisamos aprofundar nossos estatutos para descobrir sua essência missionária prática, e avançar no que o Espírito Santo indica com as atitudes individuais, que são autênticas em cada um, mas que podem parecer estranhas

para os demais. É preciso expressar as diferenças de opiniões exercitadas e fecundas, que produzem resultados. Se apresentam respostas efetivas nas experiências do dia a dia, são autênticas, e convergem para as regras originais que inspiraram ações que, por sua vez fazem descobrir mudanças. Se houve possibilidades de novas e pessoais experiências a partir do ponto de nossas normas estatutárias é porque eram inspiradoras e corretas. Só o que é real produz coisas boas, mesmo diferentes das que iniciamos como projeto acabado. O que vem do Espírito Santo não é projeto acabado: é sempre projeto inspirador, jamais exclusivo de iluminados, mas ao alcance de todos os que se abrem ao Seu sopro. Por isso é preciso ter mais ousadia nas mudanças. O “**sempre foi assim**” é retrógrado. Todos somos convidados a repensar os objetivos, os métodos, estilos de evangelizar como leigos. Mas sem busca comunitária dos meios para alcançar os objetivos, se traduz a mera fantasia. Os estatutos devem nos remeter à união, sem unificar as ideias. Toda norma deve ser indicativa, não impositiva. Sua aplicação deve ser sempre na proporção adequada, sem, no entanto, perder a essência do seu objetivo. Se a evangelização é o foco, a norma indica e se adéqua, para que aconteça a finalidade desejada, evangelizar. E a avaliação da eficácia dela será olhar para os frutos temporais, apesar das fragilidades que nos envolveram. O tempo de perseverança daqueles que iniciaram a caminhada lá atrás, indica claros sinais de que aqueles sentimentos eram fruto do Espírito que soprava naqueles caminhantes da primeira hora, capazes de manter ao longo do tempo, a perseverança, dos que acreditaram no projeto.

Wagner: *Lembrando também que nenhuma obra perdura por tanto tempo sem as bênçãos e o consentimento daquele que a inspirou. Sendo uma obra divina, não nos compete o orgulho por seus feitos já históricos, mas a gratidão humilde e generosa por nos permitir chegar até aqui. É fato que logo estaremos passando o bastão para sucessores que a providência e o Espírito irá suscitar. Outra será a realidade e outras as necessidades. Mas a prática missionária não muda, desde que*

Cristo a confiou a seus seguidores. “Ide” continua imperativo. E sempre será uma ordem de compromisso com a realidade que nos cerca aliada à prática do que Ele nos ensinou.

Se nossa prática não estiver sintonizada com o que pregamos, é preciso rever os objetivos das normas que abraçamos. Se o que pregamos não nos leva à prática, nossas normas estão desfocadas da norma das normas, o Evangelho. É por isso que precisamos escutar bem, a nós mesmos. Prego mais a norma ou a graça que ela deve indicar? A norma deve favorecer a pregação e vivência da graça. Para isso é indispensável respeitar as múltiplas formas de pensamento. A liberdade responsável de agir e pensar ajuda a aprofundar e descobrir a riqueza do nosso ideal, da nossa missão. Toda expressão pessoal, todo pensamento pessoal, se voltado para o coletivo está isento do egoísmo e da promoção própria. O contrário não é válido. Na intenção pessoal deve estar a coletiva para dar consistência à nossa prática. Só a boa intenção não basta, é preciso ser explicitada na prática. Não podemos deixar que o nosso trabalho pessoal, com interesses unicamente pessoais, pareçam ser cooperadores do coletivo: é preciso que o sejam de fato. Quando pensamos que estamos dando testemunho, estamos nos iludindo, pois os frutos viciosos não tardarão. Jesus desejou que sejamos um.

Wagner: *A unidade requer, sobretudo, sintonia, adesão. “Como o Pai me enviou, eu também vos envio”. Em conformidade à missão de Cristo e com a mesma incumbência que o Pai lhe segredou, a missão que era dele agora é nossa. Somos sublimados na bênção e na graça de um envio que em nada difere da missão de Jesus na Terra. Somos “outros cristos” no mundo. Essa identificação deveria permear o coração dos que assumem para si tamanha incumbência, tão santa responsabilidade. Não se concebe um missionário fora dessa unidade, distante da vida de Cristo, da mística de Cristo, do despojamento de Cristo, da submissão de Cristo...*

Com certeza já foi experimentado por todos o sabor do fracasso missionário. A prática era voltada para o ideal coletivo, mas o resultado foi apenas pessoal. É a frustração daquilo que esperávamos. Precisamos rever posições pessoais, ver se são sinceras. Sabemos que sem cruz não há ressurreição.

A cruz é uma presença feliz das retas intenções. Por isso precisamos reconhecê-la e abraçá-la. Apesar de toda entrega que pensamos estar fazendo, não temos demasiada preocupação para nosso próprio interesse? A resposta estará no grau de felicidade que sentimos no trabalho. Se a opção missionária não nos torna pessoas felizes, é porque a entrega não é real. Nossa obsessão em olhar o que tem o outro, o que faz o outro, limita o poder do que seríamos capazes de fazer com alegria.

Wagner: *Que saibamos agir não em nome pessoal, mas no abandono de nossas incertezas e limitações, para que possa aflorar em nós a grandiosidade Daquele que se deixou representar por nós.*

Que os interesses pessoais, as convicções pessoais não se moldem ao nosso fraco discernimento, nos interesses econômicos e segurança pessoal, roubando o entusiasmo missionário. Leigos com medo de “perder tempo” pelo Reino. Se a semente não morrer... que fruto dará...? Como é difícil mergulhar desinteressadamente na missão. Como é difícil aceitar com alegria as dificuldades que impõe a missão! Local onde missão é sinônimo de precariedade. E como a sentimos! E quando desafiamos a dificuldade, temos a tentação de usar como troféu, depois que tudo passa. Poderia ser uma entrega na alegria, no amor, entrega total, desinteressada, por amor a Deus e Seu Reino. Por que não é assim...?

Quando vamos à missão temos ainda dificuldade de aceitar com alegria e caridade o pouco conforto? Que estreitamento pessoal real temos nesses campos de missão com tantas adversidades? Somos facilmente inclinados a fortalecer laços com os que nos oferecem o que deveríamos levar.

Wagner: *Como é difícil sepultar dentro de nós o orgulho próprio, a vaidade pessoal, para deixarmos florescer a beleza e simplicidade evangélica! Essa é a maior dificuldade do missionário que não se esvazia de si próprio antes de exercer sua função. O maior perigo do fracasso da Igreja é a arrogância de seus pregadores. Quando a meta não é apenas “fazer discípulos”, mas “adeptos submissos” ou “contribuintes, financiadores de um projeto”, melhor seria esquecermos que o batismo um dia nos enviou ao mundo, como cordeiros entre lobos. O segredo está na confiança cega e irrestrita que qualquer missionário deve depositar na Providência Divina. Sem ela, nada somos, nada faremos. E muitos ainda teimam em inventariar o sucesso da missão contando o número de adeptos, não de discípulos. Discípulos e missionários!*

A dificuldade da missão é inerente ao objetivo dela. Quando o econômico e a segurança estão à frente, é porque carece de mais espiritualidade, única a preencher o vazio interior. O espiritual, a ação do Espírito Santo torna fácil qualquer fadiga. Se isso não é perceptível é porque nos propomos a projetos não razoáveis ou porque queremos que tudo caia do céu. A lei do menor esforço se contrapõe ao esforço que supõe a graça. Fazer o que se pode.

Wagner: *Esse é o mínimo. O resto virá por acréscimo das bênçãos. O pouco que fazemos, somado ao pouco do outro (cinco pães e dois peixes) é que produz o milagre da multiplicação e fará sobrar muitos cestos para alimentar multidões. O essencial é nós dispormos generosamente do pouco que temos, que somos.*

É preciso colocar neste contexto as normas constitucionais dos organismos que nos inspiram, a Igreja, o grupo, a direção espiritual, os pares. Estes são facilitadores ou causa dos sucessos ou dos insucessos? Os frutos, são frutos da graça?

O objetivo de um grupo missionário não é ser conhecido, mas fazer conhecer a Jesus e Seu projeto de Amor.

ÍNDICE

É hora de refletir, avaliar, planejar	6
MEAC, ardor e ímpeto apostólico	9
Histórico do MEAC, pelo fundador Neimar de Barros	11
Jubileu de ouro do MEAC	13
Parece que foi ontem	16
Um pouco da nossa história	18
Resumo temporário	24
Minha opção pelo MEAC	25
Dia desses, festejávamos os quarenta	26
A verdade de Neimar de Barros	29
Notícias para difamar a Igreja	31
Recordações que ainda marcam	32
Alegria e Paz	33
Um pouco dos missionários	34
O sol nasceu para todos	36
E agora, José?	38
Agora é com você, Valdice	42
De J. Kennedy a J. Fonseca	44
Cardoso, um sonho e um violão	49
O repórter que perdeu o foco	52
A rosa e o repolho	54
Tatto e sensibilidade	56
Inês de Jesus	58
Urbano, o músico da Fé	60
Conheceram-se numa favela	62
O canto do Rouxinol	64
Apaixonou-se por uma foto	66
MEAC Feira de Santana	68
Uma história de dor e superação	74
Começamos assim	76
E continuamos assim	78
Minha experiência da vida no MEAC	82
MEAC em minha vida	83
Testemunho	85
Opção, ser missionário	87
Depoimento de Antoninho Tatto	90

Dona Maria, missionária que despertou missionários	92
Uma palavra sobre nosso fundador, Neimar de Barros	94
História de vida, um pouco da minha caminhada	98
O MEAC e sua maturidade	101
Dízimo na caminhada do MEAC	108
Dízimo Expressão Forte de Comunidade	121
Projeto Diocesano da Pastoral do Dízimo	129
MEAC e a Pastoral do Dízimo	134
Nossa Mãe Negra	143
Maravilhosas experiências do Dízimo	145
A palavra de Deus no lixo	149
Responsabilidade missionária de todo batizado	151
Depoimentos	154
Uma inesquecível recordação	157
MEAC, uma bênção para a Igreja no Brasil	161
Gratidão MEAC	168
Ai de mim se eu não evangelizar	171
Um convite para fazer história que mudou minha vida	173
Experiência com os missionários do MEAC	178
O MEAC em nossa vida	181
Histórias na história	184
Jesus atolado	187
Um sonho e uma descoberta	190
Conclusão	196

**Em breve, segunda parte do livro em edição digital,
para download gratuito no site: www.meac.com.br**



Missionários para
Evangelificação e
Animação de
Comunidades

Apresentamos a história da caminhada do Meac ao longo de 50 anos, com testemunhos de cada missionário leigo que fez e faz parte do Meac.

As imagens compõem a história, falam dela, construíram a cada passo um fragmento de tudo o que aconteceu.

Quando tudo começou, os primeiros missionários leigos visitavam comunidades, pregavam, testemunhavam. Para que a mensagem não se perdesse, enviavam mensalmente milhares de cartas, chegamos a mandar 10.000 por mês, envelopes datilografados um a um. Como cabeçalho da mensagem iniciamos colocando uma imagem, não era um logo, mas era o que nos representava: Imagem do profeta com seu cajado tirada do livro de Neimar de Barros, nosso fundador, "Profecias de um ExAteu".

Mais tarde Nelson de Moura criou para nós o logo do profeta, dando a ideia de mundo com multidões estilizadas, como podemos ver acima, que nos identificou por mais de 10 anos. Mais tarde Nelson de Moura nos ajudou, mais uma vez, criando nosso logo que fala do Meac até esta data. **Meac: Missionários para Evangelização e Animação de Comunidades**, sempre a caminho, por isso o símbolo do Cajado.

Muitos fizeram parte desta história, não só os missionários do Meac, mas cada pessoa que um dia teve contato com um de nós. Com todos, desejamos, queremos, convidamos a continuar caminhando.